

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**KARIN GOSTEK PESSOA**

**ABRINDO O LIVRO DE MEMÓRIAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A  
TRADUÇÃO DO LIVRO “GEDENKBUCH ZUR  
JAHRHUNDERTFEIER DEUTSCHER EINWANDERUNG IM STAATE  
SANTA CATHARINA”**

Florianópolis

2009

**KARIN GOSTEK PESSOA**

**ABRINDO O LIVRO DE MEMÓRIAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A  
TRADUÇÃO DO LIVRO “GEDENKBUCH ZUR  
JAHRHUNDERTFEIER DEUTSCHER EINWANDERUNG IM STAATE  
SANTA CATHARINA”**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução

Orientadora: **Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Meta Elisabeth Zipser**

Florianópolis, 27 de Fevereiro de 2009



## TERMO DE APROVAÇÃO

### ABRINDO O LIVRO DE MEMÓRIAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO LIVRO “GEDENKBUCH ZUR JAHRHUNDERTFEIER DEUTSCHER EINWANDERUNG IM STAATE SANTA CATHARINA”

Dissertação submetida à aprovação como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Estudos da Tradução – Teoria, Crítica, História da Tradução e Tradução Jornalística pelo programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia Guerini  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação  
em Estudos da Tradução

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Meta Elisabeth Zipser  
Orientadora / Presidente da Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Paulino Vandresen  
Membro externo UCPel

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Damiani Costa  
Membro UFSC

---

Prof. Dr. Ronaldo Lima  
Suplente UFSC

Florianópolis, 27 de Fevereiro de 2009

## AGRADECIMENTOS

Tudo começou com a leitura do Livro de Memórias que me proporcionou primeiro o encantamento e mais tarde a decisão em traduzir alguns relatos de vivência. Realizar essa tarefa foi sem dúvida um desafio para mim, mas como Umberto Eco mesmo diz que traduzir é interpretar, negociar, apostar... eu apostei. O caminho percorrido até aqui gerou prazer, dúvidas, muita pesquisa e, sobretudo conhecimento. Agradeço sinceramente a todos que contribuíram para que eu concretizasse esse trabalho acadêmico:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Meta Elisabeth Zipser, minha orientadora, pela sua dedicação, paciência, orientação, observações pontuais – meu carinho, respeito e admiração.

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Lúcia Vasconcellos e Prof. Dr. Ronaldo Lima, Membros da Banca Examinadora, pela atenção, sugestões e incentivo com relação ao meu trabalho.

Prof. Dr. José Roberto O’Shea pelas sugestões e permissão à frequência de suas aulas.

Prof. Dr. João Klug pela disponibilidade em me receber quando efetuava a pesquisa e pela indicação de leituras.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria José Damiani Costa, pelas sugestões e indicação de leituras.

Colegas do TRAC, pela colaboração com sugestões referentes ao meu trabalho.

PGET pela oportunidade e apoio.

Marivone Bedin e Ana Lucia Vila de Oliveira Araújo, pela atenção e auxílio nas questões referentes à Secretaria.

Sra. Hannelore Sybille Kirchhoff, do Instituto Martius-Staden, pela gentileza e auxílio com relação à pesquisa.

Luciane Reiter Fröhlich e Mônica Fünfgelt, pela nossa amizade, carinho, contribuição e incentivo constante. Iria Pieritz pela contribuição na pesquisa.

Sybille Kaiser e Jürgen, pela gentileza e auxílio na pesquisa.

Herbert Ebler e Dr. Wolfgang Leidholdt, pela gentileza e colaboração na pesquisa.

Silvana Ayub Polchlopek pela gentileza e contribuição com a língua inglesa.

Marcelo e Fabíola, meus queridos, pela colaboração e compreensão.

## RESUMO / ABSTRACT

O presente estudo se refere à análise tradutória, com apoio na teoria de Christiane Nord, de recortes do livro “Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina” (“Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina”), composto de relatos de vivência de imigrantes e filhos de imigrantes alemães, redigidos em alemão, editado em 1929 pela Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, em Florianópolis, com o propósito de mostrar a perspectiva tradutória para textos de perfil histórico, considerando-se épocas diferentes de escritura e públicos-alvo distintos.

**Palavras-chave:** Tradução. Imigração Alemã. Cultura.

This research refers to the translation analysis from parts of the book “Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina” (“Book of memories to celebrate the centennial of the German immigration in Santa Catarina”) with the support of Christiane Nord. It presents reports of German immigrants’ life experiences, as well as their families, and was published in 1929 by Central Bookstore Alberto Entres & Irmão, in Florianopolis. The research aims to show the translation perspective for books with a historical profile, taking into consideration different periods of writing production and distinctive target audiences.

**Key-Words:** Translation, German Immigration, Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I</b> <b>ABRINDO O LIVRO DE MEMÓRIAS.....</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO II</b> <b>A TRADUÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS, A TEORIA</b> <b>DE CHRISTIANE NORD E OUTRAS VOZES.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO III</b> <b>DISCUTINDO A TRADUÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS:</b> <b>ALGUNS RECORTES.....</b>	<b>17</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO A – TEXTOS ORIGINAIS E SUAS TRADUÇÕES</b>	
<b>ANEXO B – RECORTES DE TEXTOS ORIGINAIS</b>	
<b>ANEXO C – SELEÇÃO DE FOTOGRAFIAS</b>	

“Depois da concisão, a virtude que mais agrada ao leitor é a simplicidade no estilo. Quem é simples no estilo é claro no dizer” (Danton Jobim).

## INTRODUÇÃO

O livro intitulado “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”) não foi de imediato pensado como corpus para a minha dissertação. Esse processo foi lento em que a idéia foi amadurecendo aos poucos até que a decisão chegou.

O interesse foi tomando proporções maiores com o avanço da leitura diante do conteúdo precioso do livro e por esse se apresentar todo escrito na língua alemã. Essa língua que já fora discriminada no passado por ocasião da implantação da nacionalização por Getúlio Vargas, em 1930 ainda timidamente, mas a partir de 1937, medidas mais repressivas foram executadas, atingindo, assim, os imigrantes alemães estabelecidos em solo brasileiro.

Passado esse período conturbado da História do Brasil, em 2009 serão comemorados os 180 anos da imigração alemã em Santa Catarina, cuja festividade dará enfoque à cultura e à língua alemã, homenageando os imigrantes que deixaram o seu país, que almejavam uma condição de vida melhor, se instalaram em terras brasileiras e com a sua organização, perseverança e força conseguiram se desenvolver e contribuir para o progresso do Brasil.

O presente trabalho tem por objetivo efetuar o resgate histórico e lingüístico através de recortes do livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”) que se encontram redigidos em alemão. Os relatos de vivência contidos no livro são de imigrantes e filhos de imigrantes alemães. A edição, pela Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, ocorreu em Florianópolis em 1929.

O recorte principal para esta pesquisa representa quatro relatos que serão traduzidos e comentados, adaptados para a época atual (2008), com o propósito de divulgar a experiência tradutória para a comunidade acadêmica, contribuindo, assim, com a pesquisa na área da tradução e história da imigração alemã. O processo tradutório tem apoio na teoria de Christiane Nord (1988).

Tratando-se de um livro raro com poucos exemplares existentes atualmente, a tradução exerce um papel vital: propicia ao leitor o contato com o texto sem que ele tenha que necessariamente dominar a língua estrangeira. Assim, é de suma importância tornar o contato possível com o público-leitor da língua portuguesa interessado na história da imigração, nos acontecimentos daquela época para compreender também todo processo evolutivo até os nossos dias.

Os relatos, segundo informações recebidas, foram elaborados sob encomenda para compor o livro para a data comemorativa: os cem anos da imigração alemã. Hoje (2008), passados 79 anos, esses mesmos relatos passam a ter outro enfoque, não mais apenas informativo, mas também histórico. Neles há registro das experiências vividas, dos costumes, da fundação de pequenas povoações que se desenvolveram e se transformaram em cidades maiores. Enfim, todo o processo de desenvolvimento se encontra registrado nas diversas páginas do livro. Um legado deixado pelos imigrantes, fortalecendo, assim, a sua língua e a sua cultura.

Com relação à língua falada pelos imigrantes, acredito na hipótese de que a língua alemã sofreu influência por ter estado em contato com a língua portuguesa.

Passemos agora para a estrutura do trabalho.

O capítulo I menciona os aspectos do livro, anteriormente citado, uma breve contextualização histórica do Brasil e da Alemanha, observações acerca da linguagem e termos encontrados nos relatos.

O capítulo II aborda a teoria de Christiane Nord juntamente com a colaboração de outros teóricos.

O capítulo III apresenta a análise tradutória de quatro relatos que fazem parte do recorte principal do livro já mencionado, assim como observações de algumas passagens relevantes para a tradução.

Em Considerações Finais, o assunto apresentado na dissertação é retomado e concluído e por fim, são apresentadas as Referências Bibliográficas como também os Anexos, que estão divididos em Anexo A que contém a tradução dos quatro relatos e os respectivos textos originais; Anexo B apresenta os recortes de textos originais, onde, neles, termos da linguagem empregados pelos imigrantes se encontram grifados e por último, o Anexo C com as fotografias das personalidades de destaque na época (1929).

## CAPÍTULO I ABRINDO O LIVRO DE MEMÓRIAS...

O livro *“Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina”* (*“Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina”*) é composto de 302 páginas, reúne relatos de dezessete imigrantes e filhos de imigrantes alemães do séc. XIX, escrito no idioma alemão, organizado por Gottfried Entres<sup>1</sup> e publicado em Florianópolis em 1929.

Abrindo o Livro de Memórias encontramos fotografias de personalidades importantes da época estampadas nas páginas iniciais. A primeira fotografia que surge é a do Dr. Washington Luis Pereira de Souza, então Presidente do Brasil; algumas páginas adiante, encontramos o Presidente do Reino von Hindenburg, marechal alemão com grande destaque durante a Primeira Guerra Mundial e depois Presidente da Alemanha de 1925 a 1934. Mais adiante, a de Dr. Adolfo Konder, Governador do Estado de Santa Catarina e, em seguida, a de Dr. Vitor Konder, Ministro do Transporte.

Nota-se que a presença dessas fotografias nas páginas iniciais do livro tem cunho político, trazendo figuras do cenário político na época da edição do livro em 1929: o Presidente do Brasil, Presidente da Alemanha e os irmãos Konder, um Governador do Estado de Santa Catarina e o outro Ministro do Transporte, filhos do imigrante alemão, Marcos Konder (Senior). Consta uma dedicatória ao pai no relato assinado por Marcos Konder: *“a vida de um alemão, que presenteou o Estado de Santa Catarina com um Presidente e a República do Brasil, com um Ministro”*<sup>2</sup> (tradução minha).

Entre as páginas com fotos de personalidades políticas há duas poesias, uma intitulada *“Ao Brasil”* (*“An Brasilien”*), e a outra *“Alemanha, magnífica pátria”*<sup>3</sup> (*“O Deutschland, herrliches Vaterland”*). Na primeira, o imigrante quis deixar registrado o seu carinho por essa terra, e na segunda demonstrar o amor à pátria que ele não esqueceu. Adiante um pouco, encontramos o hino do Estado de Santa Catarina.

<sup>1</sup> Gottfried (Godofredo) Entres, natural de Munique, Alemanha, fez parte dos exércitos alemães durante a Primeira Grande Guerra, lutando como voluntário desde 1914 até 1917. Após o conflito, foi promovido ao posto de tenente da reserva, qualificação que perdeu pelo Tratado de Versalhes. Naturalizou-se brasileiro.

<sup>2</sup> Das Lebes eines deutschen Mannes, der dem Staate Santa Catharina einen Präsidenten und der Republik Brasilien einen Minister schenkte (ENTRES, p. 271). Informo que os títulos em alemão citados nesse trabalho, salvo algumas exceções, foram traduzidos por mim; quando faço uso de traduções oficiais, identifico-as.

<sup>3</sup> Apud SEYFERTH, 2004.

Consta no prefácio que em 1929 foi realizada uma chamada para um trabalho conjunto com o objetivo de elaborar um livro de memórias em comemoração aos cem anos da imigração alemã no Estado de Santa Catarina. A princípio o sucesso foi tímido parecia até fadado ao fracasso, mas o projeto teve impulso graças ao interesse e incentivo do governador Dr. Adolfo Konder.

Além do apoio financeiro, Entres pode contar também com a colaboração de literários como José Deeke, P. Stanislau Schätte O.F.M., Marcos Konder, P. Geraldo José Paulwels e Wolfgang Ammon. Vale lembrar também que na época não foram poucas as dificuldades para elaboração do livro, pois não dispunham dos recursos tecnológicos dos quais usufruímos atualmente.

Muitos artigos não puderam ser aproveitados, ou o prazo de entrega havia expirado e esses chegaram tarde demais, ou em virtude da dimensão física e restrição financeira impostas ao livro.

Entres agradece a todos que auxiliaram para que esse livro fosse publicado, em especial Dr. Fritz Kasperek, na redação final, e Sr. Karl Holswarth, na revisão da obra.

Com a comemoração do centenário, a obra teve o propósito de dimensionar a participação alemã no desenvolvimento de Santa Catarina e consagrar sua germanidade, evidenciando seu amor pela nova pátria, sem deixar de revelar a lealdade pela pátria mãe.

Os temas abordados no livro seguem seqüência histórica desde como Santa Catarina se encontrava antes do início da imigração, as tentativas de colonização que foram frustradas e outras, com sucesso, se desenvolveram e formaram núcleos chegando a ser elevados à vila. O enfrentamento com outra cultura, a dos índios, é bastante forte. Para o índio, o homem branco era considerado um ser muito diferente dele, assim, do mesmo modo como o índio era visto pelo imigrante. Ambos se desconheciam e se temiam.

Os relatos também apontam a trajetória de vida de pessoas que chegaram ao Brasil como Carl Hoepcke, Dr. Hermann Blumenau, Johann Karsten, Friedrich Hermann Hering entre outros, que além de se destacarem pelos seus feitos, contribuíram para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Nomes que até hoje se fazem presentes através de empresas e localidade, no caso, a cidade de Blumenau.

Observando-se o índice, não fica bem claro em alguns títulos quem os escreveu. Como normalmente o autor consta após cada título, presume-se que esse também seja autor dos subtítulos, mas o que de fato ocorre é que nem todos os títulos têm a indicação de seus autores. O mesmo pode ser verificado em alguns subtítulos em que autores estão indicados e em outros não, gerando interpretação equivocada ao leitor. No interior do livro verifica-se que



o nome do autor aparece após cada relato, mas em alguns deles nada é mencionado, o que demonstra certa precariedade na organização do livro.

Quanto aos títulos dos relatos, esses se encontram centralizados na página e muitas vezes há um sinal indicando separação de um relato para outro, mas nem sempre isso é mantido em todo o livro.

Verificam-se também muitas fotografias distribuídas entre os textos, comprovando, assim, a informação dos relatos: são fotografias de pessoas importantes, de famílias, das cidades, paisagens e inclusive mapas.

Quanto à linguagem, nota-se em alguns relatos a miscigenação da língua, ou seja, termos híbridos que são transportados do português para o alemão e muitas vezes a criação de um termo novo, inexistente em dicionário, inteligível somente para aquele que tem o conhecimento das duas línguas, alemão e português. Seguem alguns exemplos: *Indianertoldos* (pág. 16), *Antentranqueiras* (pág. 21), *Pikade* (pág. 29 e 198), *Macacos-Arten* (pág. 117), *Baranken-cutias* (pág. 119), *Hauspatte* (pág. 124), *Kampgramme* (pág. 130), *Waldroças* (pág. 132 e 147), *wird die Roça kapint* (pág. 148), *Venda* e *Venden* no plural (págs. 195 e 198), *Capinhacke* (pág. 214), *der junge Vendist* (pág. 273) e outros mais. Esse assunto será retomado no capítulo 3 referente aos dados com relação à explicação e à análise.

Interessante verificar que muitos termos foram incorporados ao relato como se apresentam em português como *Ranchos* (pág. 20), *Tranqueira* (pág. 21), *Campos* e *Lagoen* (pág. 124), *Litoral* (pág. 119, 126 e 148), *die Farinha* (pág. 146), *Große (grandes) Cinemas... und (e) Poltronas* (pág. 190), *Praias* e *Tropas* (pág. 210), *Professoras* (pág. 216). Outros foram empregados apesar de haver termo correspondente em alemão, como por exemplo, na pág. 117, em que o autor faz uso da palavra *Serra* ao invés de *Gebirge*, ainda nesta mesma página, *Der Leão* e não *Der Löwe* e na pág. 119, *Leões*. Já na página 147 o termo *Bataten* é utilizado possivelmente como batata doce e *Kartoffeln* para designar a batata inglesa. Na língua alemã emprega-se *Kartoffeln* para qualquer tipo de batata. Constatou-se um termo já em desuso: *Herrenbeinkleider* (pág. 154) palavra designada para calças masculinas. A palavra *Pfarrherr* (pág. 38), que significa pastor religioso, é empregada de duas formas pelo autor, apresentando distinção na grafia (temporal), porém com a mesma significação. Hoje se escreve *Pfarrer* (senhor da comunidade). Os exemplos acima citados se encontram no Anexo B, seguindo a seqüência numérica da paginação conforme consta no livro original.

Exemplos dessa natureza se constituem em desafios para o tradutor, de quem se exige um conhecimento que vai muito além do conhecimento das duas línguas.

A linguagem, objeto central da análise, está marcada por ocorrências como as exemplificadas anteriormente e que reforçam a minha hipótese de que a língua portuguesa e os novos costumes marcariam com o passar dos anos a língua alemã, em uso pelos imigrantes.

Porém, antes de prosseguir e adentrar sobre os meios que favoreceram a chegada dos imigrantes ao Brasil, convido o leitor para que voltemos no tempo para lembrar algumas passagens relevantes da história da Alemanha e como a sua formação se deu.

O surgimento da palavra *deutsch* (alemão) ocorreu provavelmente no século VIII, que teve relação apenas com a língua falada na parte oriental do império dos francos, cujo império envolvia povos de dialetos germânicos e românicos, que alcançou destaque com o reinado de Carlos Magno.

Com o falecimento de Carlos Magno, o império passa a se desagregar, e por conta de diversas partilhas sucessórias, ocorre a formação de um império ocidental e um império oriental, que coincide mais ou menos com a fronteira política e lingüística entre o alemão e o francês. A princípio o povo era reconhecido apenas pela língua que falava e mais tarde tal reconhecimento inclui também a região por ele habitada, daí *Deutschland* (Alemanha).

Houve ampliação nos séculos seguintes do território habitado pelos alemães em direção ao leste que só se tornou estável no século XIV e a divisão étnica alcançada então entre alemães e eslavos assim permaneceu até a II Guerra Mundial.

O império alemão passou por três períodos distintos: no século XI “Império Romano”; no século XIII “Sacro Império Romano” e a partir do século XV “Sacro Império Romano de Nação Germânica”.

As dinastias Hohenstaufen e Habsburg estão entre as de destaque que passaram por diferentes fases de apogeu e declínio durante o império alemão.

Em 1806, o Sacro Império Romano de Nação Germânica deixa de existir com a abdicação do imperador Francisco II.

Com a vitória sobre Napoleão, o Congresso de Viena (1814-1815) estabeleceu uma nova ordem. Porém, a esperança para muitos alemães em obter um Estado nacional livre e homogêneo não se realizou. Cria-se a Liga Alemã, em substituição ao antigo império, mas com fraca união de Estados soberanos. Funda-se em 1834 a União Alfandegária Alemã (*Zollverein*), dando início à industrialização.

A Alemanha se tornou um país industrial e a Prússia alcançou a hegemonia econômica.

Com a ascensão ao trono de Guilherme I, proclamado imperador da Alemanha em 1871, o nacionalismo alemão ganhou impulso quando o novo rei escolheu para o cargo de primeiro ministro Otto von Bismarck, que foi o articulador da unificação do país.

Diante desses fatos constata-se que os imigrantes que chegaram ao Brasil antes de 1871, habitavam um território formado por diferentes reinos, principados e ducados, tinham apenas a língua e a mesma base cultural em comum, já que o país, Alemanha, ainda não havia sido unificado. Assim, muitos deixavam suas regiões trazendo o dialeto consigo, até então única identidade.

Retomando a questão sobre o imigrante, seguem alguns fatores relevantes que impulsionaram a imigração no Brasil.

A vinda de imigrantes ao Brasil se deu a partir da fuga do príncipe-regente D. João VI e sua família de Portugal, em 1808, devido às guerras napoleônicas, com a abertura dos portos às “nações amigas” e da independência do Brasil em 1822. O governo brasileiro idealizou um programa de colonização com o intuito de desenvolver a agricultura e a ocupação territorial principalmente no sul do país, visando a proteção e a defesa dessa região.

Além do governo, a arquiduquesa Leopoldina Carolina Josefa foi também grande incentivadora do processo migratório. Filha de Francisco I, primeiro Imperador da Áustria, que se casou com o príncipe D. Pedro I, da Casa de Bragança, por procuração, em Viena, no dia 13 de maio de 1817. Segundo as descrições, Leopoldina era simpática, inteligente e cativante. Conquistou o povo brasileiro.

Vários motivos contribuíram para que os alemães deixassem o seu país. A Alemanha que se encontrava no início do séc. XIX em transformação econômica pelo grande impulso da industrialização e necessidade de mão-de-obra especializada acabou gerando o desemprego de muitos artesãos e trabalhadores da indústria doméstica. Esses não podendo exercer suas atividades, começaram a formar um exército de mão-de-obra (barata) assalariada para a indústria que estava surgindo.

No campo, a produtividade aumentava com os novos maquinários, por outro lado a mão-de-obra diminuía o que resultava em desemprego dos camponeses. Esses, em busca de melhor condição de vida, migravam para as cidades.

O incentivo migratório juntamente com os benefícios oferecidos pelo governo brasileiro, como passagens pagas aos colonos, recebimento de lotes de terras gratuitos, já demarcados, subsídios em dinheiro ou instrumentos de trabalho, atraía as pessoas insatisfeitas, com medo ou esperançosas por uma vida melhor a deixarem a sua pátria.

A propaganda foi outro recurso utilizado para estimular a vinda dos imigrantes. Com o auxílio das companhias de colonização e de agências contratadas jornais, cartazes, folhetos, etc. eram distribuídos na Europa, apresentado o Brasil como sendo o paraíso.

Mas chegando ao Brasil, os imigrantes nem sempre encontravam o que lhes fora prometido, passavam por muitas dificuldades e mesmo assim resistindo às adversidades, contribuíram bastante para o desenvolvimento desse país.

O imigrante instalado em solo brasileiro teve que se adaptar à nova cultura. Encontrou pessoas com costumes e língua completamente diferentes dos padrões adotados por ele, portanto, seres estranhos, assim como ele e sua comunidade também eram vistos pelos nativos. Tal conflito se verifica em alguns relatos do Livro de Memórias.

Buscando-se a significação do termo ‘cultura’ no dicionário, que possui várias acepções conforme o contexto em que esse se encontra, temos: “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc. que distinguem um grupo social” (HOUAISS, 2001). Já para Nord (1993, p. 20) o conceito exprime:

“entendo por ‘cultura’ uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, lingüísticas ou mesmo políticas” (tradução ZIPSER, 2002, p. 38).

Esses são também os parâmetros adotados aqui.

Assim pode-se notar que o imigrante partilhava comportamento e ações comuns com a sua comunidade e que isso em nada implicava em qual território ele se encontrava, fosse dentro do seu próprio país ou fora dele.

Por outro lado, o choque de comportamento de duas culturas distintas cria uma terceira, que Willems (1980, apud SEYFERTH, 2004) denomina ‘cultura híbrida’, é o processo de aculturação que ocorre quando grupos de indivíduos ou um povo se adaptam à outra cultura. Língua e cultura se entrelaçam.

Afirma Willems ainda:

“o hibridismo cultural contém o pressuposto da duplicidade resultante do contato dos imigrantes e seus descendentes com o meio ambiente, a sociedade e a cultura brasileiras, expressado pelo uso analítico da categoria teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianer* ou *Deutschbrasilianisch*)”<sup>4</sup>,

---

<sup>4</sup> Apud SEYFERTH, 2004.

o que pode ser constatado nos relatos do livro. Essa abordagem será retomada e discutida no capítulo referente às discussões da tradução.

Desta forma, pressuponho que a língua dos imigrantes assim como de seus descendentes sofreu influência por ter estado em contato com a língua portuguesa, em um novo ambiente, ou seja, em um novo contexto cultural.

“Dentro de uma língua, outras línguas; dentro de um texto, outros textos; dentro de cada sujeito, outros sujeitos: cada fala vem carregada de outros, outras vozes, outros olhares, outros textos...” (Maria José Coracini)

## **CAPÍTULO II**

### **A TRADUÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS, A TEORIA DE CHRISTIANE NORD E OUTRAS VOZES**

O método desenvolvido por Christiane Nord<sup>5</sup> em 1988 foi elaborado a partir da experiência em sala de aula voltada para a tradução. Adepta à abordagem funcionalista, essa surgiu na Alemanha nas décadas de 1970 e 1980 em oposição às antigas teorias lingüísticas formalistas com o propósito de viabilizar a interação comunicativa, cujo processo visa a produção de um texto funcional para o leitor de destino inserido em um contexto cultural.

O tradutor, por sua vez, que ocupa posição central no procedimento tradutório é ao mesmo tempo receptor do texto-fonte como também produtor do texto-meta, devendo ter lealdade com o destinatário, o que Nord (1988) denomina *Loyalität*, e fidelidade na representação entre textos, como *Treue*.

Nord (1988 p. 24-25) explica que geralmente se espera que a tradução seja fiel. Mas ao que parece a fidelidade é equiparada com a equivalência entre os especialistas nesta área, o que gera muita discussão. O conceito de equivalência abrange: a mesma função do texto-fonte e texto-meta; transmissão aos mesmos receptores; texto-meta deve espelhar, copiar, imitar, apresentar a beleza do texto-fonte.

Para Eco (2007 p. 426) fidelidade é “acreditar que a tradução é sempre possível se o texto fonte foi interpretado com apaixonada cumplicidade, é o empenho em identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa”. Ao consultar um dicionário, enfatiza ainda Eco, encontramos os seguintes sinônimos para fidelidade: lealdade, honestidade, respeito, piedade e entre essas não consta a palavra exatidão.

Segundo Rosenthal (1976) “ao se traduzir um texto, o tradutor deve procurar ser fiel com o texto original e que traduzir não significa simplesmente substituir palavras de um

---

<sup>5</sup> Christiane Nord, pesquisadora alemã de carreira rica nasceu em 1943, hoje aposentada, mas não desligada das atividades acadêmicas, continua a divulgar a sua teoria pelo mundo em palestras e conferências que oferece como professora convidada.

idioma por palavras de outro, mas transferir o conteúdo de um texto com os meios próprios de outra língua”.

Visando sempre o leitor, o tradutor estabelece os critérios para realizar a sua tarefa. Espera-se dele que a intenção do autor não seja adulterada. Que esse tenha conhecimento da língua do texto de partida (texto-fonte) e de chegada (texto-meta) como também das respectivas culturas.

O texto é considerado o elemento de uma ação comunicativa e quando produzido é sempre voltado ao seu leitor final. Esse traduzido alcançará seu objetivo se adquirir um sentido para o seu destinatário no momento da leitura, pois a tradução é um processo prospectivo, voltado para frente, ou seja, com o foco no destinatário que quer atingir.

O tradutor precisa estar atento ao seu público alvo. Portanto, deve analisar os fatores externos e internos ao texto. Os fatores extratextuais devem ser analisados em primeiro lugar e, em seguida, os intratextuais. Para uma melhor visualização do tradutor no desempenho de sua tarefa, Nord (1988 p. 168) propõe a seguinte tabela:

Texto-Fonte: Alemão	Questões de Tradução	Texto-Meta: Português
<b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>		
Emissor		
Intenção		
Receptor		
Meio		
Lugar		
Tempo		
Propósito		
Função Textual		
<b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>		
Tema		
Conteúdo		
Pressuposições		
Estruturação		
Elementos Não-Verbais		
Léxico		
Sintaxe		
Elementos Suprasegmentais		
Efeito do Texto		



Aos fatores extratextuais devem ser respondidas as seguintes perguntas: quem produz um texto (emissor/produtor do texto), para que (intenção do emissor), para quem (receptor), por qual meio (canal), onde (lugar), quando (tempo) e por que (motivo da comunicação).

Já aos fatores intratextuais pergunta-se: sobre o que (tema), o que (conteúdo do texto), o que não (pressuposições), em que seqüência (estrutura do texto), além dos elementos não-verbais, das palavras empregadas (léxico), das orações (sintaxe) e em que tom (marcas supra-segmentais) essas informações são veiculadas.

A composição dos fatores internos e externos ao texto que atuam como uma espécie de jogo ajuda a analisar e a compreender melhor a função que o texto exerce.

A exemplificação deste processo segue abaixo, lembrando que o corpus desta pesquisa é o livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*).

Segundo recomendação de Nord (1988), devemos começar pelos fatores externos ao texto. Com relação ao texto-fonte temos:

**Produtor:** Gottfried Entres e outros autores;

**Intenção:** elaborar o livro comemorativo para chamar atenção para a cultura e a língua, fortalecendo, assim, as raízes;

**Receptor:** público da comunidade alemã da época (1929) no Brasil; comunidade alemã local e que ainda compartilhava leitura e escrita da língua;

**Meio:** livro impresso;

**Lugar:** Florianópolis;

**Quando:** 1929;

**Motivo:** divulgar livro; resgate da imigração; tudo que os imigrantes viveram e sofreram até 1929.

Realizada essa primeira etapa, seguiremos para os itens a serem preenchidos com referência ao texto-meta:

**Produtor:** pesquisadora;

**Intenção:** resgate histórico; recorte principal de quatro relatos através da tradução e a respectiva análise para os dias de hoje (2008) como também adequações para o leitor em português;

**Receptor:** público acadêmico e, um segundo momento, todas as pessoas que vierem a se interessar pelo assunto da imigração alemã em Santa Catarina;

**Meio:** Dissertação (impressa);

**Lugar:** Florianópolis – UFSC;

**Quando:** 2008/2009;

**Motivo:** Mostrar através dos recursos tradutórios como se adapta textos em forma de relatos para um público proficiente em português e não mais em alemão.

Quanto aos fatores internos ao texto com relação ao texto-fonte, temos:

**Tema:** vivência dos imigrantes alemães em Santa Catarina (1829-1929);

**Conteúdo:** tudo relacionado às vivências; como imigrantes e posteriormente integrados a um novo país.

**Pressuposição:** que o leitor de 1929 tivesse algum conhecimento desse processo;

**Estruturação:** parágrafos longos, divisão do texto pouco clara; estruturação que nem sempre facilita o entendimento ao leitor;

**Elementos não-verbais:** mapas, fotos para reforçar a imagem e a informação;

**Léxico:** hibridismo, registro culto, popularesco, expressões antiquadas, algumas até em desuso, grafia não usual nos dias de hoje;

E por fim, seguem os dados referentes ao texto-meta:

**Tema:** técnicas tradutórias, análise dos relatos, relatos referentes à imigração alemã em Santa Catarina (1829-1929);

**Conteúdo:** discussões tradutórias sobre os relatos;

**Pressuposição:** que o público tenha interesse por este tipo de assunto: relatos históricos e discussões a respeito dos caminhos tradutórios;

**Estruturação:** estruturação da dissertação;

**Elementos não-verbais:** Ilustração com material original com a finalidade de complementar informações;

**Léxico:** cunho acadêmico, técnico/ texto dissertativo.

Assim, apontados os principais itens da tabela, o tradutor tem diante de si as tarefas a serem desempenhadas, ou seja, a tabela serve de apoio para que o tradutor realize o seu trabalho.

Porém, o tradutor também desempenha outro papel: o de leitor. E como leitor, explica Leffa (1996), precisa explorar o texto constantemente, como se esse fosse uma mina, cheia de riqueza, com inúmeros corredores. Cada leitor pode ter uma visão diferente da realidade num mesmo texto e até mesmo em cada leitura, devido à bagagem de experiências prévias que ele traz para a leitura.

Complementa Leffa ainda (1996, p. 22):

“leitor e texto são como duas engrenagens, correndo uma dentro da outra; onde faltar encaixe nas engrenagens leitor e texto se separam e ficam rodando soltos. Quando isso acontece, o leitor fluente, via de regra, recua no texto, retomando-o num ponto anterior e fazendo nova tentativa. Se for bem sucedido, há um novo engate e a leitura prossegue”.

Com o seu conhecimento e competência, o tradutor atribui significado ao texto, gera interpretações, pois a tradução implica interpretação.

Segundo a concepção de Rosenthal (1976 p. 13), ‘traduzir’ significa realmente interpretar. O tradutor é um intérprete por excelência, pois torna compreensível aquilo que antes era ininteligível.

Eco (2007, p. 291) enfatiza que os bons tradutores executam procedimentos acertados antes de começar a traduzir, como: leitura e releitura do texto, e consultam os meios que auxiliem a difícil compreensão de se tornar passível de entendimento. Outrossim, torna-se relevante considerar o contexto em que as palavras estão inseridas, visando os fatores sociais, históricos e culturais em questão.

Palavras constituem estruturas... a língua como instrumento de comunicação, do pensamento, do conhecimento... Língua chamada de materna e de estrangeira. A primeira é a língua-mãe, adquirida, que traz conforto e segurança; a segunda, é aprendida, permite adentrar para um mundo novo, outra cultura, se comunicar com o Outro. Assim prossegue Coracini (2007, p. 131):

“não há língua-origem, língua pura, única, perfeita, fechada, a não ser na idealização – invenção – do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos protege do conflito constitutivo de toda subjetividade. Toda língua como todo sujeito são atravessados por outros, pelo Outro, toda língua é o outro...”

Pautada no pensamento de Derrida (1996, p. 31), acrescenta Coracini (2007, p. 50):

“identidade como um sentimento (ilusão?) de pertença: pertença a um grupo, a uma nação, a uma etnia, a uma religião, enfim, pertença à língua e da língua, pertença sempre marcada pela e na historicidade, inscrição do sujeito que se faz no espaço e no tempo, admitida, permitida ou coibida pelo outro”.

Somente quando passamos a aceitar o diferente, aquilo que nos causa estranhamento, é que passamos a compreender e a respeitar o Outro, a outra língua, outra cultura.

Para Derrida (apud CORACINI 2007, p. 48) toda língua é materna e estrangeira ao mesmo tempo. Toda língua é estrangeira, se em nós provoca estranhamento, e toda língua é materna, se nela nos inscrevemos, ou seja, é o lar, lugar de repouso e de acolhimento.

A língua materna pode causar desconforto e o porto seguro poderá ser encontrado na língua estrangeira, com a qual há muito mais identificação. Ou, então, o estranhamento está dentro da “nossa língua”, “aquela que nos pertence”, a língua materna, que é familiar e estranha ao mesmo tempo, língua da censura, dos mal-entendidos, da ferida, porque essa língua não é falada na comunidade, com a família... ali se fala outra língua, uma língua estrangeira (estranha). Enfim, a língua não é única, não é pura, não se apropria, mas se deseja a língua do outro, que dá prazer, medo, que se tem afeição, por outro lado essa vem perturbar a “minha língua”, causar confusão, essa em que eu me sinto em casa... língua materna e estrangeira... a “minha língua”, a “sua língua”, línguas híbridas, dos sentimentos... ao mesmo tempo “estranhas”.

E como língua e cultura não se dissociam, retomo novamente o conceito de Nord (1993, p. 20; tradução ZIPSER, 2002, p. 38) sobre cultura, citado no capítulo anterior, em que não são os espaços geográficos, lingüísticos e políticos que vão determinar os espaços culturais e, sim, as formas comuns de comportamento e ação de uma comunidade ou grupo em relação a outros grupos ou comunidades.

Assim, muitas vezes o imigrante entra em conflito de sentimento com a língua que fala, a língua materna, que remete ao seu país, o lar, o bem-estar, e a outra língua, a língua estrangeira, estranha, que está imbricada com outra cultura, país em que ele ainda não se sente em casa e que sente saudade da sua terra... muitas etapas precisam ser transpostas até o momento em que a língua estrangeira passa também a representar afetividade: carinho. É a partir da experiência do estranhamento que passamos a compreender o outro, a alteridade, temos a possibilidade de nos autoconhecer e quanto mais híbridos formos, quanto mais entre línguas estivermos, mais ricos seremos, como bem lembra Coracini (2007, p. 132).

### CAPÍTULO III DISCUTINDO A TRADUÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS: ALGUNS RECORTES

Este capítulo aborda a análise tradutória de quatro relatos e inclusive algumas passagens relevantes para a tradução referente ao livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”), cujos autores são: Padre Geraldo José Pauwels<sup>6</sup>, que engloba mais de um relato, José Deeke<sup>7</sup> e Erich Schild<sup>8</sup>.

Com os olhos voltados ao texto, dá-se início à análise para efetuar a tradução, primeiro pelos fatores extratextuais e depois pelos fatores intratextuais. Tendo em mente que a língua e os costumes dos imigrantes alemães possam ter sofrido influência por terem estado em contato com a cultura brasileira, o léxico é o fator de análise da presente pesquisa.

Para melhor compreensão do leitor, excertos do texto original e a respectiva tradução são apresentados aqui, concomitantemente, isto é, primeiro pela análise, depois pelo excerto original seguido do excerto traduzido.

O primeiro capítulo do livro de autoria de Padre Geraldo José Pauwels, versa sobre a descrição do desenvolvimento de Santa Catarina antes da imigração alemã. Esse intitulado “*Santa Catharina vor Beginn der deutschen Einwanderung*” (“*Santa Catarina nos primórdios da imigração alemã*”) apresenta alguns nomes de personalidades históricas com ortografia antiga, a decisão para a tradução foi por mantê-los indicados como nos livros de história da atualidade. Ainda nesse mesmo capítulo, os nomes de Estados e de cidades que se encontram abreviados no texto original, passaram a ser escritos por extenso em todo texto traduzido.

O autor do relato acima mencionado faz uso de uma linguagem que oscila entre o alemão culto e nem tão culto assim, pois muitas vezes utiliza expressões simples demais para um texto que fez parte de um livro comemorativo. Utiliza parágrafos muitos longos, o que

---

<sup>6</sup> Nasceu em Goch, Renânia, em 1882. Foi professor no Ginásio N. Sra. da Conceição, em São Leopoldo, e depois no Ginásio Catarinense. Ficou conhecido em todo Brasil pelo seu excelente Atlas Geográfico (Melhoramentos). Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de outubro de 1960.

<sup>7</sup> Nasceu em Blumenau no dia 12 de maio de 1875. Formou-se engenheiro. Foi diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática (atual município de Ibirama, Vale do Itajaí). Trabalhou para diversos jornais de língua alemã no Brasil, especialmente sobre questões da agricultura. Faleceu em Blumenau em 24 de agosto de 1931.

<sup>8</sup> Formou-se engenheiro e arquiteto. Seu nome está estreitamente ligado à história da colonização de Porto Feliz (Mondai). Faleceu aos 93 anos em Tübingen, Baden-Württemberg, segundo informações do jornal Brasil-Post, São Paulo, de 13 de dezembro de 1986.

gera dificuldade para o leitor/tradutor que precisa retomar a leitura várias vezes para compreender o seu pensamento. Há mudança brusca de um tempo verbal para outro, do passado ao presente e vice-versa.

Outro aspecto a considerar são os títulos, que não constam apenas para ornamentar os textos. Conforme Nord (1993), os títulos, também considerados textos, têm função comunicativa com o propósito de chamar a atenção do leitor. Neste caso, o tradutor deve analisar os fatores relevantes para a tradução, levando em conta o contexto cultural, verificar se há algum registro oficial do título, ocorrendo também que nem todos os títulos são compreensíveis, carecendo de pesquisa.

A respeito de registro oficial cito como exemplo o título da obra de Hans Staden, página 9 do livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”), vide Anexo B, que mencionado no texto precisou ser pesquisado antes de ser traduzido. Entrei em contato com o Instituto Martius-Staden, em São Paulo, para obter maiores informações com relação ao título mencionado no livro, que está assim expresso: “*Wahrhaftige Beschreibung eyner Landschaft der wilden, nacketen, grimmigen Menschenfresserleuthen in der newen Welt America gelegen*” (1557). A ortografia de alguns termos sofreu alteração como o artigo indefinido “*eyner*” (um/uma) hoje escrito “*einer*”; o termo composto “*Menschenfresserleuthen*” atualmente sem o segundo “h” – “*Menschenfresserleuten* (devoradores de homens) e por fim o adjetivo declinado no dativo singular “*newen*”, hoje “*neuen*” (novo/nova). O título, que em parte já fora traduzido do livro de Hans Staden por Pedro Suessekind em 2004, editado por Dantes no Rio de Janeiro, foi incluído ao trabalho e complementado conforme consta no original, o que resultou: “A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens situados no Novo Mundo da América” (1557).

A obra acima citada foi escrita por Hans Staden e impressa em 1557 em Marburg, na Alemanha. Segundo Fouquet (1963), o objetivo de Staden, na verdade, era seguir para a Índia, mas como não consegue embarcar no navio para esse destino, segue, então, em 1548, de Lisboa para o Brasil. Em 1550 realiza a sua segunda viagem, partindo da Espanha para o Brasil, onde passou pelo porto de Jurumirim, assim denominado pelos selvagens, ou seja, porto de Santa Catarina, cujo desenho se encontra no Anexo B, página 9. Mais tarde, Staden foi aprisionado pelos Tupinambás, que o ameaçaram de morte e de ser devorado em um ritual antropofágico.

Ainda sobre títulos, outro exemplo pode ser citado, que consta na página 14 do livro acima mencionado. Trata-se do título do texto do relato de autoria de Padre Geraldo José Pauwels “*Die Ureinwohner von Santa Catharina. Die heutigen Reste derselben*” em que a terminologia aplicada no original (Reste - restos) não foi de agrado para a tradução. Para que eu me faça entender, apresento a tradução literal: “Os primeiros habitantes primitivos de Santa Catarina. Os atuais restos dos mesmos” que na realidade passou para “Os primeiros habitantes primitivos de Santa Catarina. Atuais vestígios”. Tal exemplo corrobora a teoria de Nord (1988) com relação à fidelidade (*Treue*) e à lealdade (*Loyalität*), em que o tradutor fiel à informação do texto, adapta-o ao leitor (*Loyalität*).

Porém, antes de prosseguir com o processo tradutório dos relatos, quero voltar ao capítulo I, “Abrindo o Livro de Memórias”, em que menciono os termos híbridos encontrados nos relatos. Processo que ocorre devido ao constante contato das duas línguas, portuguesa e alemã, em que os termos se imbricam. Para melhor entendimento, segue a tabela com os exemplos:

Termo no livro	Significado em português / em alemão	Origem do alemão / português
<i>Indianertoldos</i>	Índios Toldos = acampamento índios Termo composto = acampamento de índios	Indianer = índio(s) em alemão Toldos = palavra em português
<i>Antentranqueiras</i>	Antas = fam. dos tapirídeos Tranqueiras = armadilhas Termo composto = armadilhas para antas	Anten = antas (transferido do português) + plural subst. terminação “en”(em alemão) Tranqueiras = palavra em português
<i>Pikade</i>	Pikade = picada (atalho)	Pikade = pi(c)kad(a)e (palavra germanizada)
<i>Macacos-Arten</i>	Macacos = Affen Arten = espécie/gênero Termo composto = espécie/gêneros de macacos	Macacos = macacos em português Arten = palavra em alemão
<i>Baranken-cutias</i>	Baranken = barrancos Cutias = mamífero roedor Termo composto = cutias habitantes de barrancos	Baranken = barranco + pl. subst. terminação “en” (em alemão) Cutias = palavra em português
<i>Hauspatte</i>	Haus = casa Patte = Ente = pato(a) – ave Termo composto = pato de casa – domesticado - estimação	Haus = casa (em alemão) Patte = (inexistente em alemão) transferida do português pato(a)



<p><i>Wird die Roça kapint</i></p>	<p>Roça = roça Wird kapint = é capinada</p>	<p>Roça = roça (em português) kapint = inexistente em alemão; conjugação do verbo ‘kapinen’, transferência do verbo capinar em português</p>
<p><i>Venda/Venden</i></p>	<p>Venda = pequena mercearia Venden = pequenas mercearias</p>	<p>Venda = inexistente em alemão; transferência do português = pequena mercearia Venden = pequena mercearia + pl. subst. terminação “en” (em alemão)</p>
<p><i>Capinhacke</i></p>	<p>Capin = capim Hacke = enxada/picareta Termo composto = enxada/picareta para capinar</p>	<p>Capin = inexistente em alemão; termo trazido do português = capim Hacke = enxada/picareta (em alemão)</p>
<p><i>Kampgramme</i></p>	<p>Kamp = campo Gramme = grama Termo composto que significa grama do campo</p>	<p>Kamp = campo (dicionarizada em alemão) Gramme = inexistente na língua alemã; transferência do português = grama</p>
<p><i>Waldroças</i></p>	<p>Wald = floresta Roças = roças Termo composto = terrenos/regiões de florestas</p>	<p>Wald = floresta (em alemão) Roças = roças (em português)</p>
<p><i>Der junge Vendist</i></p>	<p>Der junge Vendist = atendente ou dono da mercearia/ pequeno armazém (Kramladen)</p>	<p>Vendist = inexistente em alemão; transferência do português – venda - aquele que trabalha ou é dono da mercearia/ pequeno armazém</p>

Na língua alemã a composição de palavras por justaposição é empregada com bastante frequência, possibilitando a criação de novos termos a todo o momento. Na tabela anteriormente apresentada se observa que determinadas palavras foram compostas de palavras alemãs e portuguesas, como é o caso de *Indianertoldos*, *Capinhacke* e *Waldroças*. Outras foram extraídas do português e incorporadas à língua alemã como *Antentranqueiras*, cuja palavra “anta” não existe na língua alemã, em seu lugar usa-se *Tapir*, palavra que passou a ser germanizada. A palavra composta *Baranken-cutias* segue o mesmo exemplo, referindo-se às cutias habitantes de barranco. Explica Oberacker Jr. (1972 p. 385) que o imigrante que falava alemão e ignorava o português, passava a germanizar a palavra estrangeira que havia ouvido uma vez só, pois a pronúncia desse vocábulo não era corrigida como é o caso de *Barranke* (barranco). O autor apresenta uma série de palavras empregadas pelos imigrantes em suas colônias não só no nordeste de Santa Catarina, mas também no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.

As palavras *Pikade* (picada/atalho) e *Kampgramme* – palavra composta *Kamp* (campo) *Gramme* (grama) - ambas foram transferidas do português e não fazem parte do vocabulário alemão, exceto a palavra *Kamp* quando empregada sozinha significa ‘campo’ e se encontra no dicionário alemão. Em alemão emprega-se para *Pikade* - *Seitenweg/Abkürzung* - e para *Kampgramme*: *Gras des Kamps/Gras des Feldes/Gras vom Feld*.

A palavra composta *Macacos-Arten* é formada da palavra em português – macacos (primatas) – e da palavra em alemão – *Arten* – que significa espécie/gênero. Os dois termos passaram a ser usados juntos para indicar espécie ou gêneros de macacos pelo imigrante, ao invés de aplicar em alemão *Affen-Arten*.

A composição *Hauspatte* é formada da palavra *Haus* (casa) e *Patte*, inexistente na língua alemã nessa significação, apropriada do português pato(a). Na realidade a palavra ‘pato’ do português se transformou em *Patte* em alemão. Em seu lugar usa-se o vocábulo *Ente* na língua alemã. Possível diferenciação que o imigrante queria fazer em relação ao pato selvagem (*wilde Ente*). Porém, a palavra *Patte* é empregada com outras acepções e encontra-se dicionarizada, como: lapela/aba de um bolso de calça comprida, vestido ou blusa; punho de camisa; tecido duplo onde é costurado o zíper de um vestido ou blusa. Já a palavra *Vendist*, que se refere àquele que trabalha em uma mercearia/pequeno armazém, palavra criada e que não existe na língua alemã, possivelmente derivada da palavra *Venda* (pequena mercearia ou loja), no singular e *Venden*, no plural. Entre os alemães era comum a denominação *Kramladen* para uma pequena mercearia ou pequeno armazém, ou seja, o tipo de casa comercial na qual o cliente encontra de tudo.

Exemplo de outro termo criado é o verbo *kapint* com apropriação do verbo capinar em português, acrescido da desinência verbal “en” em alemão – *kapinen*. Ocorre que a expressão *wird die Roça kapint* está conjugada na voz passiva, onde *wird* (werden, em sua forma infinitiva) é o verbo auxiliar e *kapint* verbo conjugado no particípio. Essa forma verbal é muito empregada na língua alemã, principalmente na descrição de processos, em que a ação ou o procedimento é mais importante do que a pessoa que a executa.

Assim, foi apresentada uma pequena amostra do que o Livro de Memórias contém, sendo que ainda há muitos outros exemplos a serem mostrados que tornam a sua leitura tão rica e interessante sobre os imigrantes alemães.

Agora, convido o leitor a acompanhar a análise tradutória através de excertos do texto original e traduzido. O primeiro relato é de autoria de Padre Geraldo José Pauwels.

A tradução não é elaborada literalmente e, sim, pelo seu sentido, segundo a interpretação de quem a está executando. O significado de uma palavra no texto-fonte pode se aproximar ao da do texto-meta, mas esta não é a regra. Se numa língua os vocábulos podem exprimir um significado completo, em outra, esse processo nem sempre se realiza. É o caso da língua alemã que possui termos de significação completa, compondo palavras – *Komposita* – que traduzidos para o português muitas vezes necessitam de explicação para compreensão do leitor ou se transformam em orações relativas para que seu significado seja esclarecido. Assim também ocorre com as partículas modais, assim denominadas por alguns gramáticos, ou focalizadoras por outros, cuja característica é dar ênfase ao enunciado e que muitas vezes não se encontra um termo correspondente em outra língua.

O pesquisador/tradutor se encontra entre dois textos: texto-fonte e texto-meta. Cabe a ele analisar e fazer suas escolhas, tendo sempre em mente que o texto ora produzido tem foco no leitor e para tanto precisa ser leal com o destinatário.

Acontece também que nem sempre se consegue ser muito fiel ao texto-fonte, pois a mensagem acaba se tornando incompleta e o objetivo maior está em visar o texto-meta. O que se costuma dizer em uma língua muitas vezes não se consegue dizer da mesma forma em outra. Cabe ao tradutor avaliar e tentar da melhor maneira tornar o texto-meta inteligível ao leitor, lembrando sempre da tensão natural do processo entre *Loyalität* e *Treue*.

O trabalho tem início primeiramente com um rascunho que sofre alterações a cada releitura, onde ajustes e refinamentos da linguagem são elaborados com vistas ao texto de chegada.

Tratando-se de textos que envolvem personalidades da nossa história, a pesquisa é um fator preponderante para a execução da tradução. O pesquisador/tradutor necessita muitas

vezes voltar no tempo em se tratando de um livro comemorativo aos cem anos, como é o caso do livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”). A pesquisa sobre datas históricas, acontecimentos específicos, o contexto em que a sociedade vivia na época e se os antropônimos mantiveram a mesma ortografia ou não, precisou ser executada antes do início da tradução. Da mesma forma ocorreu com os topônimos que precisaram ser verificados, constatando se houve mudança no decorrer do tempo.

A pesquisa também se estendeu em relação aos autores dos relatos, ao editor e à livraria. Pesquisar a biografia de cada autor possibilita ao pesquisador/tradutor traçar um perfil, auxiliando-o na análise e no processo tradutório. A tarefa de traduzir faz com que o pesquisador/tradutor adentre em assuntos antes não vistos, são verdadeiras descobertas, que tornam o trabalho muito interessante, fatores que contribuem para o seu crescimento e desenvolvimento e na elaboração do trabalho.

Passemos agora para a análise dos excertos. A seqüência que será obedecida é a seguinte: primeiro a análise do excerto escolhido, depois o excerto do texto original em alemão, seguido do excerto do texto traduzido.

O excerto abaixo passou por várias modificações até ter atingido o resultado desejado. Aliás, a tradução como um todo passou por várias etapas até o momento em que o pesquisador/tradutor julgar que o texto esteja pronto para que possa adquirir um sentido pelo leitor no momento da leitura, conforme a teoria de Nord (1988).

Como já mencionado anteriormente sobre a composição de palavras por justaposição, *Komposita*, que é o processo que agrupa dois ou mais vocábulos para constituir outra palavra com novo conceito, ressalte-se o uso desse processo pelo autor como demonstram os exemplos: a palavra *Verwaltungsbezirk* é formada a partir dos vocábulos *Verwaltung* = administração e *Bezirk* = distrito, comarca; sendo traduzida para o português como ‘distrito’ e segundo pesquisa efetuada a respeito. Já o termo *Innerbrasiliens* (declinado no genitivo) é composto pelas palavras *Inner* = interior e *Brasilien* = Brasil, que em português significa ‘interior do Brasil’. O autor se utiliza desse processo em vários momentos do seu relato.

Com relação à palavra “Bandeirantes”, apontada no texto original, o autor por não ter encontrado significado apropriado no universo da língua alemã, fez uso da palavra em

português. Ademais, os Bandeirantes fazem parte do contexto cultural e histórico brasileiro e não do alemão, o que demonstra a dificuldade.

*Von einer Geschichte S. Catharinas kann eigentlich nur gesprochen werden von dem Zeitpunkte an, in welchem ein **Verwaltungsbezirk** dieses Namens errichtet wurde. Die Ereignisse, die sich vorher auf seinem Boden abspielten, gehören eigentlich diesem nur als Teil Brasiliens, nicht als S. Catharina an. Ebenso sei bemerkt, daß der größte Teil des jetzigen Staates das Hochland, nur sehr spät im 18. und selbst erst im 19. Jahrhundert in die Geschichte eintrat, und daß von Taten der **Bandeirantes**, diesem wichtigsten Faktor der Entwicklung **Innerbrasiens**, im catharinenser Hochland so gut wie nichts bekannt ist. (ENTRES, 1929:1).*

*Só se pode falar da história de Santa Catarina a partir do momento em que se estabelece um **distrito** com esse nome. Os acontecimentos que se desenrolaram antes neste solo, na verdade, fazem parte do Brasil e não somente de Santa Catarina. Assim, ressalte-se que a maior parte do atual Estado, o planalto, só entrou para a história bem mais tarde, no século XVIII e até mesmo no séc. XIX, e isto pelos feitos dos Bandeirantes, cuja **ação de interiorização** difundiu feitos de desenvolvimento até então completamente desconhecidos no planalto catarinense.*

No texto abaixo, Pauwels emprega o termo *auf dem Fuß* que literalmente significa “no pé”. Somente o contexto possibilita a compreensão da expressão popularesca utilizada pelo autor, não deixando de considerar a teoria de Nord (1988), de que o tradutor ocupa posição central no processo tradutório e ao mesmo tempo é receptor do texto-fonte e produtor do texto-meta. Esse deve ter lealdade com o destinatário (*Loyalität*) e fidelidade (*Treue*) na representação entre textos. Assim, vários termos foram pensados para a tradução, visando a correspondência e a clareza para o leitor. Portanto, a palavra que mais se aproximou do sentido original foi “encalço”, por se remeter a calçado e a pé, foi a melhor que se aplicou para a tradução.

*Dem Entdecker Brasiliens, Cabral (1500), folgten bald Kaufleute, oder was damals mehr oder weniger dasselbe war, Korsaren aller seefahrenden Völker, besonders der Spanier und Bretonen **auf dem Fuß** (ENTRES 1929:1).*

*Depois da vinda do descobridor do Brasil, Cabral (1500), logo vieram comerciantes, ou o que era mais ou menos a mesma coisa na época, os corsários, representantes de todos os povos navegadores, especialmente os espanhóis e bretões que vinham no encalço de exploradores anteriores.*

Observa-se no próximo excerto que vários nomes são mencionados no texto como D. Nuno Manoel, Cristóvão de Haro, Solis e Carlos V, cabendo ao pesquisador/tradutor verificar a ortografia em relação aos nomes próprios e buscar informações para melhor entendimento do texto-fonte e, assim, executar a tradução de tal forma que o seu conteúdo seja compreendido pelo leitor. Fica a critério do pesquisador/tradutor em colocar notas de rodapé ou não no texto, no caso de querer detalhar alguma informação para o leitor.

Como o texto cita *New zeitung ausz presillandt*, a pesquisa a respeito se fez necessária, que encontrou um livro de Celeste H. M. Ribeiro de Souza, sob o título “Retratos do Brasil: hetero-imagens literárias alemãs”, e a dissertação de mestrado de Luis Guilherme Assis Kalil, “A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmiedel”.

O livro de Souza (1996) explica que já em 1515 surgiu o primeiro documento fazendo referência ao Brasil, intitulado *New Zeitung aus presillandt*, que fora publicado na Alemanha e que em português recebeu o nome de “Nova notícia da terra do Brasil”, com três edições conhecidas. Esse documento trata de uma carta que fora escrita pelo alemão Ulrich Schmiedel, natural de Strassburg, que viajara até o Rio da Prata e São Vicente. A carta relata em detalhes aventuras e observações com relação ao relevo, à flora e à fauna.

De acordo com Kalil (2008), o folheto anônimo, *New zeitung ausz presillandt* (Nova Gazeta da Terra do Brasil), editado em 1515 em Augsburg – Alemanha, ganhou força por acreditarem existir, os exploradores na época, um monte constituído de prata na *Sierra de La Plata*, posteriormente “de la Plata”. O conteúdo, inspirado nos escritos de Américo Vespúcio, descreve uma expedição que fora para região sul da América, onde grandes reservas de metais preciosos podiam ser encontrados em terras interioranas.

Porém, o título completo desse folheto, conforme aponta Hilbert (2000, p. 42 apud KALIL 2008, p. 20), era Nova Gazeta da Terra do Brasil: notícias trazidas por um navio que saiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil longe do que antes se sabia e na volta chegou à ilha da Madeira; escritas da Madeira para Antuérpia por um bom amigo.

Por fim, foi constatado por Schuller (1915, pp. 115- 144 apud KALIL 2008, p. 20 - 21) que a Nova Gazeta também fora publicada em língua portuguesa nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*.

Como o leitor pode perceber, a pesquisa gerou uma série de informações em torno do título do documento *New zeitung ausz presillandt* que mereceram avaliação do pesquisador/tradutor.

Souza (1996) encontrou em sua pesquisa o título “Nova notícia da terra do Brasil”, mas nada mencionando a partir de quando esse nome foi dado. Já Kalil (2008) encontrou o título completo indicado por Hilbert (2000) e o registro de Nova Gazeta nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de acordo com Schuller (1915), ambos citados acima.

Diante dessas informações, o pesquisador/tradutor entende que a tradução do título *New zeitung ausz presillandt*, escrito em alemão arcaico, corresponde ao de “Nova Gazeta da Terra do Brasil” pelos dados encontrados por Kalil (2008), cujo título, para informação do leitor, passou a constar como nota de rodapé no texto traduzido (vide anexo A).

Voltando para o autor do relato, Pauwels, nota-se que esse faz uso do termo *Südbai*, possível transferência do português da palavra baía para exprimir baía sul. A palavra *Bai* (baía) não é empregada em alemão. Em seu lugar usa-se *Bucht* (baía).

Para observação do leitor, segue outro exemplo de composição de palavra (*Komposita*), já citado anteriormente, é o caso de *Silberflusses* (declinada no genitivo) que significa “rio prateado”. Na tradução a menção ao Rio da Prata foi a melhor escolha.

*Zehn Jahre später ankerte ein Schiff der von D. Nuno Manoel und Christováo de Haro ausgerüsteten Expedition in der Südbai von Florianopolis. Diese Expedition ist für uns um so interessanter, als mit ihr der erste Deutsche in unsere Gegend gelangte, nämlich der ungenannte Verfasser der “New zeitung ausz presillandt”. Als die Kunde von der durch diese Flotte gemachten Entdeckung des Rio de la Plata nach Spanien kam, ließ Karl V. im geheimen eine von Solis befehligte Expedition ausrüsten, um das Land des Silberflusses für Castella in Besitz zu nehmen (ENTRES 1929:1).*

*Dez anos mais tarde, um navio equipado da expedição de Dom Nuno Manoel e Cristóvão de Haro ancorou na baía sul de Florianópolis. Essa expedição é para nós deveras interessante, pois com ela chegou o primeiro alemão da nossa região, o editor não mencionado da “Nova Gazeta da Terra do Brasil”. Quando a descoberta do Rio da Prata feita por essa frota chegou ao conhecimento da Espanha, Carlos V providenciou uma*

*expedição sigilosa, comandada por Solis, para tomar posse do país do Rio da Prata em nome de Castella.*

O que chama a atenção no texto abaixo é o numeral 9 (*nove*) dando início ao enunciado. Sendo assim, o pesquisador/tradutor, precisa aplicar a inversão no momento da tradução, colocando o numeral em outra posição da frase e não no início como mostra o texto original.

Para o termo *zu säubern*, que significa livrar/para limpar, e cuja expressão denota de certa maneira depreciação, o termo, *para eliminar*, foi o mais adequado para a tradução.

*9 Mann der Besatzung erreichten glücklich die Insel, wo sie 1 oder 2 Jahre später Christováo Jacques fand, Kommandant einer Flottille, die von der portugiesischen Regierung ausgesandt worden war, um die brasilianische Küste von den vielen fremden Piraten und Korsaren zu säubern (ENTRES 1929:1)*

*Afortunadamente, nove homens da tripulação alcançaram a ilha, na qual encontraram um ou dois anos mais tarde, Cristóvão Jacques, comandante de uma flotilha, que fora enviada pelo governo português para eliminar da costa brasileira os muitos piratas e corsários estrangeiros.*

O pesquisador/tradutor ao assumir uma tarefa tradutória, muitas vezes não tem idéia da dificuldade que ele possa vir a ter com determinadas expressões que não lhe saltam aos olhos imediatamente, e para tanto soluções precisam ser encontradas. É o caso da expressão do próximo texto, *einer bösen Sieben zu Ehren*, cujo significado levou muito tempo para ser descoberto. A primeira idéia que surgiu, foi pensando na possibilidade da expressão ter alguma correspondência com o número sete, já que o sete (*Sieben*) faz parte da expressão. Portanto, esse numeral poderia significar tanto sorte como azar, ou seja, a expressão poderia ter sentido positivo ou negativo.

Partiu-se, então, para a busca do significado da expressão. Várias pessoas foram perguntadas, naturais ou descendentes de alemães, tanto no Brasil como na Alemanha, mas ninguém soube responder e tampouco alguém havia ouvido falar a respeito.



As sugestões também vieram. A primeira delas, é que o autor do relato poderia ter feito um jogo metafórico com a personagem principal da obra de William Shakespeare, Catarina, em “A Megera Domada”. A segunda, é que o número sete, considerado número de azar na Idade Média, poderia ter relação com essa época. A terceira, que poderia se referir a uma oração do rosário/terço que em alemão se chama *Die sieben Leiden der Maria* (Os sete martírios de Maria). A quarta fez menção a uma expressão mística. E a última, talvez tivesse relação com a Bíblia, pois nela o número sete é bastante citado: sete dias, sete cálices, sete trombetas, sete anjos.

Dados biográficos ou mesmo uma simples descrição da personalidade de Catarina Medrano foram procurados em vários livros, mas infelizmente não houve sucesso. Observa-se que Sebastião Caboto é sempre citado em livros, o que é perfeitamente compreensível, já que ele foi uma pessoa importante no cenário histórico.

São raros os livros sobre a História do Brasil que mencionam Catarina Medrano, mas a solução para o significado da expressão foi encontrada no livro de Oswaldo R. Cabral, “História de Santa Catarina”, de 1987. Ali, na página 25, consta a descrição de Catarina Medrano, como segue: “... uma homenagem que o navegador quis prestar à sua esposa, Catarina Medrano, com quem casara em segundas núpcias e que, segundo consta, era um verdadeiro pesadelo em sua vida, maltratando-o e sujeitando-o a tão ridículos papéis que o navegador, sempre que podia, metia-se em alguma expedição que o levasse para longe do lar, em busca de uma tranqüilidade que nele não encontrava”.

Diante dessa descoberta, o passo seguinte foi pela escolha do adjetivo a ser empregado na tradução. A interpretação é um aspecto a ser analisado também pelo pesquisador/tradutor em relação ao autor do relato: qual teria sido a interpretação de Pauwels na época (1929)? Sabendo-se que Pauwels foi padre, teria ele talvez feito um jogo metafórico com a personagem de William Shakespeare, conforme sugestão apresentada anteriormente? Diante de vários adjetivos, a opção foi pela palavra “malvada” na tradução, já que “megera” é uma interpretação um tanto forte em se tratando de um padre.

Para termos que merecem maiores esclarecimentos para o leitor, constam notas de rodapé na tradução, como por exemplo, para *Neufundland*, em inglês *Newfoundland*, que é uma ilha situada ao nordeste do Canadá e que recebeu o nome de “Terra Nova” por um explorador português.

*Zu Beginn oder um die Mitte des Jahres 1526 suchte D. Rodrigo da Cunha, Befehlshaber einer von Jofré de Loaisa ausgerüsteten Flotte, Zuflucht in einem catharinenser*

*Hafen, wahrscheinlich Imbituba oder Laguna. Etwas später, im Oktober, war es Sebastião Caboto, Sohn des Entdeckers von Neufundland, der mit einer spanischen Expedition die Südbai von Florianópolis anlief. Seiner Frau Katharina Medrano, einer bösen Sieben zu Ehren, gab er der Ilha dos Patos (= Gänseinsel; so getauft von der Expedition D. Nunos) den Namen S. Catharina (ENTRES, 1929:2).*

*Por volta do início, ou em meados, de 1526, Dom Rodrigo da Cunha, Comandante de uma das frotas equipadas de Jofré de Loaisa, procurou refúgio em um porto catarinense, possivelmente em Imbituba ou Laguna. Um pouco mais tarde, em outubro, foi Sebastião Caboto, filho do descobridor da Terra Nova, que chegou ao sul da baía de Florianópolis com uma expedição espanhola. Em homenagem à sua mulher, Catarina Medrano, a malvada, Caboto deu o nome de Santa Catarina à Ilha dos Patos, assim batizada pela expedição de Dom Nuno.*

No que segue, se observa que o autor cita *Francisco Dias Velho* e sendo esse personagem histórico mencionado pela primeira vez no relato, nada é aludido em relação ao termo ‘bandeirante’, cuja palavra é apenas abordada no primeiro parágrafo que inicia o capítulo do livro (vide excerto ENTRES 1929:1). Refletindo a respeito, o que dá a impressão é de que esses exploradores ainda não haviam se tornado tão conhecidos como hoje, daí talvez o autor mencioná-los apenas uma vez. E como surgiram os bandeirantes?

Conforme Cotrim (2002, p. 235), desde o início do séc. XVI o governo português organizava expedições oficiais, denominadas entradas, com intuito de explorar o território brasileiro em busca de ouro. Foi provavelmente com Américo Vespúcio, em 1504, que se deu a primeira entrada. Já no séc. XVII, além das entradas, expedições foram organizadas com apoio financeiro de particulares, chamadas de bandeiras. Aqueles que entravam pelo sertão em busca de riquezas, a cavalo, a pé ou em canoas, eram chamados bandeirantes. Um chefe, branco ou mameluco, com poderes absolutos sobre os subordinados, comandava a expedição bandeirante.

As expedições dos bandeirantes se dedicavam ao apresamento (captura de índios para vendê-los como escravos); à prospecção (procura de metais preciosos) e ao sertanismo de contrato (combate de índios e captura de escravos negros fugitivos, prestando serviços à classe dominante da colônia). A Vila de São Paulo ficou conhecida como a “terra dos bandeirantes”. Os bandeirantes, responsáveis pelo massacre de milhares de índios, em que

grandes áreas do interior do território brasileiro foram despovoadas, muitas mais tarde ocupadas por fazendas de gado, também foram contratados por algumas autoridades do governo, pecuaristas e senhores de engenho para atacar escravos rebeldes.

*Eine der Hauptfiguren des eigenartigen Gemeindewesens der Villa S. Paulo war um jene Zeit **Francisco Dias Velho** (geboren gegen 1622), der mit seinem 1645 verstorbenen gleichnamigen Vater mehr als einen Streifzug bis zum Süden S. Catharinas unternommen hatte (ENTRES 1929:3).*

*Uma das figuras principais deste tipo particular de comunidade da Vila São Paulo foi **Francisco Dias Velho** (nascido em 1622), que tinha feito em 1645 mais de uma incursão até o sul de Santa Catarina com o seu homônimo e falecido pai.*

O próximo excerto apresenta o emprego da palavra “presídio” pelo autor, o que leva o pesquisador/tradutor a verificar a localidade. Trata-se do presídio Rio Grande fundado pelo Brigadeiro José da Silva Paes em 1737, que também ergueu o Forte Jesus, Maria e José, dando, assim, início a primeira povoação do Rio Grande do Sul que mais tarde foi elevada à vila.

O autor preferiu fazer uso do termo ‘Presídio’ a empregar em alemão *Zuchthaus* ou *Gefängnis*.

*1760 wurde in dem inzwischen zur Villa erhobenen **Presidio** von Rio Grande eine von S. Catharina unabhängige und wie diese nur dem Capitão General von Rio de Janeiro untergeordnete Kommandatur errichtet.*

*Porém, em 1760, no então **Presídio** de Rio Grande, que nesse meio tempo fora elevado à vila, independente de Santa Catarina, se instituiu um comando, aos cuidados do Capitão-General do Rio de Janeiro.*

No texto abaixo se observa que o autor fez uso da palavra *catharinenser* (*catarinense*), um adjetivo pátrio se referindo ao Estado de Santa Catarina que Pauwels adaptou de certa

forma por conveniência ou comodidade. Hábito empregado pelos alemães que o autor transportou para o português.

Com relação à palavra *Fazenden* (plural de *Fazenda*), o dicionário alemão indica as terras brasileiras cultivadas (fazendas brasileiras), fazendo referência intercultural à palavra citada, além de se remeter ao Brasil, faz relação também com a palavra espanhola *hacienda*, estrangeirismo incorporado pela língua alemã. No dicionário alemão essa indicação às fazendas de terras brasileiras se refere especificamente ao Brasil. Um processo muito interessante na constituição da língua que mostra que a língua alemã não só aceita como incorpora esses vocábulos ao seu léxico. Já para designar ‘fazenda’ temos as seguintes palavras em alemão: *Farm* e *Bauerngut*.

Pauwels insere em seu texto a palavra *governador* tal qual em português, apenas escrita em maiúscula porque, segundo a regra gramatical da língua alemã, todos os substantivos devem ser grafados em maiúsculo. Existe em alemão a palavra francesa *Gouverneur* que poderia ter sido empregada em seu lugar, o que mostra que a língua portuguesa já estava exercendo influência sobre o autor. A língua estrangeira interferindo a língua materna, uma se entrelaçando com a outra, paulatinamente se miscigenando, o que bem esclarece Coracini (2007 p. 131): “não há língua-origem, língua pura, única, perfeita, fechada, a não ser na idealização – invenção – do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos protege do conflito constitutivo de toda subjetividade. Toda língua como todo sujeito são atravessados por outros, pelo Outro, toda língua é o outro...”

*Um jene Zeit herum begann auch das catharinenser Hochland, auf dem sich dahin längs des Weges Curityba-Viamão einige **Fazenden** gebildet hatten, in den Bereich der staatlichen Ordnung und damit der Geschichte einzutreten. Beauftragt vom **Governador** von S. Paulo gründete 1767 der aus Portugal gebürtige Antonio Correa Pinto zwischen den Flüssen Canoas und Pelotas eine Ansiedlung, die nach dem in Platten auftretenden Sandstein “Lages” genannt wurde (ENTRES 1929:6).*

*Naquele tempo também o planalto **catarinense** passou a ter importância para o Estado e a se integrar na história, com o estabelecimento de algumas **fazendas** ao longo do caminho de Curitiba-Viamão. Em 1767, a pedido do **governador** de São Paulo, foi fundada uma colônia entre os rios Canoas e Pelotas pelo português Antonio Correa Pinto. Essa colônia teve a denominação de “Lages” devido à presença na região de pedra plana arenosa de platôs de basalto.*

Sobre o trecho seguinte, o leitor necessita se lembrar do excerto, anteriormente analisado, que menciona a palavra *Südbai* que Pauwels utilizou em seu relato, referindo-se à baía sul. Essa palavra não é utilizada na língua alemã, em seu lugar usa-se *Bucht*.

Com o emprego da palavra *Bucht* pelo autor no excerto seguinte, fica claro a influência da língua portuguesa sobre a alemã, quando o autor transferiu a palavra baía em português para o alemão *Bai*, daí *Südbai* em outro excerto anterior. Aqui novamente se apresenta o contato da língua materna com a estrangeira, e essa última exercendo sua influência.

*1818 wurde mit portugiesischen Fischern na der **Bucht** Garoupas die Niederlassung Nova Ericeira gegründet, die aber bald zugrunde ging (ENTRES 1929:7)*

*Em 1818, o povoado de Nova Ericeira foi fundado com o apoio de pescadores portugueses na **baía** das Garoupas que, porém, logo desapareceu.*

Abaixo o exemplo de um parágrafo longo. A leitura precisou ser retomada várias vezes para que detalhes não fossem omitidos, e que o sentido pudesse ser traduzido de forma que o texto se tornasse inteligível ao leitor.

No texto original observa-se com relação à pontuação, que o primeiro ponto final ocorre após oito linhas e o próximo depois de sete. Tendendo a língua alemã a ser mais explicativa, parágrafos longos podem até existir, o que não é tão comum. Os fatores fidelidade (*Treue*) e lealdade (*Loyalität*), mencionados por Nord (1988), se apresentam novamente aqui.

Para maior clareza do leitor, a pontuação na tradução teve que ser diferente do original, pois na língua portuguesa é preferível redigir parágrafos curtos a longos. Muitas vezes as sentenças sofreram inversão, visando a compreensão do leitor.

Observa-se também que o autor menciona os ‘caçadores de escravos paulistas’ que no texto aparece pejorativamente como *...paulistaner Sklavenjägern...*

Pauwels finaliza o relato imprimindo a sua visão sobre o povo brasileiro, povo de cultura diferente da dele. Aborda os valores dos nativos e dos imigrantes. Retoma a História do Brasil: a terra dos índios, dos bandeirantes, das constantes lutas, dos exilados e aventureiros, do povo que luta, que não conhece o seu valor, oprimido, que unindo forças, caminha para a prosperidade.

A pesquisa sobre a expressão em latim “Viribus Unitis” encontrou: “união de forças”.

*In einem Gebiet, das durch Jahrhunderte tatsächlich keinen der rivalisierenden Mächte Portugal und Spanien gehörte, das Wohnsitz der eingeborenen Indianer, Schauplatz rohen Kampfes zwischen paulistaner Sklavenjägern und ihren Opfern und Schlupfwinkel von Schiffbrüchigen, Abenteuern und allerlei verfehmtem Volk war, hatten die ungebrochene Tatkraft einiger Brasilianer, die aus hochpolitischen Notwendigkeiten sich ergebenden Zufälle, und die ungelenke, primitive Betriebsamkeit des “Ilheu” ein Gemeinwesen geschaffen, dem ein mit allerlei Fortschrittskram verbrämtes, aber bis ins Mark verknöchertes und tyrannisches Regierungssystem vergeblich den Geist einzuhauchen versuchte, den es selbst nicht besaß. Wir sehen, wie ein Volk, seines innern Wertes dumpf bewußt, aber in geistiger und wirtschaftlicher Unmündigkeit gehalten, aus dem die freilich nicht ganz seltenen Ausnahmen nur mit unendlicher Mühe sich befreien konnten, unmöglich aus eigener Kraft sein von Gott wahrhaft gesegnetes Land in weniger als einem Jahrhundert zu einer Blüte und einem Aufschwung bringen konnte, die es jetzt, obwohl an Größe und Einwohnerzahl einer der kleinsten Staaten unseres Vaterlandes an Bedeutung für den geistigen und materiellen Fortschritt Brasiliens unter den ersten erscheinen lassen.*

*Dies aber sollte erreicht werden durch die brüderlich einträchtige Zusammenarbeit der alten und der neuen Kolonisten. Und da nach dem Ausspruch des alten Geschichtschreibers die Staaten nur durch die Mittel erhalten werden, durch welche sie geschaffen wurden, so kann es für S. Catharina ein Blühen und Gedeihen nur geben im Zeichen des “Viribus Unitis!” (ENTRES, 1929:8).*

*Uma região que efetivamente através dos séculos não pertencia, com toda a rivalidade de poder, nem a Portugal, nem à Espanha, era residência dos índios nativos, palco de rudes lutas entre caçadores de escravos paulistas e suas vítimas, esconderijo de naufragos, aventureiros e de toda espécie de gente desterrada. Esses tinham a energia incansável de alguns brasileiros. Por necessidades políticas significativas, advindas de circunstâncias ocasionais, associadas ao modo de ser primitivo e pouco direcionado do “ilhéu”, em uma tentativa de imposição de comportamentos progressistas, o sistema de governo operante buscava ditar comportamentos moralistas, em padrões que nem mesmo ele seguia. Podemos observar como um povo, provido de pouca consciência de seu valor real, inserido em termos espirituais e econômicos ainda em plena minoridade, considerando-se, claro, algumas poucas exceções, somente mediante um esforço enorme poderia se libertar. Da mesma forma, não poderia transformar, em menos de um século, sua abençoada terra*

*natal em terra progressista que, vista agora, apesar de pouco representar em área física e população, tão significativa e importante o é, se olharmos pela ótica do avanço espiritual e material dos dias de hoje.*

*Isto deveria ser alcançado através do sentimento de fraternidade e da colaboração dos antigos e novos colonos. E, segundo o dito do antigo escritor da história de que os estados só serão mantidos através do meio pelo qual foram realizados, assim Santa Catarina pode seguir para florescência e prosperidade com **a união de forças**: “Viribus Unitis!”*

Os dois excertos abaixo são exemplos de que o pesquisador/tradutor necessita obter muitas informações sobre a cultura e os costumes do povo que se utilizava dos sambaquis, assim como verificar possível mudança em relação aos nomes das cidades abaixo mencionadas. Somente através de fotos é que a compreensão de um instrumento se torna clara, denominados por Nord (1988) elementos não verbais. Quando esses elementos não são alcançados pelos fatores intratextuais, o recurso que se tem, é buscá-los além do texto, ou seja, pelos fatores extratextuais. A procura por esses elementos se faz necessária para poder elaborar o texto-meta.

Pauwels quando menciona *Buger* está se referindo ao bugre, daí a correspondência com o termo *Bugerschmiede*: ferraria do bugre.

Com o apoio de fotografias foi possível associar almofariz à palavra *Mörser*, o mesmo ocorreu com a palavra *Faustkeile*, apesar de constar em dicionário alemão, a fotografia possibilitou o entendimento dessa ferramenta que foi traduzida para o português como ‘cunhas de pedra’. Muitas vezes não basta apenas a descrição de um determinado objeto, a fotografia também passa a ser outro elemento relevante para redimir dúvidas durante a pesquisa.

*In der Nähe mancher Sambaquis finden sich prähistorische Stationen, Schleifspuren, als **Mörser** dienende Aushöhlungen im Felsen, und richtige Werkstätten für allerlei Steinwerkzeuge; so neben dem großen Sambaqui in der Nähe des Sees Saguassú, dann bei dem der Cabeçudasspitze, eine andere am Ufer des Pirabeiraba im Munizip Joinville, usw. Das Volk gibt diesen Stationen den bezeichnenden Namen “**Bugerschmiede**”.*

*Außerdem finden sich in den Sambaquis Topfscherben, **Faustkeile**, Beile - roh zugehauene und polierte -, Pfeilspitzen, trapezförmige Netzbeschwerer; dazu zahlreiche*

*Schmuckgegenstände, wie Wildschweinzähne, durchbohrte Scheibchen aus Knochen und Stein und durchbohrte Muscheln zum Aufreihen an einer Schnur (ENTRES 1929:15).*

*Nos arredores de muitos sambaquis encontram-se sítios pré-históricos, marcas de polimento, como escavação de **almofarizes**, pilões em rochas, e oficinas para todos os tipos de ferramentas de pedra; uma ao lado do grande sambaqui, nas redondezas do rio Saguacú, perto do Pico de Cabeçadas, uma outra nas margens do Pirabeiraba, no Município de Joinville, etc. O povo deu a estas estações o nome de “**ferraria do bugre**”.*

*Também se encontram nos sambaquis pedaços de panelas, **cunhas de pedra** que serviam de ferramenta, machadinhas, com ou sem polimento, pontas de flechas, redes na forma de trapézio, e mais inúmeros objetos de enfeite, como dentes de porco, disquinhos de ossos e pedras perfuradas, assim como conchas perfuradas que podem ser penduradas em um barbante.*

Sempre se deve atentar para os nomes próprios para não gerar confusão, pois em caso de descuido pode ocorrer falsa interpretação, como é o caso do exemplo seguinte. Straubing tem relação com lugar e não com o nome próprio Ulrich Schmiedel, portanto Pauwels está se referindo à Ulrich Schmiedel nascido na cidade de Straubing, cuja cidade se situa no Estado da Baviera – Alemanha. Portanto, na tradução essa informação precisa ficar clara para o leitor.

Voltando para análise de um excerto anterior, onde a cidade natal de Ulrich Schmiedel é citada por Celeste H. M. Ribeiro de Souza, em seu livro “Retratos do Brasil: hetero-imagens literárias alemãs”, a autora encontrou Strassburg como sendo o lugar de nascimento de Ulrich Schmiedel. Desta maneira dois lugares de nascimento foram encontrados: Straubing e Strassburg. Em qual de fato Ulrich Schmiedel teria nascido?

Questão que o pesquisador/tradutor se depara e necessita solucionar. Para ser leal ao destinatário, a informação a ser considerada é a que consta no texto-fonte.

*Man erinnere sich nur an die fast unglaublich abenteuerliche **Reise des Straubingers Ulrich Schmiedel**, der 1552 von Assumpção über Land bis nach S. Vicente gelangte und an die gefahrvolle Landreise der Begleiter Hans Stadens von der Insel S. Catharina aus nach Assumpção (ENTRES 1929:16).*



*Quem nos faz lembrar desta quase inacreditável e insólita viagem é Ulrich Schmiedel da cidade de Straubing (Baviera), que por terra, em 1552, saiu de Assunção para São Vicente e também da perigosa viagem por terra dos acompanhantes de Hans Staden, partindo da Ilha de Santa Catarina para Assunção.*

Abaixo segue exemplo da observação feita anteriormente em um dos excertos em que o autor do relato emprega *Buger* para o termo em português bugre, o que demonstra que Pauwels germanizou a palavra, pois a mesma não consta em dicionário alemão.

Segundo Guisard (1999), foi de um movimento herético na Europa, contrário às normas impostas pela igreja, que o termo bugre surgiu na Idade Média.

A seita denominada bogomilismo, na Bulgária, no séc. IX, em homenagem ao seu fundador, padre Bogomil, tinha como doutrina negar o mundo terreno e tudo em relação à matéria. Eram negados os rituais da Igreja Católica: batismo, matrimônio, os sacramentos, a liturgia, os ornamentos e a cruz.

Os bogomilos, os adeptos dessa doutrina, não aceitavam a veneração da cruz, porque essa era executada de matéria perecível e tudo que era matéria perecível era descartado. Formavam uma comunidade fechada, independente, e punham os valores morais e religiosos da época em questão. Não comiam carne e entre si se confessavam e se absolviam.

No Mundo Ocidental, o conceito da palavra bugre veio sendo paulatinamente transportado da esfera religiosa para a esfera profana, considerando o bugre como sodomita, pederasta, devasso, vagabundo, inferior.

Esse termo pejorativo, bugre, já figurava na literatura portuguesa, italiana e francesa, associado à sodomia e à heresia. Depois, esse termo passou a ter relação com os índios encontrados na América e em seguida com os do Brasil, trazido pelos colonizadores portugueses.

É o olhar dos portugueses sobre os índios. Duas culturas distintas. O índio com seu *modus vivendi* muito diferente ao do homem branco. Um ser considerado inferior e muitas vezes discriminado, e por outro lado amedrontado com aquele que também é muito diferente dele, o homem branco, tendo que se submeter ao seu poder.

Mediante a apuração realizada sobre o vocábulo *Buger*, constata-se que o pesquisador/tradutor não pode ser imediatista. Sempre que possível deve recorrer à pesquisa,

em especial quando algo lhe chama a atenção, pois mesmo assim ainda muita coisa lhe pode escapar. Se não fosse pela pesquisa, jamais poderia se concluir de que esse termo é pejorativo.

*Auch der größte Teil des inneren Küstenlandes litt nicht wenig unter den häufigen Belästigungen durch die umherstreifenden **Buger**, wie in S. Catharina die Indianer unterschiedlos genannt werden (ENTRES 1929:16).*

*Grande parte das áreas limítrofes do litoral também passava por muitos sofrimentos por conta dos freqüentes aborrecimentos causados pelos **bugres** nômades, assim chamados os índios indistintamente em Santa Catarina.*

Como já citado anteriormente, neste capítulo, sobre o uso de termos híbridos e inclusive esses foram listados em tabela, segue mais um exemplo do emprego pelo autor da palavra *Indianertoldos*, que de acordo com o contexto do texto-fonte foi traduzido para “aldeias indígenas”.

*So primitiv sie auch gehalten ist, so hat sie doch nicht geringen Wert, weil sie außer der Verteilung von Wald und Kamp auch die Lage der damaligen **Indianertoldos** angibt (ENTRES 1929:16).*

*Mesmo sendo tão primitivo, não é de todo insignificante, pois além da distribuição do mato e campo também indicava a posição das **aldeias indígenas** de então.*

Segue outro exemplo em que Pauwels desenvolve um texto longo, aparecendo a pontuação final na sexta linha. Seguir tal forma, nem sempre é possível na tradução.

O pesquisador/tradutor deve avaliar se consegue manter a mesma apresentação do texto-fonte na tradução, sem afetar a mensagem para o leitor, como mostra o texto abaixo. Caso contrário, é viável elaborar parágrafos menores, atentar para a pontuação, se necessário, fazer uso da inversão, tudo para que a mensagem do texto não se perca quando destinada ao leitor.

*Hauptsächlich hatten darunter zu leiden die Viehzüchter im äußersten Osten des Hochlandes wo die Rothäute bald den Herden auf den entliegenden Kamps nachstellten – von jedem erlegten Stück Vieh schnitten sie die Spitze eines Hornes ab, um sie an einer Schnur aufzureihen, - bald die Serra Geral herabstiegen, um im Küstenland Beute zu machen, wobei sie es vor allem auf eiserne Gegenstände abgesehen hatten, die sie zu Waffen verarbeiteten; aus Tafelmessern z.B. verfertigten sie zweischneidige Lanzenspitzen (ENTRES 1929:17).*

*Os maiores prejudicados eram os criadores de gado do extremo oeste do planalto, onde os peles-vermelhas perseguiram e encurralavam os rebanhos que se encontravam em campos mais distantes – de cada cabeça de gado morta era cortada a ponta de um dos chifres para enfileirá-los num cordão – para logo seguirem descendo a Serra Geral, com o propósito de saquear, sobretudo, pelo fato de estarem na expectativa de adquirirem objetos metálicos para transformá-los em armas; confeccionavam, por exemplo, a partir de facas de cozinha pontas de lança de dois gumes.*

A palavra *Individuen*, de que o autor faz uso, denota certa indiferença, distanciamento do habitante nativo. É a visão do autor sobre a outra cultura, onde o outro representa estranhamento. Já no português a palavra *indivíduos* também tem carga semântica negativa, dependendo do contexto em que essa está sendo empregada, predominantemente em situação de relato, como mostram os exemplos: “foi aquele indivíduo que fez isso!”; “quatro indivíduos armados entraram no bar...”.

Com relação às palavras *Lippenflock* e *Coroa*, ambas mereceram pesquisa. O índio utiliza dois tipos de botoque labial: 1) o lábio é cortado e nesse espaço um disco de madeira é introduzido se assemelhando a um prato; 2) um pedaço de madeira em formato de tira é espetado no lábio inferior. Somente com apoio de imagens é que foi possível entender esse ornamento indígena para dar continuidade à tradução, visando a elaboração do texto para o leitor. Muitas vezes o pesquisador/tradutor precisa recorrer a elementos extratextuais, buscar apoio de elementos não verbais além texto, para dar continuidade ao seu trabalho.

O cabelo do índio recebia o corte em formato de “coroa”, ou seja, o mesmo tipo de corte usado pelos padres franciscanos na época, possivelmente fruto do processo de catequização desenvolvido junto aos índios pelos missionários. Também aqui o pesquisador/tradutor precisa ter o devido cuidado para não interpretar “coroa” como ornamento de cabeça, quando, na verdade, refere-se ao corte de cabelo de forma arredondada.

*Im verflossenen Jahre (1822) waren es nur noch ungefähr 10 **Individuen**, zu den Coroados gehörig, die an den Quellen des Capivary und Braço do Norte (Nebenflüsse des Tubarão) umherirrten. Nach Erkundigungen bei Kolonisten gebrauchen sie noch den **Lippenflock** und die “**Coroa**” [Tonsur nach Art der Franziskaner] (ENTRES 1929: 17).*

*Decorrido o ano de 1822, aproximadamente só 10 **indivíduos** pertenciam à tribo dos Coroados, que vagueavam na nascente do rio Capivari e Braço do Norte (afluentes do rio Tubarão). Segundo informações dos colonos, eles ainda utilizam o **botoque labial** e a “**coroa**” (tonsura nos moldes dos franciscanos).*

Segue abaixo outro exemplo em que Pauwels utiliza o termo *Buger* como já apontado anteriormente. Nota-se que o autor faz uso da palavra “Sertão” que em seu lugar poderia ter aplicado a palavra *Wildnis*, que segundo o dicionário alemão de Gerhard Wahrig (2002), significa região selvagem, terra em estado natural. No dicionário alemão da editora *Langenscheidt* (2001) se encontra também a palavra *Landesinnere* que quer dizer interior do país. Além dessas, também há o termo *Tropenwald*, se referindo às florestas tropicais. Isso demonstra que o pesquisador/tradutor além de possuir o conhecimento das duas línguas, também necessita ter o conhecimento da história e da geografia dos respectivos países. Assim, para o pesquisador/tradutor o pré-conhecimento da palavra “sertão” auxilia na interpretação e na tradução. Lembrando que há várias concepções para a palavra “sertão” como indica Houaiss (2001): “a) região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas; b) terreno coberto de mato, afastado do litoral; c) a terra e a povoação do interior; o interior do país; d) toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos”. Assim, demonstra que mesmo existindo palavras correspondentes em alemão, o autor manteve o termo em português, o que evidencia a influência da língua estrangeira sobre a materna. Além do que o “sertão” faz parte do âmbito cultural, geográfico e histórico do Brasil e nada tem a ver com a cultura alemã.

*Die 881 noch im vergangenen Jahre festgestellten “**Buger**” des wesentlichen **Sertão** werden innerhalb weniger Jahrzehnte verschwunden sein, wobei Seuchen, Trunksucht, geringe Kinderzahl und Vermischung mit den weißen Bewohnern als Ursachen wirken dürften (ENTRES 1929: 18).*

*Os 881 “bugres” existentes no Sertão do Oeste no ano passado terão desaparecido em poucas décadas, dizimados por pestes, alcoolismo, reduzido número de filhos e pela miscigenação com os brancos.*

Os próximos exemplos se referem ao relato sob o título “Erzählungen des Indianerdolmetschers Jeremia über seine Erlebnisse unter den Botokuden” (“Relatos do intérprete indígena Jeremia sobre sua vivência entre os Botocudos”) escrito por José Deeke, que narra a história de Jeremia, cuja comunidade fora atacada pelos Botocudos e ele, ainda criança, fora raptado.

Surpreendentemente observa-se no livro que o trecho abaixo se encontra sem pontuação final e com omissão do verbo auxiliar “haben” (verbo ter), o que por fim não gerou problemas para a compreensão do enunciado no momento da tradução. Foi um lapso do autor?

*Demnach war dieser Bugerüberfall einer der grausigsten, die es je gegeben (ENTRES 1929:18)*

*Segundo eles, este ataque cometido pelos bugres fora um dos mais desumanos já ocorrido.*

O texto seguinte demonstra o preconceito do índio em relação ao homem branco de acordo com o relato do intérprete Jeremia, que fora educado dentro dos padrões indígenas. O conflito entre o índio e o homem branco. O choque de duas culturas, uma bem diferente da outra. O índio se vendo constantemente ameaçado pelo homem branco gera sentimento de repulsa, não o considera como um ser próximo, assim como o homem branco também não considera o índio. Estranhamento causado pela diferença de comportamento e filosofia de vida como também da língua, impossibilitando a aproximação e a comunicação de ambos.

*Diesen Entschluß muß man der Frau um so höher anrechnen, wenn man bedenkt, daß der Wilde den Weißen nicht als Mitmenschen betrachtet, sondern ihn wie irgend ein ekelhaftes Geschöpf verachtet (ENTRES 1929:20).*

*A atitude de Kruro deve ser ainda mais valorizada, ao refletirmos sobre o comportamento dos selvagens que não consideram os brancos como seres próximos, mas sim criaturas repugnantes.*

Os dois exemplos que se seguem citam o termo *Ranchos*, palavra que Deeke transferiu do português para o alemão. Assunto já abordado anteriormente neste capítulo sobre a apropriação de palavras em português para o alemão, o que leva a acreditar que o autor não tenha encontrado termo correspondente em alemão, empregando a palavra em português. O termo “rancho” atualmente é visto com certa estranheza na própria língua portuguesa para designar a aldeia dos índios constituída de ocas.

Na busca pelo significado de “aldeia” e de “ranchos” explica Houaiss (2001): “aldeia” quer dizer “povoação habitada apenas por índios; maloca; aldeamento”. Para a palavra “ranchos” há diversas acepções: “a) grupo de pessoas reunidas para determinado fim; b) grupo de trabalhadores contratados para qualquer serviço, esp. agrícola; c) grupo folclórico; d) conjunto de pessoas que representam pastores e pastoras nas festas tradicionais de Reis; e) grupo de foliões, que no carnaval, dançam e cantam pelas ruas ao som de instrumentos de percussão, de sopro ou elétricos, blocos; f) grupo de militares que fazem suas refeições em comum; g) (militar) a alimentação fornecida, comida; h) local em que é servido o rancho, refeitório; i) provisão de mantimentos embarcados para alimentação do pessoal de bordo; j) comida para grande quantidade de pessoas, geralmente paga por cota; k) acampamento onde se alojam os ranchos; ranchada; l) lugar na proa, por baixo da cana do leme; m) habitação precária, pobre, choça, choupana; n) choça ou telheiro, à beira de caminho, que serve como abrigo temporário; o) cabana, nas roças, para descanso dos trabalhadores; p) habitação rústica para seringueiros; q) casebre feito de pau a pique e coberto de folhas; r) fazenda de criação no Oeste americano; s) em 1535, ‘cabana rústica’, designava inicialmente qualquer lugar para acomodar soldados, marinheiros e pessoas que viviam fora do povoado; derivação do verbo *rancharse* ou *ranchearse* (séc.XVI) ‘alojar-se’; do francês *se ranger* ‘instalar-se em algum lugar’, este, de *rang* (1080) ‘fileira’, do frâncico *hring*, ‘círculo, anel’, compare alemão *Ring* ‘anel’ e inglês *ring* id., na linguagem dos soldados tomou o sentido geral ‘espaço’, depois ‘roda que os soldados formam para comer juntos’ (1737), donde ‘comida dos soldados e marinheiros’ (1761); 1597-1617 é a data para a acepção de militar ‘acampamento’ e para a acepção ‘grupos de pessoas’ em 1720”.

De acordo com Corominas (s.d. apud SOUZA), ‘rancho’ é o lugar onde uma ou várias pessoas se acomodam, especialmente soldados, marinheiros e gente que vive fora do povoado, segundo ele, a palavra era bem conhecida nos séculos XVI e XVII, inclusive nos países falantes de castelhano.

A palavra representa todo tipo de moradia provisória ou apenas lugares onde se alojavam ou se acomodavam com intuito mais ou menos passageiro toda classe de nômades ou viajantes: soldados, índios, marinheiros, pescadores, ciganos, pastores e vagabundos. Foi usada pelos soldados que a aplicavam às coisas e esconderijos dos índios americanos e, em seguida, passou a denominar moradia pobre e rural dos habitantes da América. A seguir, o vocábulo fez parte básica e fundamentalmente do linguajar dos militares, mas logo empregado como ‘união de várias pessoas, em forma de roda, que comem juntas’.

De acordo com a pesquisa sobre a palavra *Ranchos* empregada por Deeke, concluo que o autor se apropriou da palavra em português talvez por não ter encontrado termo correspondente em alemão, que poderia até ter sido descrito/explicado e segundo a minha sugestão, poderia ter usado as seguintes possibilidades: Lager (acampamento) / Lager der Indianer (acampamentos dos índios) / Indianerlager (palavra composta = acampamento dos índios) / Wohnung (moradia) / Wohnung der Indianer (moradia dos índios) / Indianerwohnung (palavra composta = moradia dos índios) / Indianer-Haus (casa de índio) e outras variações inseridas em seus devidos contextos.

*Selben Tags noch wurde das Lager aufgehoben, und es ging etwa eine Tagesreise waldeinwärts, wo neue **Ranchos** aufgestellt wurden (ENTRES 1929:20).*

*Ainda no mesmo dia levantamos acampamento e seguimos viagem floresta adentro, para montar nova **aldeia**.*

*Verhältnismäßig früh am Tage wird halt gemacht, damit noch genügend Zeit bleibt, die **Ranchos** aufzustellen und – was die Hauptsache ist – die nötigen Nahrungsmittel zu beschaffen (ENTRES:20).*

*Logo pela manhã era feita uma pausa para que ainda houvesse tempo suficiente para montar os **acampamentos** e, principalmente, arranjar o alimento necessário para a tribo.*

O próximo excerto é exemplo do que Seyferth (2004) cita em seu artigo a respeito de choque de comportamento de duas culturas que pode ser conferido na parte introdutória.

Jeremia, que fora raptado pelos índios, após o ataque indígena à comunidade e mortos os seus pais, passa a fazer parte do comportamento e costumes dessa etnia.

Observa-se no relato que Jeremia estranha e não entende o fato dos índios não apreciarem a carne de peixe, o que para ele é perfeitamente normal, porque faz parte da cultura dele. Assim como para os índios, degustar larvas de madeira, carrapatos e piolhos faz parte do cardápio, para o homem branco, pelo contrário, não é apreciado.

Nota-se, segundo o relato, que Jeremia relutou para se adaptar aos hábitos da cultura indígena e que somente aos poucos lhe foi possível incorporá-los.

*Warum sie den Fisch nicht essen, konnte ich nie erfahren. Sie finden es eben gerade so eckelhaft, Fisch zu genießen, wie die Weißen es finden würden, wenn sie Holz- und andere Maden, Zecken (Carapatos) und sogar ganz gewöhnliche Kopfläuse verspeisen sollten, während diese Dinge für die Wilden Leckerbissen sind.*

*Was mich anbelangt, so kann ich nicht gerade sagen, dass es mir recht geworden ist, mich an die Indianerkost zu gewöhnen, denn abgesehen von den erwähnten Leckerbissen, genießen sie mit Vorliebe stinkedes Fleisch, und bei besonderen Festlichkeiten brauen sie ein "Spuckbier", welches zu trinken zuerst absolut kein Genuss ist, wenn man die Zubereitung beobachtet hat (ENTRES 1929:21)*

*A razão deles não comerem peixe, eu nunca entendi. Eles consideram tal hábito repugnante, assim como os brancos também o achariam se tivessem que comer larvas de madeira e outras tantas, inclusive, carrapatos e até mesmo piolhos em geral, que eram verdadeiros petiscos para os selvagens.*

*No que diz respeito a mim, não posso afirmar que tenha sido fácil me adaptar aos hábitos alimentares dos índios, pois, excluindo os petiscos mencionados, eles apreciavam carne fétida e, em festividades especiais, produziam uma cerveja, a assim chamada "Spuckbier"(feita a partir de mel e de milho mastigado), que a princípio não dá absolutamente nenhum prazer em beber quando se observa a sua preparação.*

Abaixo outro exemplo em que Deeke faz uso da palavra portuguesa. É o caso de *Tranqueiras*, que de acordo com Houaiss (2001), significa "cerca de madeira feita de estacas que se destina a fortificar algum ponto; tranquia; trincheira", ou seja, que serve de obstáculo.



A partir do vocábulo ‘tranqueira’ foi criada a palavra híbrida *Antentranqueiras* (no plural), pois *Ante* (Anta) não existe no universo da língua alemã, em seu lugar se usa *Tapir*, evidenciando, assim, a influência da língua portuguesa sofrida pelo autor.

*Diese Antentranqueiras wurden an den Hauptpässen der Tapire in kurzen Abständen voneinander angelegt und bestanden aus von den beiden Uferseiten in den Fluß hineingehauen Bäumen, so daß die Tiere, wenn sie in den Fluß gejagt waren, trotz ihrer Tauchkunst weder nach oben noch nach unten entwischen konnten und von den Indianern, welche sich an den Ufern und auf den Tranqueiras aufstellten, so lange hin und hergejagt wurden, bis es gelang sie vermittle der Axt, der Lanze oder auch durch einen Pfeilschuß zu erlegen (ENTRES 1929:21).*

*Essas armadilhas foram instaladas próximas umas das outras nas principais passagens das antas. Existiam árvores nos dois lados da margem do rio, de maneira que os animais, encurralados e forçados a seguir rio adentro, apesar da sua arte em mergulho, não conseguiam escapar por nenhum dos lados. Os índios que se colocavam nas margens ou sob as armadilhas, lá permaneciam enquanto os animais eram perseguidos até serem abatidos por meio de machado, lança ou flecha.*

A seguir outro exemplo da palavra *Ante* sendo aplicada pelo autor, que não existe na língua alemã, como já explicado anteriormente. O exemplo reforça de que o autor emprega palavras em português como ‘anta’ adaptada para o alemão *Ante*, ou melhor, *Ant + e* (indicando o gênero do substantivo).

O excerto traduzido abaixo não cita anta, porque esse animal é mencionado no parágrafo anterior do texto traduzido na íntegra (vide anexo A).

*War auf diese Art so ein Tier erlegt, dann gab es ein großes Fest, welches in der Regel solange anhielt, wie das Fleisch der Ante ausreichte (ENTRES 1929: 21).*

*Quando um animal era abatido dessa forma, era motivo de festa que, via de regra, durava enquanto houvesse carne.*

No que segue o autor não encontrando termo para a palavra ‘tribo’ na língua alemã, faz uso da palavra latina *tribus*, que em seu lugar poderia ter aplicado a palavra *Stamm*, designando tribo, linhagem ou raça.

*Das war allerdings nicht allzulange; den die dreißig Personen, aus welchen unsere **Tribus** bestand, vertilgten ganz unmäßige Mengen Fleisch, wenn die es hatten, so daß es gewöhnlich, nach dem Fest verschiedene Kranke, - einfach “Überfressene” gab (ENTRES:21).*

*Todavia, as festas não duravam muito tempo, pois as trinta pessoas que formavam a **tribo** consumiam quantidades excessivas de carne, enquanto a tinham. Tanto que normalmente, após a festa, ficavam doentes por terem comido demais.*

O próximo excerto trata sobre o ensinamento religioso que Jeremia recebeu de seus pais enquanto vivos, pois a comunidade fora atacada pelos índios. Depois do ataque, os índios levaram Jeremia, na idade entre seis e sete anos, à aldeia indígena e ali passou a ser educado nos moldes da cultura e dos costumes dos índios. Ganhou uma mãe de criação que tinha carinho por ele e que Jeremia também passou a gostar. Na expressão do rosto da mãe de criação, Jeremia enxerga a alegria como a de um crente devoto em Cristo, o que remete a sua formação de origem, ou seja, valores culturais enraizados.

*Aber ich konnte vorerst nicht begreifen, um was es sich handelte, und wenn ich meine Pflegemutter fragte, dann antwortete sie nur kurz, es finde etwas ganz “Großes” statt, und dabei machte sie ein freudig frommes Gesicht wie ein strenggläubiger Christ, wenn er vom jährlichen **Patronatsfest** seiner Stadt oder Ortschaft spricht (ENTRES 1929:22).*

*Mas não conseguia entender do que se tratava. Então quando eu perguntava a respeito a minha mãe de criação, ela me respondia, com brevidade que algo bem grande iria se realizar. Ao mesmo tempo o seu rosto mostrava uma expressão alegre e de grande afeição, como a de um crente devoto em Cristo, quando este comenta sobre a **feira** anual do **patrono** da sua cidade ou localidade.*

Abaixo, a palavra *Jungens* (meninos, rapazes), chama a atenção, cujo plural é formado sem “s”, portanto, *Jungen*. Mas na oralidade, em sua forma cotidiana, pode ser empregado ‘Jungs’. O exemplo demonstra que a língua portuguesa estava exercendo tal influência sobre o autor, que formou o plural de *Jungen* de acordo com a regra gramatical da língua portuguesa, aplicando “s” à palavra.

*Der Häuptling ließ die **Jungens**, welche im vergangenen Jahre die Pubertät erreicht hatten, antreten und verkündete ihnen und dem ganzen Lager, daß nunmehr die Zeremonien ihren Anfang nehmen würden. Als der Häuptling geendet, brauste lauter Jubel durch das Lager (ENTRES:23).*

*O chefe permitiu que os **meninos**, que haviam entrado na puberdade no ano anterior, pudessem fazer parte da cerimônia e anunciou para eles e para todo o acampamento que daria início às festividades, fazendo ecoar uma grande euforia sobre o acampamento.*

Observa-se abaixo que a pontuação da primeira sentença foi feita com uma vírgula e que não houve continuidade do assunto, pois a sentença seguinte começa com letra maiúscula. Parece que deveria haver alguma complementação. Houve um lapso por parte do autor? Na tradução esse tipo de detalhe é contornado para que não fique em evidência.

*Die Lippen wurden noch einmal darauf untersucht ob die Pflöcke auch richtig säßen, Dann versah sie der "Pataema" mit verschiedenen Zeichen auf Brust und Kinn, welche er vermittels schwarzer Holzkohle ausführte, und die neuen Krieger wurden dem Kriegerkreis zugewiesen (ENTRES 1929:23).*

*Os lábios eram novamente examinados para saber se os adornos labiais estavam ajustados então o "Pataema" aplicava-lhes variados símbolos sobre o peito e sobre o queixo, usando pedaços de carvão vegetal queimado e, assim, os novos guerreiros eram conduzidos para o círculo dos guerreiros adultos.*

O próximo excerto se refere ao relato de Jeremia sobre o ataque dos brancos ao acampamento indígena e que esses se sentiam orgulhosos por terem empreendido tal feito, matando mulheres e crianças. Eis um aspecto cultural envolvendo a ótica de Jeremia sobre os brancos, constatando assim que Jeremia já estava adaptado à cultura indígena, incorporando os valores lhe que foram ensinados pela sua mãe de criação, Kruro, sem omitir, porém, os valores morais recebidos dos seus pais de origem.

*Die weißen Sieger aber gaben kein Pardon. Sie hieben Weiber und Kinder nieder; denn, sagten sie, dieses Mord- und Raubgesindel sei nicht wert, daß man irgend welches Mitleid mit ihnen habe. Man müsse es ausrotten und zwar von Grund auf (ENTRES 1929: 27).*

*Mas os brancos triunfantes não perdoavam. Eles matavam mulheres e crianças, pois diziam que essa rale não tinha valor, portanto não era preciso ter piedade dela. É preciso exterminar a começar pela base.*

A palavra *Hallunke*, apontada abaixo, se escreve atualmente *Halunke*. Trata-se de um termo pejorativo sob a ótica dos brancos em relação os índios. O pesquisador/tradutor se vê à frente, se deve manter a força pejorativa em questão ou buscar uma forma de neutralizá-la.

*Ich bat und bettelte zwar, wenigsten Kruro zu begraben, aber die weißen Jäger lachten und sagten, dazu hätten ja nachher die braunen **Hallunken** selber Zeit genug (ENTRES:28).*

*Eu pedi e implorei que ao menos Kruro fosse enterrada, mas os caçadores brancos riam e diziam que os **morenos safados** depois teriam tempo para isso.*

O próximo exemplo faz parte do relato de Erich Schild sobre a colônia Porto Feliz. O autor menciona como a colônia foi fundada, quais foram os percalços e os sucessos alcançados na época.

Abaixo, no texto, se encontra a palavra *Canoas* possível transferência do português empregada pelo autor, pois esse não encontrou termo correspondente em alemão. Apesar de existir, sim, a palavra *Boot – Holzboot* (barco/canoa de madeira). Palavra escrita em maiúsculo, ‘Canoa’, de acordo com as regras gramaticais da língua alemã onde todos os substantivos são grafados em maiúsculo. Atitudes assim comprovam a miscigenação cultural sofrida pelo autor, comprovando a minha hipótese de que a língua alemã não podia ficar impune à pressão cultural do novo ambiente em que passou a ser usada.

*Im Dezember des Jahres 1919 brachen von Nonohay aus einige Deutsche und Österreicher, unter ihnen die Herren Friedrich Kreiser, Hermann Flad, Adolf Stangler, Anton Honaiser und Hermann Faulhaber auf, um mit zwei provisorisch zusammengenagelten **Canoas** uruguayabwärts zu fahren und sich die zwischen dem Rio Chapecó und dem Rio*

*Pepery-Guassú im Staate Santa Catharina gelegenen Ländereien anzusehen (ENTRES 1929:82).*

*Em dezembro do ano de 1919, alguns alemães e austríacos, entre eles os senhores Friedrich Kreiser, Hermann Flad, Adolf Stangler, Anton Honaiser e Hermann Faulhaber, partiram de Nonoai em duas canoas pregadas provisoriamente, descendo o rio Uruguai para visitar as terras de Santa Catarina situadas entre o rio Chapecó e Peperi-Guaçu.*

No excerto seguinte, Schild menciona a fundação da empresa Chapecó-Peperi Ltda. e o local *Neu-Württemberg*. Para um pesquisador/tradutor desatento, a indevida interpretação pode gerar engano.

Trata-se da colônia fundada por Dr. Hermann Meyer denominada ‘Neu-Württemberg’ que recebeu esse nome devido à vinda de imigrantes europeus, quando a área foi dividida em lotes. A colônia visava imigrantes vindos de Württemberg – Alemanha, sendo que a grande ocupação posterior ocorreria por famílias vindas das ‘antigas colônias’ da região de Estrela e Santa Cruz. Primeiro a colônia passou a se chamar ‘Elsenu’ (do nome ‘Else’ esposa de Hermann Meyer), depois ‘Pindorama’, em seguida ‘Tabapirã’ e por fim ‘Panambi’ que em tupi-guarani significa ‘Vale das Borboletas Azuis’.

Tal procedimento não remete somente à cidade alemã de Württemberg, mas mostra o desejo de enraizamento na nova pátria preservando as origens, inclusive usando o nome da cidade.

*Die Kolonisationsgesellschaft Empresa Chapecó-Pepery Ltda. wurde gegründet und der Leiter des Kolonisations-Unternehmens Dr. Hermann Meyer in Neu-Württemberg, Hermann Faulhaber, auch zum Direktor des neuen Unternehmens berufen (ENTRES 1929: 83).*

*Foi fundada a Empresa Chapecó-Peperi Ltda. e, Hermann Faulhaber, o dirigente da Empresa de Colonização Dr. Hermann Meyer em Neu-Württemberg, foi nomeado também diretor desse novo empreendimento.*

No que segue, o autor emprega *Reichsdeutsche*, fazendo referência aos alemães do império. Uma forma de especificar os alemães pertencentes a este império, após 1871, e não os fora dele. De certa forma um preconceito demonstrado pelo autor, que considera os alemães, só aqueles do império. Esse é o outro exemplo de composição de palavra por

justaposição, sendo formada por Reich = império/reino e Deutsche = alemão/alemães conforme o contexto.

Sente-se no relato de Schild que ele não se integrou às terras brasileiras. De formação de nível superior parece colocar aspectos discriminatórios acerca dos próprios alemães ao destacar a expressão *Reichsdeutsche* como alemães oriundos do reino. Com esse procedimento o autor emprega certo cunho político ao seu relato em que alemães imigrados após o reino recebem um destaque maior do que os outros compatriotas vindos anteriormente.

Informações dessa natureza também são muito importantes para o tradutor que munido desse conhecimento sente-se mais confortável e seguro para expressar expressões específicas.

*Unter diesen Umständen wanderten die ersten Kolinisten, Rio-Grandenser und Reichsdeutsche, erst im Februar 1924 ein (ENTRES 1929: 83).*

*Diante desse transtorno, os primeiros colonos rio-grandenses e os **alemães do reino** imigraram apenas em fevereiro de 1924.*

A seguir, no próximo excerto, a descrição dos costumes dos imigrantes, a escola, o coro masculino e a comunidade evangélica que fazem parte da cultura dos alemães. Aqui se aplica bem o que Nord (1993) diz a respeito de cultura: os espaços culturais não são determinados por unidades geográficas, lingüísticas ou políticas, mas, sim, pela forma comum de comportamento e de ação. Assim, os imigrantes alemães faziam uso dos seus costumes em solo brasileiro.

*Hand in Hand mit der Regierungsschule am Stadtplatzbemühen sich die Schulen des Deutschen Schulvereins und die Fortbildungsschule um die Ausbildung der heranwachsenden Jugend. Der im Jahre 1924 gegründete Männergesangverein zählt heute schon beinahe 100 Mitglieder. Außerdem hat Porto Feliz eine starke evangelische Kirchengemeinde und seit kurzem auch eine Gemeinde der Missourysynode (ENTRES 1929: 84).*

*De mãos dadas com as escolas públicas do município, as escolas da sociedade alemã e as profissionalizantes se esforçavam na formação da crescente juventude. A Sociedade Masculina de Canto fundada no ano de 1924, já conta hoje com quase 100 membros. Além disso, Porto Feliz tem uma grande comunidade religiosa evangélica e recentemente uma comunidade sinodal de Missouri.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o que foi exposto até momento, à introdução coube apresentar o corpus da pesquisa, o livro “*Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina*” (“*Livro de Memórias em Comemoração ao Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina*”), com o objetivo de efetuar o resgate histórico e lingüístico através de recortes redigidos em alemão. O recorte principal constituído de quatro relatos foi traduzido e comentado, adaptado para a época atual (2008), com o propósito de divulgar a experiência tradutória para a comunidade acadêmica, de maneira a contribuir com a pesquisa na área da tradução e história da imigração alemã. Trata-se de relatos de vivência de imigrantes e filhos de imigrantes alemães que compõem o livro acima citado, publicado pela Livraria Central – Alberto Entres & Irmão, em 1929, em Florianópolis. Assim pressupondo que a língua dos imigrantes como também de seus descendentes sofreu influência por ter estado em contato com a língua portuguesa.

O capítulo I, “Abrindo o Livro de Memórias...” versa sobre o conteúdo do livro, que é composto de 302 páginas e reúne relatos de dezessete imigrantes e filhos de imigrantes alemães. Folheando as primeiras páginas, o leitor encontrará fotografias de personalidades importantes do cenário político na época, como: Dr. Washington Luis Pereira de Souza, Presidente do Reino von Hindenburg, Dr. Adolfo Konder e Dr. Vitor Konder. As poesias dedicadas ao Brasil e à Alemanha. Os agradecimentos de Entres no prefácio pela realização do livro em comemoração aos cem anos da imigração alemã no Estado de Santa Catarina. Por fim, a menção aos termos híbridos e os incorporados pela língua portuguesa observados nos relatos dos autores.

O capítulo II, “A tradução do Livro de Memórias, a teoria de Christiane Nord e outras vozes”, aborda a teoria de Christiane Nord, o tradutor e o leitor, a tabela dos fatores extratextuais e intratextuais que orientam o tradutor durante a sua tarefa. Leffa dando a sua contribuição com a teoria da leitura, Seyferth em relação ao contato de duas culturas distintas, Rosenthal e Eco a respeito da tradução e Coracini com a abordagem sobre línguas materna e estrangeira, plurilingüismo e tradução.

O capítulo III, “Discutindo a tradução do Livro de Memórias: alguns recortes” se volta para a análise dos recortes propostos de Padre Geraldo José Pauwels com dois relatos, José Deeke e Erich Schild. Menciona sobre o que trata o primeiro capítulo do livro, a questão da tradução de títulos, a apresentação dos termos híbridos e sua composição como também a

análise da tradução mostrando os respectivos excertos, o original escrito em alemão e o traduzido. Outros aspectos interessantes do livro também fazem parte deste capítulo.

Do Livro de Memórias há poucas edições, por esta razão é que a tradução tem um papel vital, pois possibilita aos leitores não falantes da língua alemã o acesso ao seu conteúdo, principalmente para aqueles que se interessam pela história da imigração alemã e por todos os acontecimentos que se desenrolaram na época.

Primeiro o livro teve um caráter informativo, depois, com o passar dos anos, também histórico. Nele são relatadas as experiências vividas, os costumes, a fundação de pequenos povoamentos, que mais tarde alcançaram o status de cidade, as tentativas de colonização, algumas frustrantes, outras não. Aborda a questão cultural, o enfrentamento do homem branco com o índio. A importância de imigrantes que fundaram indústrias gerando desenvolvimento para o Estado de Santa Catarina. Fotografias de pessoas importantes, de famílias, das cidades, paisagens e inclusive mapas estão distribuídos em seu interior.

A linguagem também tem um aspecto interessante, percebe-se o entrelaçamento das duas línguas, a alemã e a portuguesa, que se apresentam através de termos híbridos, criação de novas palavras, não dicionarizadas, perceptíveis apenas para aquele que tem conhecimento da língua alemã e portuguesa.

Em 1929 houve a comemoração ao centenário da imigração alemã no Estado de Santa Catarina, por ocasião da publicação do Livro de Memórias, com o propósito de dimensionar a participação alemã no desenvolvimento de Santa Catarina e consagrar a sua germanidade, ressaltando o amor pelo Brasil sem deixar de esquecer sua pátria mãe, a Alemanha.

Agora, em 2009, serão comemorados os 180 anos da imigração alemã em Santa Catarina, cuja festividade, com enfoque à cultura e à língua alemã, homenageará os imigrantes, que deixaram a sua pátria com esperança de alcançar uma vida propícia em solo brasileiro.

Uma breve abordagem histórica foi realizada acerca da Alemanha, cujo território se constituía de reinados, principados e ducados que tinham em comum a língua e a mesma base cultural, pois a Alemanha só viria a ser unificada mais tarde, em 1871. A identidade até então era apenas a língua.

Um curto panorama também foi apresentado em relação à história da imigração do Brasil e de como o processo deu início e quais foram os incentivos.

Os imigrantes que deixaram o seu país, Alemanha, chegaram ao Brasil encontrando outra cultura. E o termo ‘cultura’ encontra a seguinte definição em Houaiss (2001): ‘cultura’ é



o conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc. que distinguem um grupo social”.

Mas Nord (1993, p. 20) exprime com clareza o seu conceito sobre ‘cultura’ que independe de espaço geográfico, lingüístico e político, podendo ser compartilhado com outro grupo ou comunidade.

A teoria de Christiane Nord, de abordagem funcionalista, surgiu na Alemanha nas décadas de 1970 e 1980 em oposição às antigas teorias lingüísticas formalistas com o objetivo de possibilitar a interação comunicativa, visando a produção de um texto funcional para o leitor de destino inserido em um contexto cultural.

O tradutor ocupa a posição central no procedimento tradutório. Ao mesmo tempo em que é o receptor do texto-fonte também é produtor do texto-meta, devendo ter lealdade (*Loyalität*) com o destinatário e fidelidade (*Treue*) entre os textos. Espera-se que ele não adultere a intenção do autor.

Além do conhecimento da língua do texto-fonte, o tradutor também o precisa ter da do texto-meta, assim como das respectivas culturas. Estabelecer critérios para realizar sua tarefa, voltado sempre para o leitor.

Sendo o texto considerado o elemento de uma ação comunicativa, quando produzido, é sempre voltado ao leitor final. Depois de traduzido alcançará seu objetivo se adquirir um sentido para o seu leitor no momento da leitura, pois a tradução é um processo prospectivo, ou seja, voltado para frente com vistas ao destinatário que quer atingir.

Antes de iniciar o processo tradutório, o tradutor necessita estar atento ao seu público alvo, analisando os fatores extratextuais e intratextuais. Primeiro os extratextuais seguidos dos intratextuais.

Depois de analisar e elaborar a tabela (p. 12), o tradutor pode visualizar as tarefas a serem desempenhadas, pois essa serve de apoio para realização do seu trabalho.

Além de tradutor, ele também é leitor. Conforme Leffa (1996), o leitor necessita explorar o texto constantemente, como se esse fosse uma mina, cheia de riqueza, com inúmeros corredores.

Devido à bagagem de experiências prévias que cada leitor traz para a leitura, cada qual pode ter uma visão diferente da realidade num mesmo texto e até mesmo em cada leitura.

O tradutor atribui significado ao texto de acordo com o seu conhecimento e competência, gera interpretações, pois a tradução implica interpretação.

Rosenthal (1976 p. 13) define que ‘traduzir’ significa realmente interpretar. O tradutor é um intérprete por excelência, pois torna compreensível aquilo que antes era ininteligível.

Eco (2007, p. 291) dá a sua contribuição dizendo que os bons tradutores executam procedimentos acertados antes de começar a traduzir, como: leitura e releitura do texto, e consultam os meios que auxiliem a difícil compreensão de se tornar passível de entendimento. Não se pode deixar de considerar o contexto em que as palavras estão inseridas assim como os respectivos fatores sociais, históricos e culturais em questão.

Coracini (2007) nos convida a refletir sobre a língua materna e a estrangeira. A primeira é adquirida, a língua-mãe, traz bem-estar e segurança; a segunda, é aprendida, permite conhecer um mundo novo, possibilita a comunicação com o Outro, o contato com outra cultura. A partir da alteridade passamos a compreender o outro, a se autoconhecer, a respeitar, e quanto mais entre línguas estivermos, mais ricos seremos.

Desta maneira o resumo do conteúdo da introdução e dos respectivos capítulos do presente trabalho foi apresentado, passando adiante para as avaliações.

Antes mesmo do início da tradução, a leitura foi elaborada com as devidas anotações dos aspectos que chamavam atenção do Livro de Memórias. Para orientação, as leituras teóricas foram fundamentais.

Conforme exposto na teoria de Nord de que o tradutor deve sempre pensar no leitor de destino, assim pensando, uma tabela dos fatores extratextuais, em primeiro lugar, e depois a dos intratextuais, foi executada para melhor visualização de cada elemento, já que para um tradutor experiente essa tarefa ocorre intuitivamente.

A pesquisa teve início com a biografia do autor/editor do livro e os correspondentes autores dos relatos, realizada com a visita ao Instituto Martius-Staden em São Paulo. Em um dia apenas não foi possível completar a pesquisa, outros dias foram necessários para colher o que ainda era preciso. Sobre a mesa havia uma pilha de pastas, muita coisa interessante e infelizmente muitos documentos danificados pela ação do tempo, outros impossíveis de serem encontrados, foram perdidos.

Com os dados em mãos, prossegue a leitura dos dados biográficos e depois partindo para a escolha dos relatos. A escolha não foi tão simples, pois o livro contém muitos relatos até que a decisão chegou.

Quatro recortes principais e outros recortes interessantes encontrados no livro fizeram parte da escolha: Padre Geraldo José Pauwels com dois relatos, José Deeke e Erich Schild, cada um com um relato.

Foram observadas as fotografias, distribuídas logo nas páginas iniciais do livro, as poesias e a linguagem utilizada pelos autores escolhidos. Com relação à linguagem, a opção foi pelo léxico.

Dando início à tradução, vários aspectos chamaram a atenção. Por se tratar de texto histórico brasileiro voltado ao Estado de Santa Catarina que envolve personalidades da época, os nomes de algumas delas se escrevem atualmente de outra maneira. São detalhes que precisam ser atentados. A pesquisa se inicia com a busca de como esses nomes se encontram escritos hoje em livros de História do Brasil.

Sempre com o leitor em mente, outro fator pensado foi a colocação de notas de rodapé para informações relevantes ou esclarecimentos por se tratar de resgate histórico.

As expressões que surgiram nos textos também precisaram ser pesquisadas cujos significados nem sempre se encontra com facilidade, tendo que ser adaptadas e até mesmo neutralizadas dependendo do contexto em que se encontravam. Assim, o pesquisador se vê constantemente entre os textos, de um lado o texto-fonte, e de outro, o texto-meta, avaliando como transmitir com clareza a mensagem para o leitor, ou seja, entre a *Loyalität* e a *Treue*.

A pesquisa nos leva a verdadeiras descobertas que nem poderíamos imaginar. Além do fato de retomar muitos fatos históricos e ali mesmo encontrar detalhes antes não vistos ou ainda descobrir que determinada palavra percorreu todo um caminho até ser considerada pejorativa como é o caso de ‘bugre’. A busca por esclarecimentos também se estendeu a várias áreas como cidades, a cultura do povo que se utilizava dos sambaquis e a dos índios, datas históricas e referências a nomes, como também o léxico empregado pelos autores.

Partindo do pressuposto de que a língua dos imigrantes como também de seus descendentes sofreu influência da língua portuguesa devido ao contato no decorrer dos anos, tal ocorrência acabou se realizando através do léxico empregado por eles em seus relatos de vivência como mostrados nos excertos do capítulo III.

Como pensado a princípio de que o texto poderia evidenciar a influência de uma língua sobre a outra e que uma possível miscigenação entre as línguas pudesse ocorrer, com a pesquisa essa interferência foi encontrada em diversas partes do texto. Várias páginas registram o entrelaçamento da língua portuguesa com a alemã. Por fim os autores especificados neste trabalho e de acordo com os relatos analisados sofreram influência da língua portuguesa como pode ser visto através dos excertos apresentados, mas em graus diferentes. Nos textos de Pauwels e Deeke percebe-se o uso de palavras híbridas ou termos incorporados do português com mais frequência do que no de Schild. Acontece que Schild viveu menos tempo no Brasil, voltando mais tarde para a Alemanha. Já Pauwels, que nasceu na Renânia, viveu no Brasil até a sua morte que ocorreu no Rio de Janeiro, assim como Deeke que nasceu e faleceu em Blumenau. Concluindo, quem menos recebeu influência da língua portuguesa enquanto morava no Brasil foi Schild.

Portanto, o livro composto de relatos de vivência elaborado para data comemorativa ao centenário da imigração alemã em Santa Catarina, antes considerado apenas informativo, voltado para um público proficiente na língua alemã, tanto falada como escrita, com intuito de consagrar a germanidade em Santa Catarina, passa a ter outro enfoque com a tradução, pois realiza o resgate dos textos escritos em 1929 para 2008, agora de caráter histórico, voltados para um público falante em português.

Assim, os estudos da tradução vêm auxiliar a pesquisa na área da imigração alemã através do resgate lingüístico dos relatos do livro. E o pesquisador/tradutor, por outro lado, precisa ter além do conhecimento das duas línguas, o conhecimento cultural, histórico e geográfico dos respectivos países, senão muita coisa lhe escaparia, como também do perfil do imigrante.

O apoio teórico com Christiane Nord mostrou que o tradutor precisa sempre se voltar para o leitor, pois é ele quem dará sentido ao texto produzido no ato da leitura e que o texto tem uma função: a de comunicar. A cada leitura uma nova interpretação, pois a visão de mundo do leitor também se amplia com o passar do tempo, novos conhecimentos e experiências vão sendo adquiridas. Os fatores culturais, sociais e históricos para o qual o texto está sendo dirigido devem ser sempre considerados.

Portanto, o passo inicial foi dado com a presente pesquisa para que outras sucedam no futuro como: o relato de vivência face ao jornalismo; aspectos da linguagem como termos híbridos, criação de novas palavras, termos arcaicos, aspectos culturais, a evidência da germanidade nos textos. Pesquisas interdisciplinares, com a História, Sociologia e até mesmo a Antropologia também ficam sugeridas. Aspectos interculturais permeiam essas áreas e muito poderiam enriquecer o conhecimento se alguém se interessar pelo assunto. E, assim, um pequeno passo foi dado...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução**. ISBN 8508015046. São Paulo: Ática, 2002.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 2.ed. São Paulo: Pontes, 2004.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1987.
- CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. São Paulo. Saraiva, 2002.
- DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E INFORMAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL. **Perfil da Alemanha**. Tradução de Assis Mendonça. Societäts-Verlag. Frankfurt/Meno. 2000
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ENTRES, Gottfried. **Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung im Staate Santa Catharina**. Livraria Central – Alberto Entres & Irmão. Florianópolis, 1929.
- FEDER, Ernesto. Evidência da rearticulação do nazismo na América do Sul. **Jornal O GLOBO**. Rio de Janeiro, 1949.
- FOUQUET, Karl. **Hans Staden: Zwei Reisen nach Brasilien 1548 – 1555**. Verlag Trautvetter & Fischer Nachf. Marburg an der Lahn und Witzenhausen. 1963.
- HOEPNER, Lutz; KOLLERT, Ana Maria Cortes; WEBER Antje. **Langenscheidt Taschenwörterbuch Portugiesisch** (Portugiesisch Deutsch/Deutsch Portugiesisch). Langenscheidt KG, Berlin und München. 2001. ISBN 3-468-11273-4.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. ISBN 85-7302-383-X
- INSTITUTO MARTIUS-STADEN** de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemã. Rua Itapaiúna, 1355 - CEP: 05707-000 – Panamby - São Paulo-SP.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. Cultrix: São Paulo, p. 63-72, Ed. 26, ano 11.
- JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 1992.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Texto e hipertexto. In: **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, p. 61-63, 2006.

LEFFA, Vilson J. O conceito de leitura. In: **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MURARO, Valmir. **História de Santa Catarina para ler e contar**. Florianópolis, SC: Cuca Fresca, 2003.

NORD, Christiane. **Textanalyse und Übersetzen: theoretische Grundlagen. Methode und didaktische Anwendung einer Übersetzungsrelevanten Textanalyse/Christiane Nord – Heidelberg: Groos, 1988.**

\_\_\_\_\_. **Einführung in das funktionale Übersetzen: am Beispiel von Titeln und Überschriften**. Tübingen: Basel: Francke, 1993.

OBERACKER JR., Carlos H. Transformações da Língua Alemã no Brasil. In: **Homem, cultura e sociedade no Brasil: seleções da Revista de Antropologia**. Petrópolis. Vozes, p. 383-432, 1972.

PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Ed. UFSC. Ed. Lunardelli, 1983.

\_\_\_\_\_; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis. Ed. Lunardelli, 1983.

REALES, Liliana; CONFORTIN, Rogério de Souza. **Introdução aos Estudos da Narrativa**. LLE/CCE/UFSC. Florianópolis, 2008.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Editora Nova Fronteira S.A. Rio de Janeiro, 1975-1981.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. **Tradução: ofício e arte**. Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1976.

SCHUMACHER, Anke. **Genau Das: ausführliches und übersichtliches Nachschlagewerk für DaF**. Wunderlich. Curitiba, Paraná, 2003.

SILVA, Arlindo. Um louco abala o Brasil. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, p. 13-18; 4-6-10, 17 dez. 1949.

SOUZA, A.C. **Leitura, metáfora e memória de trabalho: três eixos imbricados**. 321 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

WAHRIG, Gerhard. **Deutsches Wörterbuch**. Wissen Media Verlag GmbH, Gütersloh, München 2002. ISBN 3-577-10079-6.

WELKER, Herbert Andreas. **Gramática alemã**. Ed. Universidade de Brasília. Brasília, 2001.

ZIPSER, Meta E. **Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

### Consulta por meio eletrônico:

ARRUDA, Luciana. Até que ponto existimos a partir do momento em que falamos?. Artigo de 01.02.2004, ed. nº 54. Disponível em:

<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=199&rv=literatura>

Acesso em 05 out.2008

ALIEVI, Marcelo; BORNHOLDT, Valdemar Arnaldo. Prefeitura Municipal de Mondai. Disponível em:

<http://www.mondai.sc.gov.br/conteudo/?item=13969&fa=6293&cd=3053>

Acesso em out.2008

BANCO Central do Brasil. Disponível em:

[http://www.beb.gov.br/Pre/PEF/PORT/publicacoes\\_dinheironobrasil.pdf](http://www.beb.gov.br/Pre/PEF/PORT/publicacoes_dinheironobrasil.pdf)

Acesso em 09 nov.2008

BOLOGNINI, Carmen Zeink ; PAYER, Maria Onice. Línguas de Imigrantes.

<http://brasiliano.wordpress.com/2008/07/29/linguas-de-imigrantes>

Acesso em 11.nov.2008

BÖHNKE, Dieter. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. O todo é mais do que a soma das partes. Disponível em:

[http://www.familia.dienstmann.com.br/index.php?conteudo=contr\\_teuta&sub=1&lang=br](http://www.familia.dienstmann.com.br/index.php?conteudo=contr_teuta&sub=1&lang=br)

Acesso em dez.2008

BRUCH, Ondine S. A imigração Alemã no Brasil. Disponível em:

[http://br.geocities.com/ondine\\_bruch/imigraçãide-br.html](http://br.geocities.com/ondine_bruch/imigraçãide-br.html)

Acesso em 11.nov.2008

CARVALHO, Marco Antonio de. O homem do sambaqui. Disponível em:

<http://br.geocities.com/rsmaike/sambaqui.htm>

Acesso em 08 set.2008

CHAGAS, Catarina. *Brasileiros do Passado*. Disponível em

<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/1904>

Acesso em out.2008.

CERQUEIRA, Fábio V. et al. Arqueologia Experimental: Produção e Interpretação de Artefatos. Disponível em [www.ufpel.edu.br/cic/2004/arquivos/CH\\_00616.doc](http://www.ufpel.edu.br/cic/2004/arquivos/CH_00616.doc)

Acesso em out.2008.

FERREIRA, Lucio Menezes. Solo civilizado, chão antropofágico: a arqueologia imperial e os sambaquis. Disponível em:

[http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/arg\\_hist\\_strat/solo\\_civilizado.htm](http://www.unicamp.br/nee/arqueologia/arquivos/arg_hist_strat/solo_civilizado.htm)

Acesso em 08 set.2008

GUISARD, Luis Augusto De Mola. O Bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro. São Paulo em Perspectiva 13(4) 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a09.pdf>

Acesso em nov.2008

KALIL, Luis Guilherme Assis. A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 2008. p. 20 – 21. Disponível em

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000443376>

Acesso em jan.2009

LESCHWITZ, Pe. Edgar. Panambi- Vale das Borboletas Azuis. Disponível em:

<http://www.ieclb.com.br/historial.php>

Acesso em 21 nov.2008

MÜLLER, Telmo Lauro. Razões da Emigração na Alemanha. Disponível em:

[http://www.colono.com.br/asp/entrada\\_historia.asp](http://www.colono.com.br/asp/entrada_historia.asp)

Acesso em 11 nov.2008

NEUMANN, Marcia Rosane. Uma colônia para imigrantes alemães: Neu-Württemberg.

Disponível em: <http://www.upf.br/ppgh/download/Rosane%20Marcia%20Neumann.prn.pdf>

Acesso em 19 nov.2008

PITZ, Ivo. Breve história da imigração alemã em São Pedro de Alcântara. Disponível em:

[www.ivopitz.pro.br/?arquivo=geschichte](http://www.ivopitz.pro.br/?arquivo=geschichte)

Acesso em 08 nov.2008

SEYFERTH, Giralda. Histórico da Imigração no Brasil. Disponível em:

[http://www.diasmarques.adv.br/pt/historico\\_imigracao\\_brasil.htm#Alemaes](http://www.diasmarques.adv.br/pt/historico_imigracao_brasil.htm#Alemaes)

Acesso em 09 nov.2008

\_\_\_\_\_. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200007&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200007&script=sci_arttext&tlng=pt)

Acesso em nov.2008

SCHMITZ, Pe. Pedro Ignácio. Sobre os cerritos. Disponível em:

<http://to.plugin.com.br/jag-cerritos.htm>

Acesso em out.2008

SOUZA, Antonieta Buriti de. Análise semântica da linguagem específica do seringueiro do vale do rio Acre. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)54-60.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)54-60.html)

Acesso em jan.2009

SOUZA, Celeste H. M. Ribeiro de. Retratos do Brasil: hetero-imagens literárias alemãs. São Paulo: Arte & Cultura, 1996 – Coleção Universidade aberta: V 16) p. 12. Disponível em:

<http://www.scribd.com/doc/6715701/Retratos-Do-Brasil>

Acesso em jan.2009

SOUZA, Gil Souza de; SOUSA, Helio Alves de. Histórico do Rio Grande. Disponível em:



<http://www.mikrus.com.br/~classe35/histcidade.htm>

Acesso em 06 out.2008

VOLPATTO, Rosane. O Mito dos Coroados. Disponível em:

<http://www.rosanevolpatto.trol.br/indioscoroados.htm>

Acesso em 13 dez.2008

WEIDUSCHADT, Patricia; TAMBARA, Elomar. O Sínodo do Missouri no contexto Pomerano – a identidade teológico pedagógica na formação de igrejas e escolas. Disponível em:

[http://www.google.com.br/search?sourceid=navclient&hl=pt-BR&ie=UTF-8&rlz=1T4DBBR\\_pt-BRBR226BR226&q=comunidade+sinodal+de+Missouri++](http://www.google.com.br/search?sourceid=navclient&hl=pt-BR&ie=UTF-8&rlz=1T4DBBR_pt-BRBR226BR226&q=comunidade+sinodal+de+Missouri++)

Acesso em 21 nov.2008

\_\_\_\_\_. A formação da identidade na educação pomerana inserida no Sínodo de Missouri.

Disponível em

<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo04/Patricia%20Weiduschadt%20e%20Elomar%20Tambara%20-%20Texto.pdf>

Acesso em 27 fev.2009

WERLE, Antonio Carlos. O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai: aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga). Disponível em:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php.esbocos/thesis/view/178>

Acesso em 21 nov.2008

WIRTH, Lauri Emilio. Sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em:

<http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=TgE4WzcP7mIC&oi=fnd&pg=PA69&dq=unifica%C3%A7%C3%A3o+da+Alemanha+em+1871&ots=4F11H7xQKo&sig=zM4CewRpir6IERcLBECUnRG9g9M#PPT1,M1>

Acesso em jan.2009

ZAGO, Denise. Nacionalismo e Nacionalização no Brasil. Disponível em

<http://www.semina.clio.pro.br/4-1-2006/Denise%20Zago.pdf>

Acesso em dez.2008.

## **ANEXO A**

### **TEXTOS ORIGINAIS E SUAS TRADUÇÕES**

## Santa Catarina nos primórdios da imigração alemã

### A. Antes da implantação de um distrito autônomo

#### 1. Viagens de descobrimento

Só se pode falar da história de Santa Catarina a partir do momento em que se estabelece um distrito com esse nome. Os acontecimentos que se desenrolaram antes neste solo, na verdade, fazem parte do Brasil e não somente de Santa Catarina. Assim, ressalte-se que a maior parte do atual Estado, o planalto, só entrou para a história bem mais tarde, no século XVIII e até mesmo no séc. XIX, e isto pelos feitos dos Bandeirantes, cuja ação de interiorização difundiu feitos de desenvolvimento até então completamente desconhecidos no planalto catarinense.

Depois da vinda do descobridor do Brasil, Cabral (1500), logo vieram comerciantes ou o que era mais ou menos a mesma coisa na época, os corsários, representantes de todos os povos navegadores, especialmente os espanhóis e bretões que vinham no encalço de exploradores anteriores. Um dos últimos, Binot P. de Bonneville, nascido em Brest<sup>1</sup>, ancorou na ilha de São Francisco em 1504, de onde levou consigo para a Europa o filho do chefe indígena.

Dez anos mais tarde, um navio equipado da expedição de Dom Nuno Manoel e Cristovão de Haro ancorou na baía sul de Florianópolis. Essa expedição é para nós deveras interessante, pois com ela chegou o primeiro alemão da nossa região, o editor não mencionado da “Nova Gazeta da Terra do Brasil”<sup>2</sup>. Quando a descoberta do Rio da Prata feita por essa frota chegou ao conhecimento da Espanha, Carlos V providenciou uma expedição sigilosa, comandada por Solís, para tomar posse do país do Rio da Prata em nome de Castella. Quando retornava da Ilha de Santa Catarina, em 1516, um dos navios sofreu avarias. Afortunadamente, nove homens da tripulação alcançaram a ilha, na qual encontraram um ou dois anos mais tarde, Cristóvão Jacques, comandante de uma flotilha, que fora enviada pelo governo português para eliminar da costa brasileira os muitos piratas e corsários estrangeiros.

Por volta do início, ou em meados, de 1526, Dom Rodrigo da Cunha, comandante de uma das frotas equipadas de Jofré de Loaisa, procurou refúgio em um porto catarinense,

---

<sup>1</sup> Brest – cidade da França.

<sup>2</sup> New zeitung ausz presillandt.

possivelmente em Imbituba ou Laguna. Um pouco mais tarde, em outubro, foi Sebastião Caboto, filho do descobridor da Terra Nova<sup>3</sup>, que chegou ao sul da baía de Florianópolis com uma expedição espanhola. Em homenagem à sua mulher, Catarina Medrano, a malvada, Caboto deu o nome de Santa Catarina à Ilha dos Patos, assim batizada pela expedição de Dom Nuno. No final daquele mesmo ano, ou começo de 1527, a ilha foi visitada pela frota de Diego Garcia que também se encontrava a serviço da Espanha.

Quando finalmente em 1531 a grande expedição de Martim Afonso de Souza, devidamente equipada, avançou até o Rio da Prata, com a incumbência de levantar informações precisas e definitivas, também essa não optou por aportar nos portos em Santa Catarina, seguindo, porém, para São Vicente, mais ao norte, para a sorte do Brasil. Pois, algumas décadas mais tarde, os colonos pouco poderiam ter contribuído para a expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, de maneira que assim a unidade territorial do país talvez tivesse sido perdida.

Nem Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso, nem seus herdeiros próximos, se esforçaram para colonizar a Capitania de Santana, na verdade quase toda a costa de Santa Catarina, que recebeu como feudo em 1534, ou mesmo ocupá-la como um ponto de apoio. Esta permaneceu, como sempre fora, local de refúgio dos navios danificados e dos navegadores em viagem ao Rio da Prata. Notável, porém, é a expedição de Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, no ano de 1541, que atravessou o continente, da costa catarinense até o Paraguai. Ocupando lugar de destaque, encontra-se a empresa de Diego Sanabria, sob o comando de Juan de Salazar, no ano de 1549, que fundou de fato o primeiro estabelecimento em solo catarinense – na ilha de São Francisco – cuja existência certamente foi breve. E também pela participação de mais um alemão, Hans Staden, da cidade de Hessen, apresentando suas experiências aventureiras em uma descrição bastante instrutiva de suas viagens, que possui até hoje grande valor científico e que contém, entre as inúmeras ilustrações, um mapa muito bom da ilha de Santa Catarina para aquela época.

## 2. Primeiro povoamento

Por volta de 1620, quando já havia passado bem mais de um século do descobrimento da costa catarinense, os jesuítas partiram para uma tentativa mais séria de fundar um posto missionário na Ilha, contando, no entanto, com uma duração breve. Aos poucos, um ou outro,

---

<sup>3</sup> Ilha situada ao nordeste do Canadá.

dentre eles alguns advindos de navios com avarias, tentaram se estabelecer na costa catarinense.

Finalmente, em 1642, povoações já organizadas foram documentadas. Na verdade, foram feitas bem mais concessões de terras do que as oficialmente declaradas, que foram arrendadas para habitantes de São Paulo, na ilha de São Francisco. Logo em seguida foi erguida uma capela e, já por volta de 1660, surgiu um novo povoamento elevado à categoria de “vila”.

O povoamento da ilha principal, que deveria formar o núcleo do estado, deu-se de forma inconstante. A respeito da evolução desta colonização ainda pouco se sabe. Uma das figuras principais deste tipo particular de comunidade da Vila São Paulo foi Francisco Dias Velho (nascido em 1622), que tinha feito em 1645 mais de uma incursão até o sul de Santa Catarina com o seu homônimo e falecido pai. Supõe-se que após seu casamento, provavelmente em 1647, Francisco Dias Velho tenha cultivado em solo catarinense, cujo resultado deveria servir de provisão para as suas incursões, nos mesmos moldes que o faziam os “piratas da floresta” da época pelos lugares por onde passavam.

Parece que Francisco Dias Velho, mais e mais, trazia a sua gente para povoar a ilha, deixando-a ao encargo desses e de seus filhos. Ele próprio vinha de tempos em tempos para averiguar a situação local. Já que reconhecia a terra como extremamente fértil, o que era também comprovado por uma carta antiga, Dias Velho decidiu se estabelecer na ilha. Em 1678, com a organização da bem sucedida expedição vinda de São Paulo com a finalidade de fundar a Colônia de Sacramento, criou-se uma situação favorável para o desenvolvimento de Santa Catarina. A ilha passou então a ser incluída como ponto de apoio no Sul para as expedições para o Rio da Prata.

Já naquela época a ilha revelava-se de suma importância como ponto de apoio para qualquer operação militar no sul do Brasil, fosse pelo ataque, fosse pela defesa. Não é de se admirar que anos mais tarde, no Congresso de Viena<sup>4</sup> os ingleses fizessem todo o esforço para se apropriarem da ilha de Santa Catarina.

Francisco Dias Velho foi um dos primeiros a apoiar qualquer operação ativa, solicitando e recebendo consideráveis concessões de terra na ilha, bem como também no

---

<sup>4</sup> Congresso de Viena, 1814-1815, organizado pelos países vencedores (Áustria, Inglaterra, Prússia e França), após as primeiras derrotas de Napoleão Bonaparte. [COTRIM, Gilberto. História Global: Brasil e Geral. São Paulo: Saraiva, 2002].

continente. Enquanto a expedição tomava seu rumo, ele se assentava em Santa Catarina com a família, alguns irmãos, conhecidos e numerosos índios em regime de escravidão, onde ele, no final de 1681, se ocupou com a fundação da “povoação”, cujo nome também deveria ser como o da capela: Nossa Senhora do Desterro.

Tudo corria da melhor forma, quando o infortúnio quis que um pirata inglês aportasse na ilha em 1687. Como era de sua responsabilidade, Dias Velho prendeu a tripulação, seqüestrou o navio e a carga e os levou como presa valiosa para Santos. Isto, porém, lhe serviria como desgraça; depois de dois anos o mesmo pirata surpreendeu o recém fundado povoamento, desonrou as filhas do fundador e o matou também. Os demais familiares foram libertados, libertados através de boa conversa e negociações em dinheiro, recolheram-se em São Paulo. Um dos seus filhos, porém, estabeleceu-se em Laguna, fundada nessa época.

Somente a posição estratégica favorável do povoado pôde assegurar sua sobrevivência até o século XVIII; mesmo que algumas famílias se assentassem na região - em 1698 foram de uma vez só 20 famílias – a situação do povoado ao longo desse período era lastimável.

O povoamento da costa do sul se deu graças à garra dos paulistas, nos seus ímpetos de exploração de novas terras, e à política externa de Portugal, que se orientava à necessidade da ocupação das terras ao norte do Rio da Prata.

O único porto utilizável até o Rio da Prata era o de “Lagoa”, ou “Laguna dos Patos”, considerando-se a vasta área territorial que se espalhava em direção ao sul, conhecida como a então Campanha rio-grandense. Assim, não é de se admirar, que simultaneamente ao povoamento da ilha de Santa Catarina também tenha ocorrido o povoamento de Laguna.

Após longo planejamento e uma tentativa malograda no ano de 1684, Domingos de Brito Peixoto, ilustre cidadão de São Vicente, assentou-se dois anos depois na entrada do porto de Laguna, juntamente com seus dois filhos, Francisco e Sebastião, alguns brancos e numerosos escravos.

Depois das inevitáveis dificuldades iniciais e duros combates com os índios, ele conseguiu que a nova colônia atingisse certo desenvolvimento. Após a sua morte a administração da colônia foi assumida pelo seu filho Francisco. Em 1709 a colônia contava com cerca de 50 famílias que mantinham ativa o comércio com os portos de Santos e do Rio de Janeiro, com o envio de verduras, peixes e carnes salgadas.

Neste meio tempo, a ilha de Santa Catarina também recebeu nova imigração, tanto que em 1726 o povoamento foi elevado à categoria de vila. Observa-se também ainda que desde 1709 todo o sul do Brasil, naquela altura sob a administração do Rio de Janeiro, passou a pertencer à Capitania de São Paulo.

## B. Formação do distrito de Santa Catarina

Mesmo possuindo bons portos, São Francisco, Desterro e Laguna teriam enfrentado sérias dificuldades, como inúmeras outras colônias ao longo da costa brasileira, e principalmente não teriam se desenvolvido para a formação de um distrito próprio e mais tarde no Estado de Santa Catarina. Isto ocorreu pelo fato da expansão política de Portugal para o sul, de fins do século XVII, cujo objetivo imutável era o Rio da Prata.

Entre 1728 e 1730 foi aberto um caminho, da foz de Araranguá até Curitiba, com o propósito de se obter uma melhor ligação entre São Paulo e a Campanha no sul, caminho este que, nos anos que se seguiram, foi melhorado e em parte alterado. Em 1738 colocou-se uma guarnição militar na ilha de Santa Catarina, reforçando seus pontos principais. Sob a ótica militar, executou-se no mesmo ano o desmembramento da ilha de Santa Catarina da capitania de São Paulo, tornando-se sub-capitania da Capitania do Rio de Janeiro, uma vez que esta poderia ampará-la mais facilmente.

Novas separações se sucederam e, em 1742, Laguna foi igualmente separada da capitania de São Paulo; São Francisco teve destino similar em 1748.

A defesa de toda a região foi confiada ao comandante da ilha. Deste comando nasceu a futura Capitania, assim como a província e o Estado de Santa Catarina. Do mesmo modo, foram constituídas as primeiras unidades do regimento militar da ilha que em tempos posteriores ganharam muita notoriedade. Assim, nas lutas contra os espanhóis, estas se destacaram tanto, que os adversários os apelidaram de “barrigas-verdes” (devido à cor verde do colete que o regimento trajava), indicação esta que até os dias de hoje ainda tem aceitação popular e honrosa, sendo comum para o catarinense.

A ocupação militar da ilha exigia também uma colonização pacífica, que foi implantada pelo governo, nos anos de 1748 a 1752, em conjunto com habitantes vindos dos Açores e da Ilha da Madeira. Tal ocupação se deu principalmente na ilha e no continente, assim como em Laguna.

Embora haja controvérsias de que os habitantes ilhéus ligados à pesca se constituiriam em melhores habitantes para a ilha – agricultores portugueses seriam certamente mais eficientes – não se pode negar que os novos colonos não pouparam esforços no cultivo da terra fértil, contribuindo para a prosperidade da região.

Só se pode lamentar que o governo, contrariando suas valorosas promessas, logo começou a inserir os jovens colonos entre os soldados. Tal proximidade dava oportunidade ao governo de comprar os produtos dos colonos, porém o referido pagamento não era realizado.

Igualmente negativo foi o famigerado decreto de 1785, que proibiu indústrias de qualquer natureza no Brasil, causando o descarte de 585 teares na ilha e arredores. Assim surgiu, após período de relativa prosperidade, completa estagnação, da qual grande parte da população luso-brasileira de Santa Catarina ainda não se ergueu até hoje.

No que se refere à história territorial de Santa Catarina no século XVIII, ainda há alguns fatos a destacar. Para fazer jus à próspera região do sul, com seus muitos elementos inquietantes, toda a região subordinada ao comandante de Santa Catarina, localizada nas proximidades ao sul dos rios Negro e Iguazu, foi elevada a uma ouvidoria própria em 1749. Porém, em 1760, no então Presídio de Rio Grande, que nesse meio tempo fora elevado à vila, independente de Santa Catarina, se instituiu um comando, aos cuidados do Capitão-General do Rio de Janeiro. Não foi estipulada uma divisa entre os dois distritos. Após muita hesitação, tal divisa foi imposta mais tarde fazendo-se uso do rio Mambituba.

O primeiro comandante, José da Silva Paes (1738-1748), enérgico e de ampla visão, organizou a defesa militar e dirigiu a colonização com as primeiras levas de colonos. A principal atividade do seu sucessor, coronel Manoel Escudeiro de Souza (1748-1753), era acomodar os novos imigrantes (por ex. fundação de São José). Sua visão adequada às circunstâncias restritivas da ilha, como a dificuldade de comunicação com o continente, foi ainda assim refutada por Lisboa, sob a alegação de que em Desterro já existiam igreja, alojamentos e residências, mas que, na realidade, eram de extrema precariedade. Foi sucedido pelo arrogante Dom José de Mello Manoel (1753-1762), que obrigava, com medidas de violência, os colonos a cultivar algodão. Ele também elaborou o decreto de banimento dos jesuítas, causando grande perda para o ensino, visto que os mesmos mantinham uma escola, a única na região, como era a realidade em toda parte da colônia.

Houve também grande desenvolvimento com a caça às baleias, que ligada ao nome “Armação” é lembrada em mais de um lugar na costa.

Seu sucessor foi o coronel Antonio C. de Menezes e Souza (1762-1765), amplamente odiado pelo seu demasiado rigor, com o qual ele submetia o povo à escravidão de trabalhos braçais subordinados ao setor público e para as práticas militares, o que naturalmente só ocorria à custa da agricultura. Para justificar sua conduta, sobretudo, é preciso dizer, que por volta desta época os espanhóis, sob o comando de Zeballos, avançavam intensamente para o interior do Rio Grande e ocuparam a vila do mesmo nome.



Visto que a guerra no sul perdurava, acreditava o seu sucessor, o tenente de cavalaria Francisco de Souza Menezes (1765-1775), em prosseguir com o recrutamento de jovens rapazes, considerando a necessidade de se aumentar o número de fortificações. Porém, a última proposta estava completamente equivocada, já que as forças dispersadas não puderam resistir a um ataque repentino, como se comprovaria mais tarde.

Naquele tempo também o planalto catarinense passou a ter importância para o Estado e a se integrar na história, com o estabelecimento de algumas fazendas ao longo do caminho de Curitiba-Viamão. Em 1767, a pedido do governador de São Paulo, foi fundada uma colônia entre os rios Canoas e Pelotas pelo português Antonio Correa Pinto. Essa colônia teve a denominação de “Lages” devido à presença na região de pedra plana arenosa de platôs de basalto. Entretanto, a terra não pertencia a São Paulo, pois se situava ao sul dos rios Negro e Iguaçu, mas nenhum protesto ou contra-ordem foram capazes de reverter a fundação, de maneira que o governo (1780) se viu obrigado a fixar fronteira entre os Estados de São Paulo e Rio Grande, estabelecendo para tanto o rio Pelotas. Mas já um rápido olhar sobre o mapa é suficiente para se constatar que a anexação da recém-criada colônia (logo depois elevada à vila) a São Paulo foi um disparate, do ponto de vista econômico e administrativo. Apesar de Correa Pinto não ter querido reconhecer que a sobrevivência e a prosperidade da vila dependeriam de uma ligação com a litoral catarinense, viu-se logo confrontado com a necessidade dessa ligação e por isso, em 1771-1773, abriu um caminho de Lages para Laguna.

A ilha de Santa Catarina, que naquela época contava com uma população de 9.000 habitantes, incluindo-se a guarnição, passou por tempos difíceis. Quando, em fevereiro de 1777, durante os combates entre Portugal e Espanha, ancorou na ilha a frota espanhola comandada por Pedro Zeballos, presenciou-se um vergonhoso espetáculo, onde sequer um tiro de espingarda de todo o exército português fora disparado. Desta maneira, a ilha ficou quase 1 ½ ano sob o domínio espanhol. Porém, de fato, o inimigo não conseguiu estabelecer-se no continente, exceto numa pequena faixa de terra, situado em frente à ilha.

Em decorrência do Tratado de Paz de S. Ildefonso (1777), Santa Catarina voltou, após um ano, a pertencer a Portugal. Os governadores que se seguiram, Veiga Cabral (1778-1779), Barros Homem (1779-1786) e José Ferreira Pinto (1786-1791) tiveram que se voltar principalmente para a agricultura. Além da mandioca, um dos principais produtos, a cana-de-açúcar, o café, o tabaco, o linho, o trigo e o índigo também foram plantados. O acontecimento mais importante nesta época foi a abertura de um caminho entre Desterro e Lages. Se por um lado, os habitantes do planalto foram beneficiados e o comércio e a movimentação de trocas da ilha foram fortalecidos, por outro lado, havia a inevitável inclusão da região serrada.

Em 1796 a população de Santa Catarina foi estimada em quase 25.000 pessoas.

Em fins de 1800, foi designado o coronel Joaquim Xavier Curado, brasileiro, como novo governador de Santa Catarina. Assim como a expedição de La Perouse, em 1785, também em 1803 a expedição Krusenstern, cujo acompanhante científico foi Langsdorff, pode desfrutar por alguns dias da agradável hospitalidade no porto de Desterro. Existe um relatório interessante de Langsdorff sobre as suas impressões de Santa Catarina. Curado foi sucedido pelo tenente Luiz M. de Silveira (1805-1817). Sob a sua administração, Santa Catarina foi desmembrada do Rio de Janeiro e unida à recém fundada Capitania do Rio Grande (1807).

Com os combates realizados no sul, o regimento dos “Barrigas-Verdes” foi convocado a comparecer aos campos de batalha. Em decorrência disso, procedeu-se um rigoroso recrutamento de jovens e homens para ocuparem as lacunas deixadas pelos soldados. Com essa situação, milhares de jovens rapazes e homens (de 1806-1817 eram perto de 11.000) fugiram para o Rio Grande e o planalto, causando uma grande perda para Santa Catarina. Não é de se estranhar, que a população catarinense, no ano de 1813, apesar da expansão natural do povo açoriano, atingiu só aproximadamente 33.000 habitantes.

Em 1815, além da descoberta de excelentes fontes termais de Cubatão, foi fundado o primeiro hospital da época. Como acompanhante da expedição Romanzoffischen Entdeckungs-Expedition, sob o comando do capitão Otto von Kotzebue, Adalbert von Chamisso permaneceu de 7 até 26 de dezembro de 1815 na baía de Santa Catarina. Na ocasião, ele visitou Desterro e S. Miguel. Seu diário contém uma curta descrição de suas impressões, como também observações a respeito do comércio de escravos. “O governo de Santa Catarina necessitava sozinho anualmente de 5 a 7 navios de carga com negros, cada um com carga média de cem negros, para substituir os que desapareciam nas plantações. O preço de um homem, em sua melhor idade produtiva, representava 2–300 Piaster<sup>5</sup>”. Langsdorff mencionou também que Krusenstern, desfrutou em São Miguel, doze anos antes, hospedagem na casa de um prussiano de nome Adolph.

Em 1818, o povoado de Nova Ericeira foi fundado com o apoio de pescadores portugueses na baía das Garoupas que, porém, logo desapareceu. A colônia estabelecida por Drummond na foz do rio Itajaí em 1820 prorrogou modesta existência até que a imigração alemã, incentivada pelo império, lhe deu nova vida, conduzindo-a ao crescimento de que desfruta até os dias de hoje.

---

<sup>5</sup> Piaster = 360 réis (moeda utilizada na época)

Depois, por volta de 1818 quando Santa Catarina, separada do Rio Grande foi elevada à Capitania, finalmente foi oferecida ao planalto – até então entregue às próprias forças – a oportunidade de um desenvolvimento mais integrado, com a anexação de Lages em 1820. Quando em 1822 a capitania portuguesa, depois de declarada a independência, se transformou em uma província brasileira, contava ela com cerca de 50.000 habitantes dos quais aproximadamente, 5.000 na capital.

Chegando ao fim da nossa viagem, lançamos um rápido olhar sobre os acontecimentos com o propósito de reconhecer o sentido e o significado do processo histórico vivido no nosso Estado até esse momento.

Uma região que efetivamente através dos séculos não pertencia, com toda a rivalidade de poder, nem a Portugal, nem à Espanha, era residência dos índios nativos, palco de rudes lutas entre caçadores de escravos paulistas e suas vítimas, esconderijo de naufragos, aventureiros e de toda espécie de gente desterrada. Esses tinham a energia incansável de alguns brasileiros. Por necessidades políticas significativas, advindas de circunstâncias ocasionais, associadas ao modo de ser primitivo e pouco direcionado do “ilhéu”, em uma tentativa de imposição de comportamentos progressistas, o sistema de governo operante buscava ditar comportamentos moralistas, em padrões que nem mesmo ele seguia. Podemos observar como um povo, provido de pouca consciência de seu valor real, inserido em termos espirituais e econômicos ainda em plena minoridade, considerando-se, claro, algumas poucas exceções, somente mediante um esforço enorme poderia se libertar. Da mesma forma, não poderia transformar, em menos de um século, sua abençoada terra natal em terra progressista que, vista agora, apesar de pouco representar em área física e população, tão significativa e importante o é, se olharmos pela ótica do avanço espiritual e material dos dias de hoje.

Isto deveria ser alcançado através do sentimento de fraternidade e da colaboração dos antigos e novos colonos. E, segundo o dito do antigo escritor da história de que os estados só serão mantidos através do meio, pelo qual foram realizados, assim Santa Catarina pode seguir para florescência e prosperidade com a união de forças: “Viribus Unitis!”

## Os primeiros habitantes primitivos de Santa Catarina

### Atuais vestígios

#### A. Os nativos

Fique claro que nem os Kaigangs e muito menos os exterminados carijós representam a população nativa em Santa Catarina. Prova disso são, entre outros, os “sambaquis”, sítios de conchas encontrados ao longo da costa de nosso estado, (como também mais ao norte). Somente em São Francisco, há 20 anos<sup>6</sup>, foram encontrados mais de 150 deles.

Parte deles forma verdadeiros montes, com aproximadamente 30 metros de altura e um volume de aproximadamente 40.000m<sup>3</sup>. Alguns são de origem natural, fruto do movimento das marés, agora mais afastados do mar, manifestando o percurso do velho período terciário.

Outros, porém, mesmo que se afirme o contrário, certamente resultam da ação humana. Não que sejam obras propositais. Eles advêm simplesmente do hábito dos então habitantes da costa de, pela abundância de ostras, mexilhões, berbigões e outros moluscos, descartarem as cascas ali mesmo, sem nenhuma cerimônia. Assim também podem ser justificadas as formações em camadas, tão características dos sambaquis – mesmo que essas não tenham relação direta com períodos anuais. São, por assim dizer, ciclos de anos, mesmo que cada camada não tenha a relação direta com um ano.

Na busca da resposta à pergunta, de quem teriam sido os precursores dos sambaquis, ainda não se tem resposta segura. Possivelmente teriam sido os Tapuias (Gés), antes habitantes da costa e posteriormente banidos pelos tupis em direção ao interior, entretanto supõe-se que foram representantes de raças mais antigas. Porém, a julgar pelos crânios, devem ser próximos dos Gés. Considerando as circunstâncias de destruição em que muitas vezes as ossadas eram encontradas, quer-se acreditar que se tratava de antropófagos. Suposição injusta presume-se. Pois tal realidade pode ser igualmente explicada pelas influências do tempo (intempéries) e da alta pressão, as quais essas ossadas foram expostas ao longo dos séculos. Pode-se, no entanto, encontrá-las quando desenterradas com cuidado, em sua posição natural, lado a lado.

---

<sup>6</sup> Nos idos de 1929, época de edição dos relatos

Nos arredores de muitos sambaquis encontram-se sítios pré-históricos, marcas de polimento, como escavação de almofarizes, pilões em rochas, e oficinas para todos os tipos de ferramentas de pedra; uma ao lado do grande sambaqui, nas redondezas do rio Saguacú, perto do Pico de Cabeçadas, uma outra nas margens do Pirabeiraba, no município de Joinville, etc. O povo deu a estas estações o nome de “ferraria do bugre”.

Também se encontram nos sambaquis pedaços de panelas, cunhas de pedra que serviam de ferramenta, machadinhas, com ou sem polimento, pontas de flechas, redes na forma de trapézio, e mais inúmeros objetos de enfeite, como dentes de porco, disquinhos de ossos e pedras perfuradas, assim como conchas perfuradas que podem ser penduradas em um barbante.

De extrema importância são as esferas de arremesso feitas de pedra, nunca encontradas fora do norte de Santa Catarina e, sobretudo, almofarizes feitos de pedras polidas no formato de animais. Ambas as descobertas são de grande valor, visto que comprovam uma ligação com os habitantes primitivos dos Pampas argentinos. No entanto, pode-se considerar que os almofarizes representam a propriedade artística mais rica do povo dos sambaquis, por conta do grande abismo existente entre a arte revelada por eles e a situação primitiva de seus donos. Também se deve levar em consideração que aqueles almofarizes eram produtos desconhecidos do local. Vi, na coleção do Padre de São Joaquim, exemplares mais fabulosos oriundos de sambaquis ao sul de Laguna, representando pássaros. Menos imponentes, mas mesmo assim de extraordinária versatilidade, são os 3 exemplares que estão à mostra no Museu dos Jesuítas do Colégio Catarinense, em Florianópolis.

Sobre a origem dos assim chamados Zoolitas, as opiniões se dividem. Alguns acreditam que o povo sambaqui tenha vindo do oeste, dos países andinos, expulsos por intrusos mais fortes. Durante sua peregrinação para o leste, que durou séculos, por regiões inóspitas, esse povo foi se tornando cada vez mais bruto, descendo claramente de um nível de cultura relativamente alto para o que restou dos sambaquis. Eles teriam trazido consigo os almofarizes da sua antiga pátria, deixando de herança a seus sucessores, assim como ícones de idolatria, dos quais um foi encontrado em um sambaqui em São Paulo, com exatamente a mesma técnica daqueles almofarizes. É seguro, no entanto, dizer que os primeiros habitantes a oeste da América do Sul representaram, assim como nossos Tupi-Guaranis, uma cultura de raça degenerada. Da mesma forma, é difícil entender como instrumentos utilizados de maneira tão vigorosa e freqüente, como almofarizes, tenham durado por séculos. E nessa dificuldade, também as explicações relativas aos Zoolitas fracassaram, há dúvidas, inclusive, no uso dos almofarizes podendo esses terem sido utilizados como cubas de sacrifício.

Outros autores são de opinião de que o surgimento destes objetos se deu em virtude de trocas comerciais dos relativamente mais adiantados povos andinos com os primitivos povos dos sambaquis. O fato é que, tanto na costa de São Paulo como na de Santa Catarina, rotas muito antigas de ligação ou comércio seguiam para a região do *Grão Chaco*, que também eram utilizadas pelos primeiros colonos brancos e viajantes. Quem nos faz lembrar esta quase inacreditável e insólita viagem é Ulrich Schmiedel da cidade de Straubing<sup>7</sup>, que por terra, em 1552, saiu de Assunção para São Vicente e também da perigosa viagem por terra dos acompanhantes de Hans Staden, partindo da Ilha de Santa Catarina para Assunção.

#### B. Os atuais descendentes dos povos indígenas.

Na época do descobrimento do Brasil a nossa costa era ocupada pelos Carijós, pertencentes aos Tupis, os quais haviam expulsado os Tapuias também chamados de Gés, para o inóspito interior. Não tendo nenhuma informação relevante sobre eles, sua natureza e modo de vida são pouco conhecidos.

Os Carijós eram normalmente sedentários, moravam em aldeias, alimentavam-se de caça, pesca, algumas vezes com o que cultivavam em uma lavoura muito rudimentar e há registro deles em documentos como moradores da ilha de Santa Catarina, do vizinho continente e também de Tubarão. Pelo fato de terem um caráter pacifista - a antropofagia era algo desconhecido para eles - e por viverem relativamente próximos uns dos outros, tornaram-se presa fácil para os caçadores de escravos paulistas tanto que foram completamente exterminados, ao contrário dos Tapuias, cujos descendentes miseráveis conseguiram resistir até os dias de hoje.

Nos idos de 1800, os Tapuias habitavam todo o leste bem como o oeste do planalto, pressionando de tal maneira os colonos brancos que Dom João, já em seu primeiro ano de estada no Brasil, precisou organizar uma expedição para reprimi-los. Grande parte das áreas limítrofes do litoral também passava por muitos sofrimentos por conta dos freqüentes aborrecimentos causados pelos bugres nômades, assim chamados os índios indistintamente em Santa Catarina.

Preciosos esclarecimentos sobre os peles-vermelhas no oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande estão em um mapa feito à mão enviado por Francisco de P. e Silva Gomes, em 1843, para o Visconde de São Leopoldo, informando sobre os benefícios de um

---

<sup>7</sup> Cidade da Baviera - Alemanha



novo caminho da região rio-grandense das Missões para Curitiba. Mesmo sendo tão primitivo, não é de todo insignificante, pois além da distribuição do mato e campo também indicava a posição das aldeias indígenas de então. Dos oito acampamentos que havia, um se encontrava no lado esquerdo da foz do rio Chopim, outro, sob o comando do chefe Caiefaiá, na margem esquerda do Uruguai, mais abaixo do Rio das Antas. Os seis restantes se encontravam no Rio Grande.

Embora no decorrer do século XIX o número de bugres ia diminuindo constantemente, suas ofensivas contra os brancos não arrefeciam, não se podendo dizer que objetiva ou até subjetivamente eles sempre estivessem sem razão. Os maiores prejudicados eram os criadores de gado do extremo oeste do planalto, onde os peles-vermelhas perseguiam e encurralavam os rebanhos que se encontravam em campos mais distantes – de cada cabeça de gado morta era cortada a ponta de um dos chifres para enfileirá-los num cordão – para logo seguirem descendo a Serra Geral, com o propósito de saquear, sobretudo, pelo fato de estarem na expectativa de adquirirem objetos metálicos para transformá-los em armas; confeccionavam, por exemplo, a partir de facas de cozinha pontas de lança de dois gumes. Aparentemente, seu principal lugar de refúgio era o campo dos Padres na nascente do rio Canoas.

Decorridos 20 a 30 anos, novas fazendas foram sendo criadas no planalto e com isso todo este quadro mudou. Simultaneamente, a colonização se expandia cada vez mais para a região costeira limítrofe. Decorrido o ano de 1822, aproximadamente só 10 indivíduos pertenciam à tribo dos Coroados, que vagueavam na nascente do rio Capivari e Braço do Norte (afluentes do rio Tubarão). Segundo informações dos colonos, eles ainda utilizam o botoque labial e a “coroa” (tonsura nos moldes dos franciscanos).

Aqui ainda cabem algumas observações gerais. Os índios de Santa Catarina são Kaigangs que pertencem à família dos Gês. Como todos os não-Tupis, eles também foram chamados de “Tapuias” pelos portugueses. Normalmente, eles habitam grandes cabanas cobertas com folhas de palmeira, em bandos e não em núcleos familiares. Criam galinhas, mas o animal de estimação é o cachorro, sempre magro e faminto. Sobrancelhas, barba e todos os pêlos do corpo são removidos. Os homens vivem nus, enquanto que as mulheres usam uma tanga, tecida por elas mesmas, sobre os joelhos, a partir de fibras de grandes folhas de urtiga. Os cadáveres, envoltos num pano e amarrados com cordas, são enterrados com o rosto voltado para o oeste e com as armas colocadas ao seu lado. Para as festividades, produzem uma bebida embriagante feita de milho e pinhões mascados, adicionada de mel.

Em 1928, no oeste da região catarinense, entre os rios Chapecó e Chapecozinho, foram contados 521 índios Coroados e no município de Palmas, divisa com o Paraná, 360, sendo que

160 integravam o acampamento decadente de Lontras e 200, a Campinas dos Índios. Entre esses últimos viviam também algumas famílias Guarani. A “coroa” já está em desuso; os homens compreendem e falam um pouco de português com os desconhecidos, mas entre eles, principalmente entre as mulheres, falam somente sua própria língua. Eles perdem peso constantemente devido às epidemias – varíola, gripe e catapora – e, sobretudo, pelo alcoolismo incontrolável. As famílias têm de 2 ou 3 filhos, raramente 5 ou 6. Forçosamente assumem uma postura pacífica. Há não muito tempo atrás, no entanto, a constante ladroagem estendia-se até a Serra Geral, em cuja proximidade, na descida da Serra do Espigão, inúmeras tropas foram assaltadas.

Segundo dados oficiais, um terceiro grupo, com cerca de 450 integrantes, ou até menos do que isto, habita as florestas do Braço Norte do rio Itajaí (Rio Hercílio). São os assim chamados Botocudos, porque usam um botoque labial, que não tem relação com os Botocudos das florestas ao norte do Espírito Santo. Apesar de toda a inimizade com os Coroados, com os quais têm parentesco próximo, como comprova a língua, ainda assim os Botocudos são maioria. Segundo seus próprios relatos, compreenderam perfeitamente um índio Coroadado, por eles feito prisioneiro, que chegou até a ser chefe deles. Suas armas são arcos de aproximadamente 2 metros, envolvidos por fortes fibras de árvores, providos de uma ponta foliforme, com lança de aproximadamente 1,6 m de comprimento, bem como com uma clave quadrangular.

O governo lhes ofereceu uma faixa de terra larga no braço norte do rio para que a usassem como reserva, como uma tentativa de assentamento dos mais jovens na região de Posto Duque de Caxias.

E o que seria do futuro destes parques restos de antigos habitantes, ou para definir com mais propriedade, dos antigos donos de nosso país?

Os 881 “bugres” existentes no Sertão do Oeste<sup>8</sup> no ano passado terão desaparecido em poucas décadas, dizimados por pestes, alcoolismo, reduzido número de filhos e pela miscigenação com os brancos. Destino similar espera pelos Botocudos do braço norte do rio, submetidos a causas ainda mais difíceis, por ocuparem terras muito férteis, imprensadas entre duas forças expansionistas extraordinárias: a colonização de poloneses, ao norte, em Itaiópolis e Blumenau, com os alemães e italianos, ao sul.

P. Geraldo José Pauwels

---

<sup>8</sup> Sempre com referência de tempo relativo ao ano de 1929



## Relatos do intérprete indígena Jeremia sobre sua vivência entre os Botocudos

### Recorte da obra ainda não editada “Entorno da fogueira”<sup>9</sup> de José Deeke.

Este relato merece atenção especial, pois descreve os modos e costumes dos “Bugres”.

Ao ter sido raptado pelos bugres, há muitos anos atrás, eu ainda era um menino de aproximadamente seis ou sete anos.

Minha memória também se remete somente até o dia da tragédia, dia em que os selvagens me raptaram. De antes não sei mais de muita coisa. Lembro apenas que tinha pais com os quais eu morava na pequena casa que fora assaltada pelos bugres. Entretanto, somente mais tarde fui informado por antigos vizinhos dos meus pais sobre os acontecimentos. Segundo eles, este ataque cometido pelos bugres fora um dos mais desumanos já ocorrido. Neste dia os selvagens assassinaram um grande número de famílias, dentre elas meus pais, saquearam e incendiaram as casas e mataram o gado. O porquê de me levarem e não terem me matado como as outras crianças, nunca ficou bem claro para mim.

Ainda tenho uma lembrança sombria de como os selvagens me carregaram mata adentro. Ao chegarmos ao seu acampamento, fomos recebidos com extrema alegria pelas mulheres mais velhas e pelas crianças que haviam permanecido por lá. Eu não havia sido notado de início, pois primeiramente todos estavam ocupados com o descarregar dos balaios, trazidos pelas mulheres mais jovens, abarrotados até a borda. Faz-se necessário ressaltar, no entanto, que a maioria dos selvagens, que foram observados nestes assim chamados ataques, e tomados por nós como homens, na verdade eram mulheres. Por conta do fato de ambos os sexos usarem o mesmo tipo de penteado, e ademais andarem nus, não podiam ser diferenciados a distância. No entanto, isto fica mais claro quando se sabe que os homens nestes ataques carregavam armas e jamais cestos. Por outro lado, as mulheres não possuíam nenhum tipo de arma, apenas os balaios onde podiam guardar muito bem o que haviam furtado logo após os guerreiros terem matado ou expulsado os brancos e arrombado suas casas.

De repente veio em minha direção um homem mais velho e muito feio. Era o “Pataema”, que para os selvagens representa, simultaneamente, o papel de pastor e curandeiro. Após ficar me encarando durante segundos, com olhar animalesco, ele começou

---

<sup>9</sup> No original: “Am Lagerfeuer”.

repentinamente a bater com seu punho no meu peito. As primeiras duas ou três batidas suportei com firmeza. Mas, quando ele continuou a bater repetidamente, com seus punhos enormes no meu pequeno peito, urrei de dor. Pelo visto, toda a comunidade estava esperando por isto; pois se antes, por ocasião da sessão, predominava um relativo silêncio, depois deste meu urro, aquelas pessoas tão rudes desatavam em uma gargalhada infernal e esta algazarra se repetia sempre que o “Pataema” me fazia gritar, por conta de todo o tipo de manipulação, da qual eu era vítima.

Quando finalmente o “Pataema” me soltava, eram as crianças que passavam a me dominar. Primeiro, elas só ficavam me puxando, mas depois elas iam ficando mais atrevidas. Elas me arranhavam com seus instrumentos cortantes e me faziam cócegas com a ponta de suas pequenas flechas e nisso podia-se perceber uma alegria sádica em seus olhos. Tudo indicava que elas queriam testar se já eram capazes de “despachar” um cara-pálida para os campos de batalha da eternidade.

E quem vai saber se elas não o teriam feito com seriedade se subitamente o chefe não tivesse intercedido por mim. Ao pronunciar algumas palavras ríspidas aqueles meninos que estavam a me maltratar, eles imediatamente se separaram, espalhando-se para todos os lados.

Então, o chefe lançou seu olhar sobre mim e me observou demoradamente, me pareceu analisando, mas não com maldade. Próximas dele estavam suas três mulheres, as quais de tempos em tempos se achegavam nele.

Num rompante ele se levantou, abraçou a mais jovem e mais bela de suas mulheres e quando esta lhe lançou um olhar de felicidade ele lhe falou longamente.

A jovem mulher, que se chamava “Kruro” e que eu em seguida a chamaria de “mãe”, veio então em minha direção e, ao mesmo tempo em que ela me olhava amavelmente, me pegou em seus braços, apertando-me e acariciando-me. E eu, que há pouco havia temido e me defendido dos toques das outras mulheres, tive subitamente naquela jovem mulher uma sensação de estar em segurança, que fez com que eu enlaçasse meus bracinhos em volta de seu pescoço e aconchegasse minha pequena cabeça bem pertinho dela.

Isto parecia impressionar toda a comunidade fazendo surgir um sonoro burburinho de aprovação. Por conta disso acabara meu sofrimento, pois agora eu era considerado como sendo filho do chefe e minha nova mãe não permitia que eu passasse por qualquer forma de humilhação. Com o passar do tempo ela foi se afeiçoando cada vez mais a mim, como se eu tivesse sido seu próprio filho e eu a respeitava profundamente.

Naturalmente que mais tarde ela me contou o que fora negociado naquela época entre ela e o chefe, antes de terem me aceitado. Com o passar do tempo, eu fui ganhando o apreço

do chefe, pois os seus próprios filhos não lhe pareciam adequados para assumirem seu lugar, foi, então, combinado que eu seria adotado. Como o chefe não tinha filhos com Kruro, sua mulher favorita, pediu-lhe então que me aceitasse como seu filho, pedido prontamente atendido, em razão do amor que ela sentia por ele. A atitude de Kruro deve ser ainda mais valorizada, ao refletirmos sobre o comportamento dos selvagens que não consideram os brancos como seres próximos, mas sim criaturas repugnantes.

Ocorrida minha “adoção” e chegada a noite, a vida no acampamento foi voltando à normalidade. Os bens roubados foram distribuídos e a carne trazida, assada.

Entrecortando as fogueiras, de onde ardiam altas labaredas, os selvagens dançavam em cantoria. Quando eu acordei no dia seguinte, já era tarde, mas todos ainda dormiam e quando me lembrei dos acontecimentos horríveis do dia anterior, ocorreu-me fugir. Teria dado certo, pois todos estavam dormindo e ninguém notaria. Mas para onde? Eu não tinha nenhuma noção de que direção tomar para poder sair da floresta. Ainda no mesmo dia levantamos acampamento e seguimos viagem floresta adentro, para montar nova aldeia. E assim se prosseguia, dia após dia, adentrando cada vez mais cada vez mais na profunda escuridão da floresta.

Os deslocamentos diários eram geralmente breves e havia diversos motivos para tal. Primeiro, os selvagens não gostavam, absolutamente, de se fatigar demais. Logo pela manhã era feita uma pausa para que ainda houvesse tempo suficiente para montar os acampamentos e, principalmente, arranjar o alimento necessário para a tribo. Quando se pensa sobre os selvagens, exclusivamente nômades das florestas que não possuem criação de gado ou cultivam a terra, vivendo como diz expressão popular “da mão à boca”, ou seja, vivendo o presente, então se entende que o prover de alimentos deve ser a sua dificuldade maior e que os dias de jejum involuntários são freqüentes.

Um dos principais alimentos dos índios é o mel, fornecido pelas abelhas selvagens, das quais há muitas espécies na floresta. Os selvagens são extremamente habilidosos para encontrar as colméias nas árvores mais altas e retirá-las de lá. Eles não apreciam somente o mel, mas também o favo e as inofensivas larvas.

A caçada fica para um segundo plano e os seus resultados ainda dependem do fato de se possuir cachorros ou não. O cachorro é, a saber, o único animal doméstico que os índios mantinham. Em virtude de maus tratos e também de muitas perdas decorrentes de ataques de animais selvagens, muitos cães desapareciam por completo. Os índios precisam, então, eles mesmos exercer a função de cão de caça, até que conseguissem se apropriar de novas ninhadas. No entanto, tarefa nada fácil, pois com suas armas primitivas geralmente não

conseguem atingir presas maiores. Estranhamente, desconheciam completamente a arte da pesca e por isso deixando de ter acesso a um alimento rico e abundante. A razão deles não comerem peixe, eu nunca entendi. Eles consideram tal hábito repugnante, assim como os brancos também o achariam se tivessem que comer larvas de madeira e outras tantas, inclusive, carrapatos e até mesmo piolhos em geral, que eram verdadeiros petiscos para os selvagens.

No que diz respeito a mim, não posso afirmar que tenha sido fácil me adaptar aos hábitos alimentares dos índios, pois, excluindo os petiscos mencionados, eles apreciavam carne fétida e, em festividades especiais, produziam uma cerveja, a assim chamada "*Spuckbier*" (feita a partir de mel e milho mastigado), que a princípio não dá absolutamente nenhum prazer em beber quando se observa a sua preparação. Mas o ser humano se adapta a tudo, principalmente na infância e assim, eu havia, em curto prazo e para alegria dos meus pais adotivos, incorporado todos os costumes da tribo. Em três meses eu havia alcançado a fluência na língua indígena.

E assim, nós seguimos adiante durante meses, nem sempre em frente, pois cruzávamos com freqüência trilhas que já havíamos passado e às vezes nos instalávamos por um tempo maior num acampamento. Um dia chegamos a um grande rio, fato amplamente festejado por todos. Ali foi levantado grande acampamento e, um pouco mais abaixo, na desembocadura de um dos afluentes, seguia-se na direção de armadilhas feitas para evitar a passagem de antas, pois as muitas pegadas deixadas na margem do rio indicavam uma boa caçada.

Essas armadilhas foram instaladas próximas umas das outras nas principais passagens das antas. Existiam árvores nos dois lados da margem do rio, de maneira que os animais, encurralados e forçados a seguir rio adentro, apesar da sua arte em mergulho, não conseguiam escapar por nenhum dos lados. Os índios que se colocavam nas margens ou sob as armadilhas, lá permaneciam enquanto os animais eram perseguidos até serem abatidos por meio de machado, lança ou flecha.

Quando um animal era abatido dessa forma, era motivo de festa que, via de regra, durava enquanto houvesse carne. Todavia, as festas não duravam muito tempo, pois as trinta pessoas que formavam a tribo consumiam quantidades excessivas de carne, enquanto a tinham. Tanto que normalmente, após a festa, ficavam doentes por terem comido demais. Até casos de morte aconteciam. Considerando-se que no local havia muitas antas e outros animais selvagens, a estadia perdurava por muitas semanas.

Esgotada a exploração da região em torno do acampamento, cruzávamos o rio e muitas vezes chegávamos a um terreno escarpado e montanhoso. Logo eu percebi que deveria haver

um princípio de sabedoria na escolha da direção da marcha, pois por muitas vezes eu escutava conversas do chefe se reunindo com os homens mais velhos da tribo, em uma espécie de conselho de guerra. Constatava também que muitas vezes no amadurecer das frutas e florescer dos arbustos e árvores, eles identificavam a aproximação da troca de estações, o que para eles deveria ser de grande importância. Mas não conseguia entender do que se tratava. Então quando eu perguntava a respeito a minha mãe de criação, ela me respondia, com brevidade que algo bem grande iria se realizar. Ao mesmo tempo o seu rosto mostrava uma expressão alegre e de grande afeição, como a de um crente devoto em Cristo, quando este comenta sobre a festa anual do patrono da sua cidade ou localidade.

Depois de algum tempo chegamos a uma área magnífica, com uma grande floresta de pinheiros, lugar que durante semanas esperávamos encontrar. Mas ainda assim, os índios não pareciam estar muito satisfeitos. Falavam em voz baixa e em tom sério entre si. Ocasionalmente, quando alguns dos guerreiros, enviados pelo chefe para sondagem da região, retornavam com más notícias, todos ficavam tristes e cabisbaixos.

Mas um dia isso mudou. Havíamos nos levantado mais cedo do que de costume - já fazia algum tempo que as festas noturnas deixaram de acontecer por conta do clima opressivo que pairava sobre a tribo - e estávamos justamente nos organizando para a realização das tarefas do cotidiano. De repente, ouviu-se uma voz ecoando ao longe; com isso, meus companheiros da tribo se alteraram completamente. Eles emitiram um grito alto de alegria e os jovens guerreiros pularam para dentro da floresta em direção ao chamado.

Tratava-se de outra tribo de Botocudos que se aproximava para confraternizar conosco. A tribo era praticamente do mesmo tamanho da nossa, embora parecesse não haver um chefe que tivesse o comando sobre ela no momento da sua chegada.

Assim a vida ia se desenvolvendo animadamente. Um grande espaço para o acampamento foi preparado e cercado com uma espécie de linha de defesa, uma parte sendo de armadilhas e a outra de uma cerca compacta de estacas. Com o passar dos dias, mais tribos iam chegando e a euforia ia aumentando. Por fim, vasilhas de troncos de árvores eram feitas para nelas se preparar uma grande quantidade de uma bebida semelhante à cerveja “*Spuckbier*”, feita a partir de mel e de milho mastigado – este trazido por uma tribo que o havia roubado para esta ocasião.

Ao me referir anteriormente que a primeira tribo, que estava nos visitando, não tinha chefe, eu de alguma maneira não me expressei corretamente. Pois ela tinha, sim. O chefe, porém, não estava num patamar tão alto quanto o nosso e sua autoridade só era exercida quando se encontrava com sua tribo fora do acampamento principal. Todo esse contexto eu só

ia compreendendo aos poucos, embora de alguma maneira tudo fosse muito simples. Nosso chefe era o chefe maior de uma grande ramificação dos Botocudos. Mas pelo fato de ele não conseguir se fixar em lugar algum com os seus dependentes, separou-os em grupos que, sob o comando de um sub-chefe, seguiam seu destino. Desta maneira sua sobrevivência ficava mais garantida. Anualmente todos se encontravam em um local, previamente combinado no ano anterior, para ali comemorarem a “grande confraternização”.

Chegara a hora da festa. O chefe permitiu que os meninos, que haviam entrado na puberdade no ano anterior, pudessem fazer parte da cerimônia e anunciou para eles e para todo o acampamento que daria início às festividades, fazendo ecoar uma grande euforia sobre o acampamento. Passamos então a destampar as vasilhas com a cerveja e foi dado início à bebedeira. A cerveja que, de certa forma nem tinha sabor tão ruim e por conta da adição do mel continha um razoável teor alcoólico, surtia rápido efeito sobre os índios, fazendo com que em pouco tempo, jovens e adultos se achassem em perfeita harmonia. A maior parte daquela bebida entorpecente era oferecida aos jovens candidatos a guerreiros e quando, por volta do meio-dia, eles se encontravam inconscientes, iniciava-se a perfuração dos lábios e o assim chamado “Botoque”, de onde derivam os chamados índios Botocudos, era introduzido. Este procedimento não era assim tão simples, pois o lábio não é perfurado com a ajuda de um instrumento cortante, mas sim, com um perfurador de madeira sem fio que provoca tamanha dor que freqüentemente os pacientes, mesmo no estado de embriaguez, gritavam dolorosamente.

Finalizados os procedimentos, instalou-se um estado de alegria sem dimensões e cantava-se e bebia-se incessantemente. Porém, ao anoitecer, ia-se relativamente cedo para o acampamento e dormia-se até tarde da manhã seguinte.

Ao levantarmos, no dia seguinte, tudo se encontrava silencioso e depressivo. A razão fundamental da tristeza das mulheres e da reflexão dos homens era uma só: o principal ato desta confraternização estava relacionado com "a constituição de novas famílias". Este ato iniciava com o fato de que toda a população adulta do acampamento fosse agrupada de acordo com seu sexo. Um círculo do tamanho de um pequeno aposento era mantido vazio, à frente ficava o chefe, à sua direita os homens, à esquerda, as mulheres.

Quando tudo estava assim organizado, os jovens recém adornados – eles não eram muitos - tinham que adentrar no círculo. Os lábios eram novamente examinados para saber se os adornos labiais estavam ajustados então o "Pataema" aplicava-lhes variados símbolos sobre o peito e sobre o queixo, usando pedaços de carvão vegetal queimado e, assim, os novos guerreiros eram conduzidos para o círculo dos guerreiros adultos.



Assim que os jovens guerreiros deixavam o círculo, juntando-se aos mais velhos, as jovens, as quais haviam entrado na puberdade no ano anterior, tinham que adentrar. Elas não eram submetidas a tantos procedimentos. Após rápido pronunciamento do chefe, elas eram conduzidas à ala das mulheres.

Quando então o chefe passou a explicar que a constituição das novas famílias deveria iniciar e que era ele mesmo quem daria o início, crescia o nervosismo. Pairava um silêncio mortal, impossível de se imaginar em um acampamento indígena. Kruro, minha mãe adotiva, era quem estava mais tensa. O seu corpo inteiro tremia e ela dirigia ao chefe um olhar suplicante. Ele, por sua vez, lançava seu olhar para as jovens, analisando-as uma a uma e, ao se decidir pela mais bela de nome "Mendosa" a chamou para si, abraçando-a e declarando ser ela sua primeira esposa.

Como segunda esposa ele chamou Kruro. Na terceira ele hesitou. Era visível a dificuldade que sentia na escolha entre as duas mulheres mais velhas. Mas por fim, ele precisava tomar uma decisão e a mulher sobre a qual recaiu seu voto se lançou sobre ele com um grito de alegria.

Obviamente os lamentos daquela que fora desprezada eram consideráveis, mas ela era decididamente uma mulher esperta, pois ao invés de se queixar, ou então xingar, buscou uma saída que a protegesse da solteirice. Ela, nervosa, saltou para frente e em tom de mendicância dirigiu-se ao chefe, insistentemente: “Oh, grande Chefe, tu não quiseste que eu continuasse a te servir e isso é teu direito. Mas, oh Chefe, não me deixe sem companheiro, indique-me a um de teus guerreiros”.

Isso impressionou o chefe bem como a maioria dos guerreiros que murmuravam em tom de aprovação.

“Já que foste tão complacente com minha decisão”, disse ele à mulher, “e eu jamais quero te tratar com ingratidão, nomeio o jovem guerreiro Matambá para teu marido”. A mulher podia ficar satisfeita, pois fez uma troca favorável, deixando de ocupar a posição nada invejável de terceira mulher do antigo chefe, para ser conduzida aos braços de um jovem e fioso guerreiro. E o guerreiro também não podia reclamar, pois na tradição dos Botocudos a condução de uma jovem como esposa de um também jovem guerreiro é totalmente descartada. As jovens recém apresentadas eram reivindicadas pelos antigos e influentes guerreiros. Os jovens guerreiros recebiam as mulheres bem mais velhas, preteridas pelos outros.

Depois do chefe, chegaram os outros guerreiros, sempre os mais velhos e influentes em primeiro lugar, para renovar a “existência familiar”; mas o procedimento era bem variado,

sendo que alguns não desejavam de maneira alguma a mudança. As jovens naturalmente eram primeiras a serem escolhidas, pois os antigos guerreiros efetuavam a troca de suas mulheres por estas jovens ou as aceitavam como segunda esposa para a futura existência familiar; somente o chefe podia ter três esposas.

Assim que todos os antigos guerreiros haviam constituído suas famílias, o restante das mulheres era oferecido aos guerreiros que recém colocaram o botoque; esses, porém, só podiam escolher uma mulher, assim mesmo ainda sobravam três mulheres mais velhas.

Após o encerramento da nova constituição familiar, festejava-se delirantemente até a noite e parte da madrugada. Na manhã seguinte, porém, iniciava a dissolução do grande acampamento, no qual diversos grupos, à parte novamente, seguiam em todas as direções do ponto cardeal.

Agora a vida monótona começou outra vez como antes. Durante meses estivemos em selvas profundas sem que o cotidiano fosse interrompido por algum acontecimento. Um dia cruzamos uma estrada, uma trilha de jumentos de carga, que ligava o planalto à região costeira.

Estávamos bem próximos de povoamentos habitados pelos brancos e eu tinha a oportunidade de escalar freqüentemente montanhas e árvores altas para retirar as colméias e para ver com a distância iluminada as casas dos colonos. Tive saudade da minha forma de vida de outrora e das pessoas queridas que perdera, deixei a vida detestável de índio, na qual consegui me adaptar bem até agora, surgir outra vez.

Essa aversão, que atingiu a minha forma atual de vida, aumentava mais quando eu percebia que os meus companheiros estavam planejando um assalto novamente contra os colonos brancos. Mas eu não podia fazer nada, pois fugir em direção ao povoamento para advertir os colonos, eu não me sentia ainda forte e apto suficiente. Os selvagens com certeza perceberiam logo a minha fuga, me seguiriam e capturariam. E mesmo se essa fuga fosse possível, - como seria a recepção da minha gente branca? Eu parecia um verdadeiro bugre tanto no traje como no corte dos cabelos. Por fim, tive pena em abandonar a minha mãe de criação que me deu tantas provas de amor.

Uma noite, um guerreiro que estava regressando ao seu lar trouxe a notícia que os “Caecés” estavam por perto. Eu não tinha dúvida o que essa palavra representava, pois normalmente os selvagens se chamavam entre si de “irmãos” e “irmãs”, todas as outras pessoas eram “Cocolés”. Dos Caecés, que significa “amigo”, eu ainda não tinha ouvido falar.



O que me chamou bastante atenção, é que diante desses amigos parecia haver certo receio, que pude perceber pela conversa dos guerreiros e pela expressão amedrontada no rosto das mulheres.

Finalmente consegui compreender a vida dos Botocudos, graças à explicação da minha mãe de criação e dos diálogos dos guerreiros. Porém, às vezes, algo parece tão confuso e espantoso que a gente mal pode acreditar.

Assim, a tribo dos Botocudos teria sido um grande povo que nos primórdios teve um sólido povoamento. Mas quando os brancos invasores foram se aproximando mais e mais e a caça se tornando parca, foi preciso decidir em se separar. Somente o rei permaneceu com um grupo no antigo local, os outros foram divididos em grandes seções, após o rei nomear um chefe da casta real para cada grupo, enviados para todas as direções e florestas, para que essas pudessem subsistir melhor e ao mesmo tempo suportar o avanço dos brancos.

A princípio realizavam-se festas de confraternização na corte real todos os anos e mais tarde o espaço de tempo foi se tornando maior. Ocasão em que não só se realizava a colocação de botoque (labial) nos rapazes e a nova formação das famílias como também ocorriam mudanças nos locais dos chefes, onde se preservava por longos anos uma língua uniforme e a igualdade nos costumes e rituais.

Mas com o passar do tempo os encontros foram se tornando difíceis devido à aproximação constante dos brancos; alguns grupos também se tornaram rebeldes, pois esses não queriam mais que a conduta do chefe dependesse do rei. Entre as divisões independentes ou seus troncos também houve disputas, o que teria gerado um estranhamento prolongado entre as várias tribos, de maneira que agora cada divisão se considera independente, tendo o chefe posição elevada.

A tribo cuja aproximação há pouco fora mencionada, permaneceu, enquanto não ocorria mudança no decorrer dos últimos anos, sob o comando do chefe “Pé Grande” e era bastante numerosa. “Pé Grande” teria sido um assassino brutal e violento que há muitos anos teve um sério confronto com o nosso chefe, chamado “Água Clara”, fazendo com que quase ocorresse uma guerra declarada entre as duas tribos.

Assim não se sabia ao certo se “Pé Grande” não teria esquecido, como foi o caso de “Água Clara”? – Ou esperava o primeiro talvez em dar uma lição no “amigo” da tribo enfraquecida munido de um forte grupo guerreiro? Pois “Pé Grande” tinha muita gente a sua volta, isso podia se constatar a distância pela fumaça que subia da fogueira do acampamento, enquanto que a nossa tribo deixou o outro pertencente da nossa divisão durante muitos dias – talvez semanas afora viajando e por conta disso encontrava-se totalmente isolado.

O nosso chefe na verdade tinha preocupações concernentes de uma autoridade.

Mas finalmente tudo acabou se acomodando, pois enquanto o chefe quebrava a cabeça o que ele deveria fazer, uma voz sonora foi ouvida repentinamente na proximidade “irmão “Água Clara” quer dizer que não sou bem-vindo?”

“Água Clara” saltou espantado. O sobressalto demorou apenas um momento, então fingiu a maior alegria e desarmado seguiu em direção de onde vinha a voz, saltitando na floresta ele chamou: “Seja bem-vindo meu querido irmão!” Oh, que alegria “Pé Grande” está me reservando para vir me visitar no meu humilde acampamento!”

Os guerreiros também estavam surpresos e rodeavam os dois chefes com diversas expressões de alegria, quando os próprios saíram da floresta seguindo para o local do acampamento.

Acabou sendo bom. Ah, se a gente tivesse demonstrado o mínimo de desconfiança ou de inimizade, então o pior teria acontecido aos homens da nossa tribo. Pois “Pé Grande” trouxe por ocasião da sua visita não menos que quarenta guerreiros fortemente armados. Enfim, o perigo estava de fato longe e os “amigos” sorridentes e brincalhões se instalaram no nosso acampamento. Aliás, eu pude observar que a língua dos “amigos” se diferenciava e muito da nossa. Minha mãe de criação ensinou-me que isso não é nada: existem outras divisões que a gente ainda mal pode compreender e assim a língua sofreu modificações no decorrer dos anos.

A visita entre a nossa tribo e os diversos grupos do “Pé Grande” prosseguia, além disso, barcos foram enviados para chamar todas as tribos da nossa divisão para cá.

No decorrer das semanas, quando as nossas tribos tinham se aproximado, houve um grande feito. Quase que diariamente foram verificadas perdas num e outro local do povoamento e se vivia maravilhosamente bem e com alegria.

O bom desempenho alcançado pelos selvagens os deixava sempre felizes. Totalmente contrários aos seus hábitos normais, eles ficavam no mesmo lugar durante semanas, meses e até combinavam a próxima festa de confraternização que seria realizada aqui mesmo com a comunidade.

Mas os vingadores dos brancos assassinados também não dormiam. E, enquanto o acampamento se encontrava em profundo cochilo, após primeiro dia de festa, um bando de caçadores brancos se aproximou repentinamente e saltou, disparando em sua direção. Os selvagens assustados com os disparos das espingardas se levantaram fugindo para dentro da floresta; ou seja, homens e mulheres que tinham apenas um filho ou não tinham nenhum. Porém aquelas mulheres que possuíam mais filhos e não podendo levá-los rapidamente com

elas, jogavam-se ao chão e pediam por misericórdia. Mas os brancos triunfantes não perdoavam. Eles matavam mulheres e crianças, pois diziam que essa ralé não tinha valor, portanto não era preciso ter piedade dela. É preciso exterminar a começar pela base.

Minha mãe de criação também queria fugir, mas ela me queria junto dela. O momento havia chegado para me ver livre da perseguição aos índios. Segurei-me num suporte e enquanto Kruro suplicava e me puxava para que eu fosse com ela, procurei umas poucas palavras em português, aquelas ainda na minha lembrança. Gritei aos homens brancos que eu era um compatriota e fora roubado pelos selvagens e que não me matassem e tampouco os meus semelhantes.

Nessa confusão, eu, um mal agradecido, não pensei em Kruro, minha fiel mãe de criação, que me deu todo o seu amor, alimentou-me e cuidou de mim. Aos brancos não se pode agradecer por isso, quando eles acreditavam que precisavam me libertar dela. Quando ela foi atingida por uma bala no coração, lançou-me um último olhar afetuoso e também repreensivo, só aí percebi o que eu havia causado e aos prantos joguei-me sobre o corpo já sem alma.

Nada mais adiantava. Os brancos pegaram as armas, arcsos, flechas e lanças, que os selvagens guerreiros amedrontados deixaram encostados nos suportes, uma parte foi levada como prova do sucesso, enquanto todo o restante foi queimado. Os cadáveres permaneciam simplesmente no chão. Eu pedi e implorei que ao menos Kruro fosse enterrada, mas os caçadores brancos riam e diziam que os morenos safados depois teriam tempo para isso.

Assim fui levado pelos caçadores brancos floresta adentro, onde os selvagens, receosos das espingardas, nos seguiram livres devido à distância por longo tempo. Sem armas, eles não podiam fazer mal algum e os caçadores brancos se divertiam com isso, quando escutavam lamentos e xingamentos ao longe. Amedrontava-me quando eu escutava “Água Clara” chamar: “ volte criança, filho de Cocolés, inimigo e traidor, que até matou a sua mãe, pague com o seu sangue o que nos causou”.

## A Colônia Porto Feliz

Quem conhece o rio Uruguai em Marcelino Ramos já pode imaginar a gigantesca extensão que esse rio possui e que nele majestosas correntes seguem o seu curso. Até poucos anos atrás, não havia alguém que pudesse dar esclarecimentos, nem tampouco emitir uma imagem razoavelmente clara, acerca das terras férteis que margeavam as cercanias do rio Uruguai entre Nonoai e a fronteira com a Argentina. Já desde o passado o rio Uruguai reavivava as lembranças dos camponeses rio-grandenses. Durante muito tempo, infelizmente, o Estado de Santa Catarina não reconheceu o valor de suas terras no extremo-oeste, na fronteira com a Argentina. Essa rica região que não possuía nenhum vestígio de cultura estava entregue ao sono, como em um conto da bela adormecida, apenas esperando que algo a fizesse despertar.

Em dezembro do ano de 1919, alguns alemães e austríacos, entre eles os senhores Friedrich Kreiser, Hermann Flad, Adolf Stangler, Anton Honaiser e Hermann Faulhaber, partiram de Nonoai em duas canoas pregadas provisoriamente, descendo o rio Uruguai para visitar as terras de Santa Catarina situadas entre o rio Chapecó e Peperi-Guaçu. A viagem através do rio desconhecido foi executada pelos participantes com muita dificuldade e a decisão amadureceu em adquirir um complexo maior na região para a colonização e a exploração industrial.

Foi fundada a Empresa Chapecó-Peperi Ltda. e, Hermann Faulhaber, o dirigente da Empresa de Colonização Dr. Hermann Meyer em Neu-Württemberg<sup>10</sup> foi nomeado também diretor desse novo empreendimento. Demoradas foram as negociações para a aquisição de terras. O contrato que tratava das 13.000 colônias entre o Rio das Antas e Peperi-Guaçu e que selava a regulamentação do negócio, somente foi assinado em 29 de abril de 1924 na cidade do Rio de Janeiro.

Já em 1922 começaram as medições das primeiras colônias e cidades. Naquela época, o acesso às áreas de colonização só era possível por via fluvial num percurso de várias horas a partir do Rio da Várzea.

Mal o trabalho havia começado, surgiram os obstáculos na nova empresa. Em dezembro de 1922 começou a primeira revolução que deveria se prolongar por todo o ano de

---

<sup>10</sup> Município de Panambi, nos dias atuais (2008).

1923, de maneira que, de tempos em tempos, a comunicação entre a colônia em Porto Feliz e a direção em Neu-Württemberg era interrompida durante meses.

Diante desse transtorno, os primeiros colonos rio-grandenses e os alemães do reino imigraram apenas em fevereiro de 1924. A imigração se instalou tão fortemente que os trabalhos de medição, que se encontravam sob pressão e com mais agrimensores trabalhando, não conseguiam avançar tão rapidamente quanto às terras que deveriam ser vendidas aos colonos.

Mas de novo, em novembro de 1924, circulavam rumores sobre a revolução e impediam a colonização que fora iniciada. De fato, em janeiro de 1925, surgiram tropas revolucionárias sob o comando do coronel Prestes. Em um curto intervalo surgiram as tropas legais sob o comando do coronel Claudino Nunes Pereira. A provisão em gêneros alimentícios foi rapidamente consumida e o fantasma do tifo, favorecido pela falta de alimentação, falta de higiene das tropas que transitavam, e dos muitos cadáveres deixados para trás que tinham contaminado o ar e a água, era a ameaça iminente que se propagava.

Ainda que a revolução e a doença trouxessem a quase paralisação do desenvolvimento da colônia, ao menos obtiveram sucesso de que o Governo do Estado rio-grandense reconhecesse a necessidade de construir uma via de acesso direto para Porto Feliz, cuja permissão solicitada muitas vezes para construção dessa estrada, foi finalmente concedida à Empresa Chapecó-Peperi Ltda. Deu-se início imediato ao trabalho, a construção foi acelerada de acordo com as possibilidades, de modo que em 28 de janeiro de 1926 sob enorme entusiasmo da população, os primeiros carros puderam ser recebidos com grande festa em Porto Feliz. Com isso, o trânsito de pessoas e fretes pelo complicada e insuficiente via fluvial foi finalmente desativada e Porto Feliz ligada à rede de ruas do Rio Grande do Sul.

No mesmo dia, 28 de janeiro de 1926, concluíram-se as negociações referentes à venda de uma grande área para o local da cidade Porto Novo<sup>11</sup>, que durante meses foi negociada entre o diretor Faulhaber e a Sociedade União Popular para os Alemães Católicos do Rio Grande do Sul. Hoje, o início de uma colônia em desenvolvimento e de rápido progresso fora alcançado.

Apesar do aparente adiantamento da colônia Porto Feliz iniciada através da colonização católica, e apesar de todo sacrifício do sócio da Empresa Chapecó-Peperi Ltda., a firma se encontrava no limite de sua capacidade. O próprio diretor Faulhaber, de tantos reveses que a firma teve que enfrentar nestes poucos anos, enfraqueceu, com os nervos

---

<sup>11</sup> Município de Itapiranga, nos dias atuais (2008).

abalados pelo esforço excessivo, considerou a luta pelo ideal da obra iniciada perdida e o capital de seus sócios, confiado a ele, encontrava-se em perigo. As últimas forças foram consumidas com a luta pela continuação da empresa, de maneira que ele não pôde mais resistir a um ataque surpresa pelas costas, vindo a falecer no dia 8 de julho de 1926.

Em seu lugar assumiram os senhores Adolf Stangler e Friedrich Kreiser, que mal tinham conduzido a colonização com segurança por alguns meses, quando pela terceira vez, em novembro de 1926, bandos revolucionários sob o comando de Leonel Rocha abalaram seriamente o andamento da povoação. Apesar de todos os obstáculos, a colonização não enfraqueceu, a confiança cresceu de novo rapidamente e o tão esperado apoio por parte do Estado não demorou a chegar.

Desde novembro de 1928, Porto Feliz possui uma estação de telégrafo e de correio federal com o nome “Mondaí”. Uma linha telegráfica para Passo Bormann já está em funcionamento e a linha para Barracão, na fronteira do Estado de Santa Catarina com o Paraná e a Argentina, assim como a linha Porto Feliz (Mondaí) – Porto Novo (Itapiranga) estão em construção. Além disso, o Governo Federal constrói no momento uma auto-estrada larga, de cerca de 170 km de comprimento, do centro da cidade de Porto Feliz em sentido ao Barracão. Em breve o município de Chapecó deve ser dividido e o centro da cidade de Porto Feliz deve ser a sede do novo município de Mondaí.

De mãos dadas com as escolas públicas do município, as escolas da sociedade alemã e as profissionalizantes se esforçavam na formação da crescente juventude. A sociedade masculina de canto fundada no ano de 1924, já conta hoje com quase 100 membros. Além disso, Porto Feliz tem uma grande comunidade religiosa evangélica e recentemente uma comunidade sinodal de Missouri<sup>12</sup>.

Em fins de abril deste mesmo ano, o povo de Porto Feliz estava alegre, pois poderia alojar em seu meio o Governador do Estado Sr. Dr. Adolfo Konder. Deve-se agradecer de antemão ao Sr. Adolfo Konder juntamente com o seu ilustre irmão, Sr. Dr. Vitor Konder, Ministro do Transporte, que com sua perspicácia e firmeza, fizeram com que o Governo Federal e Estadual dessem total atenção para a construção de vias de transporte na parte oeste do Estado, de forma que Porto Feliz e Porto Novo pudessem manter relações econômicas com

---

<sup>12</sup> Teve origem nos Estados Unidos, a partir de imigrantes luteranos que saíram da Alemanha, cuja fundação ocorreu em 1847. A primeira experiência de comunidades ligadas ao Sínodo ocorreu nas regiões de Pelotas e São Lourenço do Sul. Pastores de descendência alemã e professores foram enviados dos EUA para consolidar o trabalho nestas regiões.

Rio Grande do Sul e a Argentina, e, mais adiante, ter vínculos com o Estado de Santa Catarina em prol do seu desenvolvimento.

Neste ano os colonos já podem exportar uma safra de tabaco de cerca de 60.000 quilos. A exportação de frutas como abacaxis, bananas, laranjas e bergamotas começou timidamente e se expandiu ano a ano. Um importante produto para exportação também será, no futuro próximo, o café, após as primeiras tentativas com o cultivo do mesmo terem mostrado excelentes resultados.

Já que a colonização se encontrava em pleno curso e a migração das regiões das antigas colônias era constante, foram dadas as bases para os serviços industriais. O número de moinhos de corte e de moenda, que até hoje<sup>13</sup> somam juntos 6 em Porto Feliz e Porto Novo, serão rapidamente ampliados.

Assim, hoje, após um ciclo de dez anos cheio de mudanças e dificuldades, a colônia Porto Feliz se impôs e pode enxergar um futuro seguro.

Ela também é obra do esforço e da ousadia dos alemães.

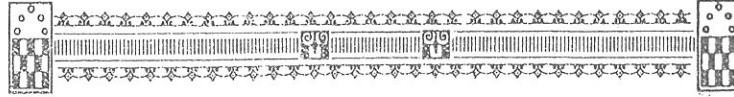
Erich Schild<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Nos idos de 1929.

<sup>14</sup> Engenheiro, arquiteto, faleceu com 93 anos em 21 de outubro de 1986, em Tübingen – Alemanha.





# Santa Catharina vor Beginn der deutschen Einwanderung

## A. Vor der Errichtung eines selbständigen Verwaltungsbezirkes

### 1. Entdeckungsreisen.

Von einer Geschichte S. Catharinas kann eigentlich nur gesprochen werden von dem Zeitpunkte an, in welchem ein Verwaltungsbezirk dieses Namens errichtet wurde. Die Ereignisse, die sich vorher auf seinem Boden abspielten, gehören eigentlich diesem nur als Teil Brasiliens, nicht als S. Catharina an. Ebenso sei bemerkt, daß der größte Teil des jetzigen Staates das Hochland, nur sehr spät im 18. und selbst erst im 19. Jahrhundert in die Geschichte eintrat, und daß von Taten der Bandeirantes, diesem wichtigsten Faktor der Entwicklung Innerbrasilens, im catharinenser Hochland so gut wie nichts bekannt ist.

Dem Entdecker Brasiliens, Cabral (1500), folgten bald Kaufleute, oder was damals mehr oder weniger dasselbe war, Korsaren aller seefahrenden Völker, besonders der Spanier und Bretonen auf dem Fuß. Einer der letzteren, Binot P. de Gonville, aus Brest gebürtig, landete 1504 auf der Insel S. Francisco, von wo er den Sohn des Häuptlings mit nach Europa brachte.

Zehn Jahre später ankerte ein Schiff der von D. Nuno Mancel und Christovão de Haro ausgerüsteten Expedition in der Südbai von Florianopolis. Diese Expedition ist für uns um so interessanter, als mit ihr der erste Deutsche in unsere Gegend gelangte, nämlich der ungenannte Verfasser der „New zeitung ausz presillandt“. Als die Kunde von der durch diese Flotte gemachten Entdeckung des Rio de la Plata nach Spanien kam, ließ Karl V. im geheimen eine von Solis befehligte Expedition ausrüsten, um das Land des Silberflusses für Castella in Besitz zu nehmen. Eins der Schiffe litt 1516 auf der Rückkehr bei der Insel S. Catharina Schiffbruch. 9 Mann der Besatzung erreichten glücklich die Insel, wo sie 1 oder 2 Jahre später Christovão Jacques fand, Kommandant einer Flottille, die von der portugiesischen Regierung ausgesandt worden war, um die brasilianische Küste von den vielen fremden Piraten und Korsaren zu säubern.



Zu Beginn oder um die Mitte des Jahres 1526 suchte D. Rodrigo da Cunha, Befehlshaber einer von Jofré de Loáisa ausgerüsteten Flotte, Zuflucht in einem catharinenser Hafen, wahrscheinlich Imbituba oder Laguna. Etwas später, im Oktober, war es Sebastião Caboto, Sohn des Entdeckers von Neufundland, der mit einer spanischen Expedition die Südküste von Florianopolis anlief. Seiner Frau Katharina Medrano, einer bösen Sieben zu Ehren, gab er der Ilha dos Patos (=Gänseinsel; so getauft von der Expedition D. Nunos) den Namen S. Catharina. Gegen Ende desselben Jahres oder Anfang 1527 wurde die Insel von der Flotte des Diego Garcia, ebenfalls in spanischen Diensten, besucht.

Als schließlich 1531 die große, für regelrechte Erkundung und endgültige Behauptung ausgerüstete Expedition des Martim Affonso de Souza bis zum Rio de la Plata vordrang, wählte auch sie nicht die fruchtbare und mit guten Häfen versehene Küste S. Catharinas, sondern weiter nördlich S. Vicente; allerdings wohl zum Glücke Brasiliens. Denn von S. Catharina aus hätten einige Jahrzehnte später die Kolonisten kaum dazu beitragen können, die Franzosen aus Rio de Janeiro zu vertreiben, so daß die territoriale Einheit des Landes wohl verloren gegangen wäre.

Da weder Pedro Lopes de Souza, Bruder des Martim Affonso, noch seine nächsten Erben sich bemühten, die ihm 1534 als Lehen zugefallene Capitania de S. Anna, d. h. fast das gesamte Küstenland S. Catharinas wirklich zu besiedeln oder auch nur durch einen Stützpunkt zu besetzen, blieb dieses, was es immer gewesen war, Zufluchtsort von Schiffbrüchigen und Seefahrern auf der Reise nach dem La Plata. Bemerkenswert ist die Expedition des Alvaro Nunes Cabeça de Vacca im Jahre 1541, der von der catharinenser Küste aus, den Kontinent bis an den Paraguay durchquerte und vor allem das von Juan de Salazar befehligte Unternehmen des Diego Sanabria, im Jahre 1549, weil es zur Gründung der ersten regelrechten Niederlassung auf catharinenser Boden — auf der Insel S. Francisco — führte, der freilich nur ein kurzes Dasein beschieden war, und weil an ihm wieder ein Deutscher, der Hesse Hans Staden teilnahm, der seine abenteuerlichen Erlebnisse in einer äußerst lehrreichen Reisebeschreibung niederlegte, die auch heute noch großen wissenschaftlichen Wert besitzt und unter den zahlreichen Illustrationen auch eine für jene Zeit sehr gute Karte der Insel S. Catharina enthält.

## 2. Erste Besiedlung.

Erst ein gutes Jahrhundert nach der Entdeckung der catharinenser Küste, gegen 1620, unternahmen die Jesuiten einen ersten Versuch, auf der Insel S. Catharina einen Missionsposten zu gründen, dem jedoch kein langes Leben beschieden war. Nach und nach wird es auch wohl der eine oder andere, darunter mancher Schiffbrüchige, gewagt haben, sich an der catharinenser Küste anzusiedeln.

1642 geben endlich auch Dokumente Kunde von einer ordnungsmäßigen Besiedlung. Es sind mehrere ausdrücklich als die ersten ihrer Art für diese Gegend erwähnte Landbewilligungen, durch die an Bewohner S. Paulos Grund und Boden auf der Insel S. Francisco verliehen wurde. Bald darauf

wurde ebendort eine Kapelle errichtet und schon gegen 1660 die neue Ansiedlung zur „Villa“ erhoben.

Wechselvoll war die Besiedlung der Hauptinsel, welche die Keimzelle für den heutigen Staat bilden sollte. Über den näheren Verlauf dieser Kolonisation ist noch wenig bekannt. Eine der Hauptfiguren des eigenartigen Gemeindewesens der Villa S. Paulo war um jene Zeit Francisco Dias Velho (geboren gegen 1622), der mit seinem 1645 verstorbenen gleichnamigen Vater mehr als einen Streifzug bis zum Süden S. Catharinas unternommen hatte. Es ist anzunehmen, daß er nach seiner Verheiratung wahrscheinlich 1647 auf S. Catharina Pflanzungen anlegte, die ihm für seine Streifzüge Proviant liefern sollten, wie es jene „Piraten des Urwaldes“ allerorts zu tun pflegten.

Es scheint, daß Francisco Dias Velho nach und nach mehrere seiner Leute auf der Insel ansiedelte und auch bald diesen, bald jenen seiner Söhne für einige Zeit dort verweilen ließ, und daß er selbst öfters nach dem Rechten sah. Da er das Land als äußerst fruchtbar erkannte, wie aus einem zufällig erhaltenen Briefe hervorgeht, faßte er schließlich den Entschluß, sich ganz auf der Insel niederzulassen. Die günstige Gelegenheit dazu kam 1678, als in S. Paulo die folgenreiche Expedition an den la Plata zwecks Gründung der Colonia do Sacramento vorbereitet und als deren südlichster Stützpunkt eben die Insel S. Catharina ausersehen wurde.

Schon damals offenbarte sich die außerordentliche Bedeutung der Insel als Stützpunkt allerersten Ranges für jedes militärische Unternehmen im Süden Brasiliens, sei es zum Angriff, sei es zur Abwehr. Es ist darum auch nicht zu verwundern, daß auf dem Wiener Kongress die Engländer alle Anstrengungen machten, sich in den Besitz der Insel S. Catharina zu setzen.

Fr. D. Velho unterstützte als einer der ersten aufs tatkräftigste jenes Unternehmen, und erbat und erhielt bedeutende Landbewilligungen sowohl auf der Insel wie auf dem gegenüberliegenden Festlande. Während nun die Expedition ihren Verlauf nahm, siedelte er sich mit seiner Familie, einigen Brüdern, Bekannten und zahlreichen Indianersklaven auf S. Catharina an, wo er Ende 1681 sich mit der Errichtung der „Povoação“ (Ansiedlung) beschäftigte, deren Name nach dem Titel der Kapelle: Nossa Senhora do Desterro sein sollte.

Alles verlief aufs beste, als es das Unglück wollte, daß 1687 ein englischer Pirat die Insel anlief. Dias Velho nahm, wie es seine Pflicht war, die Mannschaft gefangen, beschlagnahmte Schiff und Ladung und brachte sie als gute Prise nach Santos. Das sollte ihm zum Verhängnis werden; denn nach 2 Jahren überraschte der nämliche Seeräuber die junge Ansiedlung, schändete die Töchter des Gründers und tötete ihn selbst. Der Rest der Familie, durch Geld und gute Worte befreit, zog sich nach S. Paulo zurück. Einer seiner Söhne jedoch ließ sich in dem fast gleichzeitig gegründeten Laguna nieder.

Die junge Ansiedlung selber, die für mehrere Jahrzehnte ein kümmerliches Dasein fristete, obgleich noch immer Familien sich in ihr nieder-

ließen -so 1698 auf einmal 20-, hatte es nur ihrer großen strategischen Bedeutung zu verdanken, wenn sie sich im 18. Jahrhundert schließlich doch noch durchsetzte.

Folge des freilich mehr unbewußten, aber in der brasilianischen Geschichte um so bedeutungsvolleren Ausdehnungsdranges der kräftigen paulistaner Rasse, sowie der neuen, jetzt auf die endgültige Besetzung alles nördlich vom La Plata gelegenen Landes gerichteten Politik Portugals war die Besiedlung der südlichen Küste. Das dort gelegene Hafl „Lagoa“ oder „Laguna dos Patos“ war bis La Plata der einzige brauchbare Hafen und in Anbetracht des von dort nach Süden flachen Geländes, das beste Einfallstor in die mit unermeßlichen Herden bedeckte riograndenser Campanha. So kann es nicht verwundern, daß fast gleichzeitig mit der Insel S. Catharina auch die Laguna besiedelt wurde.

Nach einem verunglückten Versuch im Jahre 1684 führte Domingos de Brito Peixoto, ein angesehenener Bürger von S. Vicente, den von ihm schon seit lange gehegten Plan zwei Jahre später erfolgreich aus, indem er sich mit seinen zwei Söhnen Francisco und Sebastião, etlichen anderen Weißen und zahlreichen Sklaven in der Nähe der Mündung des Hafls niederließ. Nach den anfänglichen unvermeidlichen Schwierigkeiten und hartnäckigen Kämpfen mit den Indianern konnte er die neue Kolonie zu einer gewissen Blüte bringen, die nach seinem Tod auch unter der Verwaltung seines Sohnes Francisco andauerle. 1709 zählte die Niederlaßung etwa 50 Familien, die eine für jene Zeit rege Ausfuhr von Gemüse, gesalzenen Fischen und Fleisch nach Santos und Rio unterhielten.

Inzwischen hatte auch die Insel S. Catharina neuen Zuzug erhalten, so daß 1726 der Flecken zur Villa erhoben werden konnte. Auch sei noch bemerkt, daß der ganze Süden Brasiliens seit 1709 zu der damals von Rio de Janeiro losgelösten Capitania von S. Paulo gehörte.

## B. Bildung des Verwaltungsbezirkès S. Catharina.

Trotz der günstigen Lage an guten Häfen, hätten es die drei Villas S. Francisco, Desterro und Laguna schwerlich weiter gebracht als zahllose andere Ansiedlungen längs der brasilianischen Küste, und vor allem hätten sie sich sicher nicht zu einem eigenen Verwaltungsbezirk und späteren Staate S. Catharina entwickelt. Daß es dazu kam, hat seinen Grund in der seit Ausgang des 17. Jahrhunderts südwärts gerichteten Ausdehnungspolitik Portugals, deren unveränderliches Ziel der La Plata war.

Zur Schaffung einer besseren Verbindung zwischen São Paulo und der Campanha im Süden wurde von 1728 bis 1730 von der Mündung des Araranguá ein Weg bis Curityba eröffnet und in den folgenden Jahren teilweise verlegt und verbessert. 1738 legte man auf die Insel S. Catharina eine Garnison und befestigte deren Hauptpunkte. Im gleichen Jahr wurde von militärischen Gesichtspunkten ausgehend die Insel Santa Catharina von der Capitania S. Paulo losgetrennt und der von Rio gewissermaßen als Sub-Capitania angegliedert, eben weil von hier leichter Hilfe kommen konnte.

1742 wurde Laguna und 1748 S. Francisco von der Capitania S. Paulo losgetrennt.

Mit der Verteidigung des ganzen Gebietes wurde der Kommandant der Insel betraut. Aus dieser Kommandantur erwuchs die spätere Capitania sowie Provinz und der Staat S. Catharina. Ebenso wurden 1739 die ersten Formationen des später so berühmten Inselregimentes gebildet. In den Kriegen mit den Spaniern zeichnete es sich dermaßen aus, daß die Gegner ihm den Spitznamen „Barrigas-verdes“ (Grünbäuche, wegen der grünen Weste, die das Regiment trug) beilegte, eine Bezeichnung, die auch jetzt noch als populärer und ehrender Übername für den Catharinenser gang und gäbe ist.

Die militärische Besetzung der Insel erforderte aber auch friedliche Besiedelung, welche die Regierung in den Jahren 1748-52 mit Azorianern und Madirensern hauptsächlich auf der Insel und dem gegenüberliegenden Festlande, sowie bei Laguna erstmals durchführte.

Obwohl man darüber streiten kann, ob die vornehmlich an Fischerei gewöhnten Inselbewohner die besten Einwanderer darstellten — portugiesische Ackerbauer wären wohl vorteilhafter gewesen — so ist doch nicht zu leugnen, daß die neuen Ansiedler sich mit großem Fleiß an die Bebauung des fruchtbaren Landes machten, und daß das so besiedelte Gebiet raschen Aufschwung nahm.

Es kann nur bedauert werden, daß die Regierung, entgegen ihren freilich wohl kaum aufrichtigen Versprechungen, schon bald damit anfing, die jungen Siedler unter die Soldaten zu stecken, daß es ihr häufig beliebte, den Kolonisten ihre Produkte abzukaufen, dabei jedoch vergaß, den ausbedungenen Preis zu zahlen. Verderblich war ebenfalls das berüchtigte Dekret von 1785, das jegliche Industrie in Brasilien verbot, und durch welches allein auf der Insel und in der näheren Umgebung 585 Webstühle stillgelegt wurden! So kam nach den ersten Ansätzen einer verhältnismäßigen Blüte jene völlige Stagnation, aus welcher sich der größte Teil der luso-brasilianischen Bevölkerung S. Catharinas bis auf den heutigen Tag noch nicht erhoben hat.

Für die territoriale Geschichte S. Catharinas im 18. Jahrhundert sind noch folgende Tatsachen bemerkenswert. Um im aufstrebenden Süden mit seinen vielen unruhigen Elementen geordnete Rechtsprechung zu ermöglichen, wurde 1749 das ganze dem Kommandanten von S. Catharina untergeordnete Gebiet nebst dem südlich der Flüsse Negro und Iguassú zu einer eigenen Ouidoria (Landgerichtsbezirk) erhoben. 1760 wurde in dem inzwischen zur Villa erhobenen Presidio von Rio Grande eine von S. Catharina unabhängige und wie diese nur dem Capitão General von Rio de Janeiro untergeordnete Kommandantur errichtet. Eine Grenze zwischen beiden Bezirken wurde nicht festgelegt. Als solche setzte sich später, nach langem Schwanken, durch die Gewohnheit der Mambituba durch.

Der erste Kommandant, José da S. Paes (1738-48), energisch und weitsichtig, organisierte die militärische Verteidigung und leitete die Ansiedlung des ersten Kolonistentrupps. Die vorzüglichste Tätigkeit seines Nachfolgers, des Obersten Manoel Escudeiro de Souza (1748-53) war die Sorge für die Unterbringung der Hauptmasse der neuen Einwanderer (z. B. Gründung von S. José). Sein vernünftiger Gedanke, die Villa von der

Insel, wo sie stets mit der Schwierigkeit der Verbindungen zu leiden haben würde, auf das Festland zu verlegen, wurde in Lissabon verworfen, weil in Desterro schon Kirche, Lagerhäuser und Residenz — in Wirklichkeit höchst armselige Gebäude — vorhanden seien. Ihm folgte der hochfahrende Dom José de Mello Manoel (1753-62); er zwang die Kolonisten mit Gewaltmaßregeln zum Anbau von Baumwolle und führte das Verbannungsdekret der Jesuiten aus, sehr zum Schaden des Unterrichts, da die Vertriebenen wie überall in ihren Niederlassungen eine Schule — dazu die einzige am Ort — unterhielten.

Großen Aufschwung nahm auch die Walfischjagd, an die an mehr als einer Stelle der Küste der Name „Armação“ erinnert.

Sein Nachfolger war der Oberst Antonio C. de Menezes e Souza (1762-65). Dieser machte sich bald gründlich verhaßt durch die Härte, mit der er das Volk zum Frondienst an öffentlichen Arbeiten und zu militärischen Übungen zwang, was natürlich nur auf Kosten des Ackerbaues geschehen konnte. Zu seiner Entschuldigung muß allerdings gesagt werden, daß um diese Zeit die Spanier unter Zeballos tief nach Rio Grande hinein vorrückten und die Villa gleichen Namens besetzten.

Da der Krieg im Süden fort dauerte, glaubte sein Nachfolger, der Kavallerieleutnant Francisco de Souza de Menezes (1765-75), mit der Rekrutierung der jungen Burschen fortfahren und die Zahl der Befestigungen mehren zu müssen. Letzteres war grundfalsch, da die so zersplitterten Kräfte einem plötzlichen Angriff nicht widerstehen konnten, wie sich später zeigen sollte.

Um jene Zeit herum begann auch das catharinenser Hochland, auf dem sich bis dahin längs des Weges Curityba-Viamão einige Fazenden gebildet hatten, in den Bereich der staatlichen Ordnung und damit der Geschichte einzutreten. Beauftragt vom Governador von S. Paulo gründete 1767 der aus Portugal gebürtige Antonio Correa Pinto zwischen den Flüssen Canoas und Pelotas eine Ansiedlung, die nach dem in Platten auftretenden Sandstein „Lages“ genannt wurde. Das Land gehörte zwar nicht zu S. Paulo, da es südlich der Flüsse Negro und Iguassú lag; aber keine Proteste und Befehle waren imstande, die Gründung rückgängig zu machen, so daß sich die Regierung schließlich (1780) genötigt sah, als Grenze zwischen S. Paulo und Rio Grande den Pelotas festzusetzen. Ein Blick freilich auf die Karte genügt, um einzusehen, daß die Zugehörigkeit des bald zur Villa erhobenen Fleckens zu S. Paulo ökonomisch und administrativ ein Unsinn war. Obwohl Correa Pinto das wohl nicht begriffen haben mag, fühlte er dennoch bald, daß für das Bestehen und Gedeihen seiner Gründung eine direkte Verbindung mit der catharinenser Küste unumgänglich notwendig war, weswegen er 1771—73 einen Weg von Lages nach Laguna eröffnete.

Für die Insel S. Catharina, die damals einschließlich der Garnison gegen 9.000 Bewohner zählte, zogen schlimme Zeiten herauf. Als im Februar 1777 im Verlauf der Kämpfe zwischen Portugal u. Spanien die spanische Flotte unter Pedro Zeballos vor der Insel erschien, erlebte man das schimpfliche Schauspiel, daß sich die gesamte portugiesische Heeresmacht ohne einen Flintenschuß ergab! Kam auf diese Weise auch die Insel für



fast 1 1/2 Jahre unter spanische Herrschaft, so gelang es doch dem Feinde nicht, auf dem Festlande, einen kleinen der Insel gegenüberliegenden Streifen ausgenommen, Fuß zu fassen.

Infolge des Präliminarfriedens von S. Idefonso (1777) kam ein Jahr darauf S. Catharina an Portugal zurück. Die folgenden Governadores, Veiga Cabral (1778-79), Barros Homem (1779-86) und José Ferreira Pinto (1786-91) mußten naturgemäß ihr Hauptaugenmerk auf die Pflege des Ackerbaues richten. Außer Mandioca, dem wichtigsten Produkte, wurden auch Zuckerrohr, Kaffee, Tabak, Leinen, Weizen und Indigo angepflanzt. Die bedeutendste Tat war jedoch die Eröffnung eines Weges zwischen Desterro und Lages, wodurch einerseits den Bewohnern des Hochlandes geholfen und Handel und Verkehr der Insel gehoben und andererseits die unvermeidliche Angliederung jenes Gebietes an S. Catharina eingeleitet wurde.

1796 wurde die Bevölkerung von S. Catharina auf fast 25.000 Seelen geschätzt.

Gegen Ende 1800 kam als neuer Governador der Oberst Joaquim Xavier Curado, ein gebürtiger Brasilianer. Wie 1785 La Perouse, so genoß 1803 die Expedition Krusenstern, deren wissenschaftlicher Begleiter Langsdorff war, einige Tage im Hafen von Desterro herzliche Gastfreundschaft. Es existiert ein interessanter Bericht Langsdorff's über seine Eindrücke von S. Catharina. Nachfolger Curado's war der Leutnant Luiz M. de Silveira (1805—17). Unter seiner Verwaltung wurde S. Catharina von Rio de Janeiro getrennt und mit der 1807 neu errichteten Capitania von Rio Grande vereinigt.

Da wegen der kriegerischen Verwicklungen im Süden das Regiment der „Barrigas Verdes“ wieder dorthin marschieren mußte, wurde zur Ausfüllung der Lücken eine strenge Rekrutierung vorgenommen, weshalb Tausende von jungen Burschen und Männern (von 1806—17 waren es an die 11.000) nach Rio Grande und auf das Hochland flüchteten, sehr zum Schaden von S. Catharina. Kein Wunder, daß seine Bevölkerung trotz der großen natürlichen Vermehrung des azorianischen Menschengeschlechtes nur auf ungefähr 33.000 im Jahre 1813 gestiegen war.

Neben den 1815 entdeckten ausgezeichneten Thermalquellen des Cubatão wurde damals zum erstenmal ein Hospital errichtet. Vom 7. bis 26. Dezember 1815 weilte Adalbert von Chamisso als Begleiter der Romanzoffischen Entdeckungs-Expedition unter Kapitän Otto von Kotzebue in der Bucht von Santa Catharina. Er besuchte dabei Desterro und S. Miguel. Sein Tagebuch enthält eine kurze Schilderung seiner Eindrücke, dabei auch Bemerkungen über den Sklavenhandel. „Das Governement Santa Catharina bedurfte allein jährlich 5—7 Schiffsladungen Neger, jede zu hundert gerechnet, um die zu ersetzen, die auf den Pflanzungen ausstarben. Der Preis eines Mannes in den besten Jahren betrug 2—300 Piasjer“\*). Langsdorff erwähnt auch, daß Krusenstern 12 Jahre früher in São Miguel bei einem geborenen Preußen namens Adolph Gastfreundschaft genoß.

1818 wurde mit portugiesischen Fischern an der Bucht Garoupas die Niederlassung Nova Ericeira gegründet, die aber bald zugrunde ging. Die 1820 von Drummond begonnene Ansiedlung an der Mündung des Itajahy

\*) Piasjer = 360 rs.

fristete ein bescheidenes Dasein, bis die unter dem Kaiserreich einsetzende deutsche Einwanderung dem Unternehmen frisches Leben einflößte und es zur heutigen Blüte brachte.

Nachdem gegen 1818 S. Catharina durch Trennung von Rio Grande zur selbständigen Capitania erhoben worden war, wurde endlich auch 1820 dem ganz auf sich angewiesenen Hochlande durch Angliederung von Lages die Möglichkeit einer gedeihlichen Entwicklung geboten. Als 1822 die portugiesische Capitania sich nach der Unabhängigkeitserklärung in eine brasilianische Provinz umwandelte, zählte sie ungefähr 50.000 Einwohner davon gegen 5.000 in der Hauptstadt.

Am Ende unserer Wanderung angekommen, überblicken wir kurz das Gesehene, um den inneren Sinn und die unter der Oberfläche stets wechselnder Ereignisse verborgene Bedeutung des geschichtlichen Werdens unseres Staates bis zu jenem Zeitpunkte zu erkennen.

In einem Gebiet, das durch Jahrhunderte tatsächlich keinem der rivalisierenden Mächte Portugal und Spanien gehörte, das Wohnsitz der eingeborenen Indianer, Schauplatz rohen Kampfes zwischen paulistauer Sklavenjägern und ihren Opfern und Schlupfwinkel von Schiffbrüchigen, Abenteurern und allerlei verfehmtem Volk war, hatten die ungebrochene Tatkraft einiger Brasilianer, die aus hochpolitischen Notwendigkeiten sich ergebenden Zufälle, und die ungelenke, primitive Betriebsamkeit des „Ilheu“ ein Gemeinwesen geschaffen, dem ein mit allerlei Fortschrittskram verbrämtes, aber bis ins Mark verknöchertes und tyrannisches Regierungssystem vergeblich den Geist einzuhauchen versuchte, den es selbst nicht besaß. Wir sehen, wie ein Volk, seines innern Wertes dumpf bewußt, aber in geistiger und wirtschaftlicher Unmündigkeit gehalten, aus dem die freilich nicht ganz seltenen Ausnahmen nur mit unendlicher Mühe sich befreien konnten, unmöglich aus eigener Kraft sein von Gott wahrhaft gesegnetes Land in weniger als einem Jahrhundert zu einer Blüte und einem Aufschwung bringen konnte, die es jetzt, obwohl an Größe und Einwohnerzahl einer der kleinsten Staaten unseres Vaterlandes, an Bedeutung für den geistigen und materiellen Fortschritt Brasiliens unter den ersten erscheinen lassen.

Dies aber sollte erreicht werden durch die brüderlich einträchtige Zusammenarbeit der alten und der neuen Kolonisten. Und da nach dem Ausspruch des alten Geschichtschreibers die Staaten nur durch die Mittel erhalten werden, durch welche sie geschaffen wurden, so kann es für S. Catharina ein Blühen und Gedeihen nur geben im Zeichen des „Viribus Unitis!“

*P. Geraldo José Pauwels*

CHOR:

O Tochter du des Lichts! Land in der Schönheit Fülle!  
Gesegnet sei der Strahl, vor dessen Kraft die Hülle  
Von deinem nie erschöpften Reichtum fiel!  
Heil dir mein junges Vaterland,  
In dessen Schoß die Hoffnung Zuflucht fand!  
Heil dir, BRASIL!



## Die Ureinwohner von Santa Catharina. Die heutigen Reste derselben.

### A. Die Ureinwohner.

Es sei gleich bemerkt, daß weder die jetzigen Kaingangs und noch weniger die ausgerotteten Carijós die Ureinwohner S. Catharinas darstellen. Das beweisen unter anderem die „Sambaquis“, Muschelhaufen, die sich längs der ganzen Küste unseres Staates (aber auch weiter nach Norden hin) finden. Allein auf S. Francisco wurden noch vor 20 Jahren über 150 gezählt.

Zum Teil sind es richtige Hügel, an die 30 m hoch und mit einem Inhalt von ungefähr 40.000 m<sup>3</sup>. Einige sind natürlichen Ursprungs, von Küstenströmungen zusammengeschwemmt und, wo jetzt weiter vom Meer ab gelegen, den alten tertiären Verlauf desselben anzeigend.

Andere aber sind trotz gegenteiliger Meinungen ganz gewiß Erzeugnis menschlicher Tätigkeit. Nicht daß sie absichtlich errichtete Denkmäler wären. Sie entstanden einfach durch die Gewohnheit der damaligen Bewohner unseres Festlandes, zur Zeit des reichlichen Auftretens essbarer Muscheln, wie Austern, Miesmuscheln, Herzmuscheln usw. hordenweise an die Küste zu ziehen und dort an einem günstigen Punkte jahraus jahrein sich an dem Segen des Meeres gütlich zu tun und die Reste ohne viele Zeremonien an Ort und Stelle fortzuwerfen. So erklären sich auch ungezwungen die deutlichen Spuren von Schichtung, die man an den Sambaquis wahrnimmt. Es sind sozusagen Jahresringe, wenn auch nicht gerade jeder Schicht ein neues Jahr entspricht.

Auf die Frage, wer die Urheber der Sambaquis gewesen sein mögen gibt es noch keine sichere Antwort. Vermutlich waren es nicht die früher im Küstenland ansässigen und von den Tupis ins Innere verdrängten Tapuias (Gés), sondern gehörten sie einer diesen vorhergehenden Rasse an. Immerhin müssen sie doch, nach den erhaltenen Schädeln zu schließen, den Gés sehr nahe gestanden haben. Aus dem Umstand, daß die gefundenen Knochenreste häufig zertrümmert sind, hat man schließen wollen, sie seien Menschenfresser gewesen. Wohl mit Unrecht; denn jene Tatsache erklärt



sich ebenso gut ungezwungen durch die Einflüsse der Witterung und des hohen Druckes, denen die Knochen so viele Jahrhunderte hindurch ausgesetzt waren. Zudem finden sie sich, wenn mit Vorsicht ausgegraben, in ihrer natürlichen Lage zu einander.

In der Nähe mancher Sambaquis finden sich prähistorische Stationen, Schleifspuren, als Mörser dienende Aushöhlungen im Felsen, und richtige Werkstätten für allerlei Steinwerkzeuge; so neben dem großen Sambaqui in der Nähe des Sees Saguassú, dann bei dem der Cabeçudasspitze, eine andere am Ufer des Pirabeiraba im Munizip Joinville, usw. Das Volk gibt diesen Stationen den bezeichnenden Namen „Bugerschmiede“.

Außerdem finden sich in den Sambaquis Topfscherben, Faustkeile, Beile — roh zugehauene und polierte —, Pfeilspitzen, trapezförmige Netzbeschwerer; dazu zahlreiche Schmuckgegenstände, wie Wildschweinzähne, durchbohrte Scheibchen aus Knochen und Stein und durchbohrte Muscheln zum Aufreihen an einer Schnur.

Äußerst bemerkenswert sind die steinernen Schleuderkugeln — die nördlich von S. Catharina nirgendwo gefunden werden — und vor allem steinerne polierte Mörser in Gestalt von Tieren. Beide Funde sind wichtig, da sie eine Verbindung mit den in der argentinischen Pampa hausenden Ureinwohnern beweisen. Von jenen Mörsern aber dürfte feststehen, daß sie den kunstreichsten Besitz der Sambaquileute darstellen, wenn auch wegen der überaus großen Kluft zwischen der Kunst, die sie verraten, und dem primitiven Zustand ihrer Besitzer angenommen werden muß, daß sie ortsfremde Erzeugnisse sind. Die prächtigsten Exemplare, Vögel darstellend und aus Sambaquis südlich von Laguna stammend, sah ich in der Sammlung des H. Pfarrers von S. Joaquim. Minder vollkommen, aber immer noch hervorragende Leistungen, sind die drei Exemplare, die im Museum des von Jesuiten geleiteten Gymnasio Catharinense in Florianopolis zu sehen sind.

Über die Herkunft dieser sogenannten Zoolithen ist man geteilter Meinung. Einige nehmen an, die Vorfahren der Sambaquileute seien aus dem Westen, den Andenländern, gekommen, vertrieben von stärkeren Eindringlingen. Während ihrer jahrhundertlangen Wanderung nach Osten, durch unwirtliche Gegenden, in Horden zersplittert, seien sie immer mehr verroht und allmählich von einer relativ hohen Kulturstufe auf die in den Sambaqui-Resten sich offenbarende herabgesunken. Dabei hätten sie die Mörser aus der alten Heimat mitgenommen und auf ihre Nachkommen vererbt, ebenso wie die Idole, von denen ein Exemplar in einem Sambaqui von S. Paulo gefunden wurde, genau dieselbe Technik verratend wie jene Mörser. Sicher ist, daß die Ureinwohner des östlichen Südamerika, auch unsere Tupi-Guarani eine in der Kultur degenerierte Rasse darstellen. Gleichwohl ist schwer zu begreifen, wie so häufig und so energisch benutzte Instrumente wie Mörser, durch Jahrhunderte sich hätten erhalten können, und an dieser Schwierigkeit dürfte die ganze Erklärung, wenigstens für die Zoolithen, scheitern; es sei denn, daß es sich nicht um Mörser, sondern um Opferschalen handelt.

Andere Autoren sind der Ansicht, jene Gegenstände seien durch Tauschverkehr von den verhältnismäßig hochstehenden Andenvölkern zu den

primitiven Sambaquileuten gelangt. Tatsache ist, daß sowohl von der Küste S. Paulos wie von der S. Catharinas uralte Handels- oder Verbindungswege nach dem Gebiete des Grão Chaco führen, die auch von den ersten weißen Ansiedlern bezw. Reisenden benutzt wurden. Man erinnere sich nur an die fast unglaublich abenteuerliche Reise des Straubingers Ulrich Schmiedel, der 1552 von Assumpção über Land bis nach S. Vicente gelangte und an die gefährvolle Landreise der Begleiter Hans Stadens von der Insel S. Catharina aus nach Assumpção.

#### B. Die heutigen Reste der Indianerbevolkerung

Zur Zeit der Entdeckung Brasiliens war unsere Küste besetzt von den Carijós, zu den Tupis gehörig, welche die Tapuias oder Gés in das unwirtlichere Innere verdrängt hatten. Während wir über diese keinerlei Nachrichten haben, sind Natur und Lebensweise jener leidlich bekannt.

Die Carijós waren mehr oder minder sesshaft, wohnten in Dörfern, von denen einige der Insel S. Catharina, des benachbarten Festlandes und des Tubarão in Dokumenten erwähnt werden, und ernährten sich durch Jagd, Fischfang und teilweise vom Ertrag eines rudimentären Ackerbaues. Da sie friedfertigen Charakters waren — Menschenfresserei war ihnen unbekannt — und verhältnismäßig dicht zusammenwohnten, waren sie eine leichte Beute der paulistaner Sklavenjäger, so daß sie gänzlich ausgerottet wurden, im Gegensatz zu den Tapuias, von denen sich kümmerliche Reste bis auf den heutigen Tag erhalten haben.

Gegen 1800 hausten die Tapuias im ganzen Westen sowie auch im Osten des Hochlandes, wo sie die weißen Ansiedler dermaßen bedrängten, daß D. João schon im ersten Jahr seines Aufenthaltes in Brasilien eine Expedition gegen sie anordnen mußte. Auch der größte Teil des inneren Küstenlandes litt nicht wenig unter den häufigen Belästigungen durch die umherstreifenden Bugar, wie in S. Catharina die Indianer unterschiedlos genannt werden.

Über die Rothäute im Westen S. Catharinas und im Nordwesten Rio Grandes gibt wertvollen Aufschluß eine handschriftliche Karte, die 1843 Francisco de P. e Silva Gomes an den Visconde von S. Leopoldo schickte, um ihm die Vorteile eines neuen Weges von dem riograndenser Missionsgebiet nach Curitiba klar zu machen. So primitiv sie auch gehalten ist, so hat sie doch nicht geringen Wert, weil sie außer der Verteilung von Wald und Kamp auch die Lage der damaligen Indianertoldos angibt. Von den 8 Toldos lag einer an der linken Seite der Mündung des Chopim, ein anderer, unter dem Häuptling Caiefaiá, am rechten Ufer des Uruguay, unterhalb des Antasflusses. Die übrigen 6 lagen in Rio Grande.

Obwohl die Zahl der Bugar im Verlauf des 19. Jahrhunderts sich ständig verminderte, ließen ihre Angriffe auf die Weißen nicht nach, womit keineswegs gesagt werden soll, daß sie objektiv oder gar subjektiv immer Unrecht gehabt hätten. Hauptsächlich hatten darunter zu leiden die Viehzüchter im äußersten Osten des Hochlandes wo die Rothäute bald den Herden auf den entlegenen Kamps nachstellten — von jedem erlegten Stück Vieh schnitten sie die Spitze eines Hornes ab, um sie an einer Schnur aufzureihen, — bald die Serra Geral herabstiegen, um im

Küstenland Beute zu machen, wobei sie es vor allem auf eiserne Gegenstände abgesehen hatten, die sie zu Waffen verarbeiteten; aus Tafelmessern z. B. verfertigten sie zweischneidige Lanzenspitzen. Wie es scheint, war ihr Hauptzufluchtsort der Campo dos Padres an der Quelle des Canoas.

Das nahm jedoch ein Ende, als vor etlichen 20-30 Jahren auf letzterem Hochplateau mehrere Fazenden gegründet wurden, und gleichzeitig die Kolonisation im angrenzenden Küstengebiet immer mehr voranschritt. Im verflossenen Jahre (1822) waren es nur noch ungefähr 10 Individuen, zu den Coroados gehörig, die an den Quellen des Capivary und Braço do Norfe (Nebenflüsse des Tubarão) umherirrten. Nach Erkundigungen bei Kolonisten gebrauchten sie noch den Lippenpflock und die „Corôa“ (Tonsur nach Art der Franziskaner).

Es seien hier noch einige allgemeine Bemerkungen eingeflochten. Die Indianer S. Catharinas sind Kaingangs, die zu der großen Familie der Gés gehören. Wie alle Nicht-Tupis wurden auch sie von den Portugiesen unter dem Sammelnamen „Tapuias“ mit einbegriffen. Normalerweise wohnen sie in großen, mit Palmblättern bedeckten Hütten, aber nicht familien-, sondern hordenweise. Sie züchten Hühner; aber ihr Lieblingstier ist der Hund, der ewig mager und hungrig ist. Augenbrauen, Bart und alle Haare am Körper werden beseitigt. Die Männer sind völlig unbekleidet, während die Frauen einen Schurz tragen, verfertigt aus einem Tuche, das sie selber aus den Fasern der grossen Brennnesseln über den Knien weben. Die Leichen werden in der Erde bestattet, eingehüllt in ein Tuch, mit Stricken umschürt, das Gesicht zum Westen gewendet und die Waffen ihm zur Seite gelegt. Für die Feste stellen sie ein berauschendes Getränk aus gekautem Mais und Pinhões her, dem sie Honig zufügen.

Im Westen zwischen den Flüssen Chapecó und Chapecózinho wurden 1928 auf catharinenser Gebiet noch 521 Coroados gezählt und im angrenzenden paranaenser Munizip Palmas 360, nämlich 160 in dem fast ganz verfallenen Toldo von Lontras und 200 in den Campinas dos Indios. Unter den letzteren wohnen auch einige Guaranifamilien. Die Corôa ist nicht mehr in Gebrauch; die Männer verstehen und sprechen mit Fremden etwas portugiesisch, unter sich aber, wie die Frauen überhaupt, nur ihre eigene Sprache. Sie nehmen beständig ab durch Seuchen — Pocken, Grippe und Masern — und vor allem durch ihre unzählbare Trunksucht. Die Familien haben 2-3 Kinder, sehr selten 5-6. Jetzt sind sie gezwungenerweise friedlich. Aber vor nicht allzu langer Zeit dehnten sie ihre beständigen Raubzüge bis zur Serra Geral aus, in deren Nähe, am Abstieg der Serra do Espigão, sie zahlreiche „Tropas“ überfallen haben.

Eine dritte Gruppe, nach amtlichen Angaben etwa 450 an der Zahl, wahrscheinlich aber bedeutend weniger, haust in den Wäldern des Nordarms des Itajahy (Rio Hercilio). Es sind sogenannte Botocudós, — weil sie einen Lippenpflock (botoque) tragen —, die jedoch mit den eigentlichen Botokuden in den Wäldern des nördlichen Espirito Santo nichts zu tun haben. Vielmehr sind sie, trotz aller Feindschaft mit den Coroados, mit diesen eng verwandt, wie die Sprache beweist. Nach ihren eigenen Angaben verstanden sie vollkommen einen gefangenen Coroado, der es bei ihnen sogar zum Anführer

brachte. Ihre Waffen sind ein an die 2 m großer, mit starken Baumfasern umwickelter Bogen, eine mit breiter Blattspitze versehene, etwa 1,6 m lange Stoßlanze und eine ebenso lange aus härtestem Holz verfertigte, vierkantige Keule.

Die Regierung hat ihnen einen ausgedehnten Landstrich am Nordarm als Reservation überwiesen und wenigstens die jüngeren in der Umgegend des Posto Duque de Caxias mit einigem Erfolg anzusiedeln versucht.

Und die Zukunft dieser kärglichen Reste der früheren Bewohner oder, wie andere wohl minder richtig sagen, Besitzer unseres Landes?

Die 881 noch im vergangenen Jahre festgestellten „Buger“ des westlichen Sertão werden innerhalb weniger Jahrzehnte verschwunden sein, wobei Seuchen, Trunksucht, geringe Kinderzahl und Vermischung mit den weißen Bewohnern als Ursachen wirken dürften. Gleiches Schicksal erwartet die Botokuden des Nordarms, für die noch als erschwerender Umstand hinzukommt, daß sie auf ausgezeichnetem Land mitten zwischen zwei mit außergewöhnlicher Expansionskraft ausgestatteten Kolonisationszentren eingeklemmt sitzen, nämlich Itayópolis mit den Polen im Norden, und Blumenau mit den Deutschen und Italienern im Süden.

*P. Geraldo José Pauwels*



## Erzählungen des Indianerdolmetschers Jeremia über seine Erlebnisse unter den Botokuden.

Abschnitt aus dem noch ungedruckten Werk:  
„AM LAGERFEUER“ von José Deeke.

Diese Erzählung verdient besonderes Interesse, weil sie eine Schilderung der Sitten und Gebräuche der „Buger“ enthält.

Als mich vor vielen Jahren die Buger raubten, war ich noch ein kleiner Junge von etwa sechs bis sieben Jahren.

Meine Erinnerung geht auch genau nur bis an den Unglückstag, an welchem mich die Wilden raubten, zurück. Von früher weiß ich nicht mehr viel. Nur daß ich Eltern hatte, mit denen ich in dem Häuschen wohnte, das die Buger überfielen, ist mir erinnerlich. Jedoch habe ich die näheren Umstände später von den ehemaligen Nachbarn meiner Eltern erfahren. Demnach war dieser Bugerüberfall einer der grausigsten, die es je gegeben. Die Wilden ermordeten an dem Tage eine ganze Anzahl Familien, darunter meine Eltern, plünderten und brandschatzten die Häuser und töteten das Vieh. Warum sie mich mitnahmen und nicht auch töteten, wie die anderen Kinder, ist mir nie ganz klar geworden.

Dunkel erinnerlich ist mir noch, wie mich die Wilden mit in den Wald schleppten. Als wir im Lager der Wilden ankamen, wurden wir mit furchtbarem Freudengeheul von den alten Weibern und Kindern, die dort zu-

rückgeblieben waren, empfangen. Ich wurde nicht gleich bemerkt, denn zuerst hatte man vollauf mit dem Auspacken der bis oben gefüllten Körbe zu tun, welche die jüngeren Weiber mitbrachten. Man muß nämlich wissen, daß die Mehrzahl der Wilden, welche man bei solchen sogenannten Ausbrüchen beobachtet hat, und welche man gemeinhin durchweg für Männer hält, in Wirklichkeit Frauen sind. Da die beiden Geschlechter dieselbe Haarfrisur tragen, im übrigen aber sozusagen vollständig nackt gehen, sind sie von weitem gar nicht zu unterscheiden. Es ist das aber leicht, wenn man weiß, daß die Männer bei solchen Ausfällen nur mit Waffen, niemals aber mit Körben versehen sind, während die Weiber wiederum keinerlei Waffe, sondern nur ihre Tragkörbe haben, wohinein sie das gestohlene Gut packen, sobald die Krieger die Weißen getötet oder verjagt und die Häuser erbrochen haben.

Auf einmal trat ein älterer, furchtbar häßlicher Mann auf mich zu. Es war der „Pataema“, der bei den Wilden die Stelle eines Priesters und Medizinmannes zu gleicher Zeit versteht. Nachdem er mich mit dem Blick eines wilden Tieres sekundenlang angestarrt, fing er plötzlich an mich mit der Faust auf die Brust zu schlagen. Die ersten zwei, drei Schläge ertrug ich standhaft. Als er aber fortfuhr, meine kleine Brust mit seinen großen Fäusten zu bearbeiten, schrie ich laut auf vor Schmerz. Darauf schien die ganze Gesellschaft gewartet zu haben; denn während vorher gelegentlich der „Untersuchung“, verhältnismäßige Ruhe geherrscht hatte, brachen jetzt bei meinem Aufschreien diese ungeschlachteten Menschen in ein allgemeines infernales Gelächter aus, und dieses Freudengeheul wiederholte sich, so oft mich der „Pataema“ durch allerhand andere Manipulationen, welche er noch an mir vornahm, zum Aufschreien brachte.

Als mich endlich der Pataema losgelassen hatte, bemächtigten sich die Kinder meiner. Zuerst zerrten sie nur an mir herum, aber dann wurden sie frecher. Sie ritzen mich mit ihren Schneidinstrumenten und kitzelten mich mit den Spitzen ihrer kleinen Pfeile, und dabei konnte man es den lüsternen Augen ansehen, daß sie gar zu gern einmal an mir versucht hätten, ob sie auch schon imstande seien, ein Bleichgesicht in die ewigen Jagdgründe zu befördern.

Und wer weiß, ob sie schließlich nicht Ernst gemacht hätten, wenn nicht auf einmal der Häuptling für mich eingetreten wäre. Als er einige barsche Worte an die mich mißhandelnden Jungen richtete, stoben sie sofort nach allen Seiten hin auseinander. Dann wandte der Häuptling den Blick auf mich und sah mich lange, wie mir schien prüfend, aber nicht übelwollend an. In seiner unmittelbaren Nähe standen seine drei Weiber, welche sich von Zeit zu Zeit an ihn schmiegen.

Auf einmal reckte er sich hoch, legte den Arm um die jüngste und hübscheste seiner Frauen, und als diese beglückt zu ihm aufblickte, sprach er lange auf sie ein.

Die junge Frau, — sie hieß mit ihrem Rufnamen „Kruro“, und ich nannte sie in der Folge „Mutter“, — kam dann auf mich zu, und indem sie mich gütig ansah, nahm sie mich auf den Arm und drückte und tätschelte mich. Und ich, der ich mich noch eben vor der Berührung der anderen

Weiber gefürchtet und gewehrt hatte, empfand auf einmal an der jungen Frau ein Gefühl des Geborgenseins, das mich veranlaßte, meine Ärmchen um ihren Hals zu klammern und mein Köpfchen fest bei ihr anzuschmiegen.

Das schien der ganzen Gesellschaft zu imponieren, und es erhob sich ein lautes Beifallsgemurmel. Meine Pein aber hatte damit ein Ende, denn ich galt jetzt als Häuptlingssohn, und meine neue Mutter litt es nicht, daß ich noch irgendwie mißhandelt wurde. Sie gewann mich mit der Zeit wirklich so lieb, als ob ich ihr eigenes Kind gewesen wäre, und ich verehrte sie aufs innigste.

Natürlich hat sie mir dann später auch erzählt, was damals, ehe sie sich meiner annahm, zwischen ihr und dem Häuptling verhandelt wurde. Der letztere hatte demnach auf einmal Gefallen an mir gefunden, und da ihm seine eigenen Söhne nicht geeignet schienen, einst an seine Stelle zu treten, beschloss, mich an Kindesstatt anzunehmen. Da er mit Kruro, seiner Lieblingsfrau, keine Kinder besaß, so hatte er sie gebeten, die Mutterstelle bei mir zu übernehmen, und sie hatte sich aus Liebe zu ihm dazu bereit gefunden. Diesen Entschluß muß man der Frau um so höher anrechnen, wenn man bedenkt, daß der Wilde den Weißen nicht als Mitmenschen betrachtet, sondern ihn wie irgend ein ekelhaftes Geschöpf verachtet.

Als der Akt meiner „Adoption“ vorüber und der Abend hereingebrochen war, gab man sich dem üblichen Lagerleben hin. Die geraubten Sachen wurden verteilt, und es ging an das Braten des mitgebrachten Fleisches.

Hoch loderten die Lagerfeuer, und dazwischen und rund herum führten die Wilden von lautem Gejohle begleitete Tänze auf. Als ich am nächsten Morgen erwachte, war es bereits spät am Tage, aber trotzdem schlief alles noch, und als ich mit Grausen die Begebnisse des vergangenen Tages überdachte, kam mir auf einmal der Plan, zu entfliehen. Es wäre gut gegangen, denn alles schlief und niemand achtete auf mich. Aber wohin? Ich hatte keine Ahnung, wohin ich hätte laufen sollen, um aus dem Urwald herauszukommen. Selben Tags noch wurde das Lager aufgehoben, und es ging etwa eine Tagesreise waldeinwärts, wo neue Ranchos aufgestellt wurden. Und so ging es dann Tag für Tag, immer weiter in das Dunkel des unermeßlichen Urwaldes hinein.

Die Tagesmärsche sind im allgemeinen sehr kurz. Dies hat verschiedene Gründe. Erstens lieben es die Wilden absolut nicht, sich zu überanstrengen. Verhältnismäßig früh am Tage wird halt gemacht, damit noch genügend Zeit bleibt, die Ranchos aufzustellen und — was die Hauptsache ist — die nötigen Nahrungsmittel zu beschaffen. Wenn man bedenkt, daß diese Wilden ausschließlich Waldnomaden ohne irgendwelche Viehzucht oder Landkultur sind und folglich in des Wortes vollster Bedeutung „von der Hand in den Mund“ leben, dann wird man leicht begreifen, daß die Beschaffung der Nahrung oft seine Schwierigkeiten haben muß und die unfreiwilligen Fasttage bei den Indianern sehr häufig sind.

Einen Hauptbestandteil der Nahrung liefern dem Indianer die wilden Bienen, deren es ja im Urwald viele Arten gibt. Die Wilden haben ein großes Geschick, die Nester auch in den höchsten Bäumen aufzufinden und

auszunehmen. Sie genießen nicht nur den Honig, sondern halten sich auch an der Brut und dem Bienenbrot schadlos.

Erst in zweiter Reihe kommt die Jagd, und die Erträge derselben hängen dann auch noch von dem Umstand ab, ob man Hunde besitzt oder nicht. Der Hund ist nämlich das einzige Haustier, welches die Indianer halten. Aber da sie die Tiere schlecht pflegen und auch durch die Raubtiere viel einbüßen, so sterben sie ihnen oft ganz aus, und sie müssen dann, bis sie gelegentlich eines Ausbruchs wieder in den Besitz solcher kommen, selber Jagdhund spielen. Das ist aber gar nicht so leicht, und mit ihren primitiven Waffen gelingt es ihnen nicht allzuoft, größere Beute zu machen. Den Fischfang kennen sie sonderbarer Weise gar nicht und kommen dadurch um ein reichlich vorhandenes und leicht erreichbares Nahrungsmittel. Warum sie den Fisch nicht essen, konnte ich nie erfahren. Sie finden es eben gerade so ekelhaft, Fisch zu genießen, wie die Weißen es finden würden, wenn sie Holz- und andere Maden, Zecken (Carapatos) und sogar ganz gewöhnliche Kopfläuse verspeisen sollten, während diese Dinge für die Wilden Leckerbissen sind.

Was mich anbelangt, so kann ich nicht gerade sagen, daß es mir recht leicht geworden ist, mich an die Indianerkost zu gewöhnen, denn abgesehen von den erwähnten Leckerbissen, genießen sie mit Vorliebe stinkendes Fleisch, und bei besonderen Festlichkeiten brauen sie ein „Spuckbier“, welches zu trinken zuerst absolut kein Genuss ist, wenn man die Zubereitung beobachtet hat. Aber der Mensch gewöhnt sich an alles, hauptsächlich wenn er noch Kind ist und so hatte ich in kürzester Frist und zur Freude meiner Adoptiveltern, alle Gewohnheiten des Stammes angenommen, und die Indianersprache war mir nach dem Verlauf von drei Monaten geläufig.

So waren wir monatelang weitergezogen, und zwar nicht immer geradeaus, denn wir kreuzten öfter Pfade, welche wir schon vorher gegangen, auch hielten wir uns manchmal längere Zeit in einem Lager auf. Da kamen wir eines Tages an einen größeren Fluß, welcher von allen mit Jubel begrüßt wurde. Ein geräumiges Lager wurde hier angelegt, und an einem etwas unterhalb einmündendem Seitenfluß ging es an die Herrichtung von Antentranqueiras; denn nach den vielen Spuren, welche sich an dem Flußufer fanden, konnte man auf einen guten Jagdertrag rechnen.

Diese Antentranqueiras wurden an den Hauptpässen der Tapire in kurzen Abständen voneinander angelegt und bestanden aus von den beiden Uferseiten in den Fluß hineingehauenen Bäumen, so daß die Tiere, wenn sie in den Fluß gejagt waren, trotz ihrer Taudkunst weder nach oben noch nach unten entweichen konnten und von den Indianern, welche sich an den Ufern und auf den Tranqueiras aufstellten, so lange hin und hergejagt wurden, bis es gelang sie vermittlels der Axt, der Lanze oder auch durch einen Pfeilschuß zu erlegen.

War auf diese Art so ein Tier erlegt, dann gab es ein großes Fest, welches in der Regel solange anhielt, wie das Fleisch der Ante ausreichte. Das war allerdings nicht allzulange; denn die dreißig Personen, aus welchen unsere Tribus bestand, vertilgten ganz unmäßige Mengen Fleisch, wenn sie es hatten, so daß es gewöhnlich, nach dem Fest verschiedene Kranke, —



einfach „Überfressene“ gab. Ja sogar Todesfälle kamen vor. Da es an dem Platz viel Anten und auch anderes Wild gab, so wurde hier der Aufenthalt viele Wochen lang ausgedehnt.

Als die Gegend um den Lagerplatz vollständig ausgebeutet war, überquerten wir den Fluß und gelangten in zerklüftetes Gebirgsgebirge. Bald merkte ich, daß es mit der Marschrichtung eine besondere Bewandnis haben mußte, denn des öfteren hörte ich zu, wenn der Häuptling mit den ältesten Männern Kriegsrat hielt. Auch sah ich oft, wie sie an der Reife von Früchten, an der Blüte von Sträuchern und Bäumen das Herannahen eines gewissen Zeitpunktes, welcher für sie wohl von großer Wichtigkeit sein mußte, feststellten. Aber ich konnte vorerst nicht begreifen, um was es sich handelte, und wenn ich meine Pflegemutter fragte, dann antwortete sie nur kurz, es finde etwas ganz „Großes“ statt, und dabei machte sie ein freudig frommes Gesicht wie ein strenggläubiger Christ, wenn er vom jährlichen Patronatsfest seiner Stadt oder Ortschaft spricht.

Nach einiger Zeit kamen wir in ein prächtiges Gelände, wo große Pinienwälder standen, und hier war der Platz, welchem man seit Wochen zustrebte. Aber trotzdem man nun am Ziel war, schienen die Indianer doch nicht ganz zufrieden zu sein. Sie sprachen leise und ernst untereinander, und wenn einzelne Krieger, die der Häuptling dann und wann nach allen Himmelsrichtungen aussandte, zurückkehrten und verneinende Botschaft brachten, dann senkten alle traurig die Köpfe.

Doch eines Tages änderte sich das. Man hatte sich früher als sonst erhoben, — die nächtlichen Feiern waren der gedrückten Stimmung halber schon seit längerer Zeit ausgefallen, — und man wollte sich gerade verteilen, um der gewohnten Tagesbeschäftigung nachzugehen. Da ertönte plötzlich in der Ferne ein langgedehnter menschlicher Ruf. Jetzt waren meine Tribusgenossen auf einmal wie ausgewechselt. Sie erhoben ein lautes Freudengeschrei und die jüngsten Krieger sprangen in den Wald hinein, dem Rufer entgegen.

Es war eine andere Tribus der Botokuden, welche herangezogen kam, um sich mit der unsrigen zu vereinigen. Sie zählte ungefähr gerade so viel Köpfe wie wir, jedoch schien sie keinen Häuptling zu haben, da vom Augenblick der Ankunft an der unsrige über sie gebot.

Nun entfaltete sich ein reges Leben. Ein großartiger Lagerplatz wurde angelegt und mit einer Art Verteidigungslinie umgeben, die zum Teil aus Fallgruben, zum Teil aus dichtem Verhau bestand. Im Laufe der Tage kamen noch andere Tribus heran und mit jedem Zuwachs wurde der Jubel grösser. Schließlich ging man sogar daran, Fässer aus Baumstämmen auszuhauen, um darin in größerem Maßstabe ein aus Honig und gekautem Mais — denselben hatte eine Tribus von einem eigens dazu ausgeführten Überfall mitgebracht — zusammengesetztes „Spuckbier“ zu bereiten.

Wenn ich übrigens vorhin sagte, daß die erste Tribus, welche zu uns stieß, keinen Häuptling hatte, so habe ich mich da eigentlich nicht richtig ausgedrückt, denn sie hatte doch einen solchen; er stand nur nicht so hoch wie der unsrige, und seine Autorität war nur in Kraft, sobald er mit seiner Tribus außerhalb des Hauptlagers war. Ich erfaßte den ganzen Zusammenhang eben erst nach und nach, trotzdem eigentlich alles sehr einfach



war. Unser Häuptling war das Oberhaupt eines großen Zweiges der Botokuden. Da er sich aber mit seinen ganzen Untergebenen zusammen an einer Stelle nicht halten können, so hatte er dieselben in eine Anzahl Gruppen verteilt, welche unter Unterhäuptlingen ihre eigenen Wege zogen. Auf solche Art konnten sie sich besser ernähren. Alljährlich kamen dann alle an einem im Vorjahre bestimmten Platz zusammen und feierten dort das große „Verbrüderungsfest“.

Das Fest kam heran. Der Häuptling ließ die Jungen, welche im vergangenen Jahre die Pubertät erreicht hatten, antreten und verkündete ihnen und dem ganzen Lager, daß nunmehr die Zeremonien ihren Anfang nehmen würden. Als der Häuptling geendet, brauste lauter Jubel durch das Lager. Man deckte die Bierfässer auf und begann mit dem Trinken. Das Bier, welches nebenbei gar nicht so übel schmeckt und durch den Honigzusatz ziemlich alkoholhaltig ist, wirkte bei den Indianern sehr schnell, und bald befand sich alt und jung in seliger Stimmung.

Am meisten wurde den jungen Kriegerkandidaten von dem berausenden Getränk eingetrichtert, und als sie gegen Mittag in den Zustand der Sinnlosigkeit gekommen waren, wurde die Lippendurchlochung vorgenommen und ein Lippenpflock, der sogenannte „Botoque“, nach welchem diese Indianer Botokuden genannt werden, eingesetzt. Die Prozedur ist übrigens gar nicht so einfach, denn die Lippe wird nicht etwa vermittels eines scharfen Instruments durchschnitten, sondern das Loch wird mit einem stumpfen Pfriemen aus Holz förmlich gebohrt, was solche Schmerzen verursacht, daß die Patienten oft trotz ihres trunkenen Zustandes laut aufheulen.

Als die Prozedur vorüber war, kannte der Jubel keine Grenzen mehr und es wurde ununterbrochen gezecht und getanzt. Am Abend aber suchte man verhältnismäßig früh das Lager auf und schlief bis spät in den nächsten Morgen hinein.

Am nächsten Tage, als man sich vom Lager erhob, war alles recht still und bedrückt. Der Hauptgrund der Traurigkeit der Weiber und der Nachdenklichkeit der Männer war ein besonderer. Der Hauptakt des Verbrüderungsfestes stand bevor, nämlich — um das Wort in unsere Sprache zu übersetzen: — „die Neukonstituierung der Familien.“ Dieser Akt nahm seinen Anfang damit, daß sich die ganze erwachsene Lagergesellschaft nach den Geschlechtern gesondert zusammenstellte. Einen Kreis von der Größe einer kleinen Stube ließ man frei, davor stand der Häuptling, rechts von ihm die Männer, links die Weiber.

Als so alles aufgestellt war, mußten zuerst die Tags zuvor gepflöckten Jünglinge — es waren nur wenige — in den Kreis treten. Die Lippen wurden noch einmal darauf untersucht ob die Pflocke auch richtig saßen, Dann versah sie der „Pataema“ mit verschiedenen Zeichen auf Brust und Kinn, welche er vermittels schwarzer Holzkohle ausführte, und die neuen Krieger wurden dem Kriegerkreis zugewiesen.

Sobald die jungen Krieger den freien Kreis verlassen und unter die alten getreten waren, mußten die Mädchen, welche im vergangenen Jahre die Pubertät erreicht hatten, antreten. Mit ihnen wurden nicht so viel

Umstände gemacht, sie wurden nach einer kurzen Ansprache des Häuptlings in der Front der Weiberabteilung aufgestellt.

Als dann der Häuptling erklärte, daß nun die Neukonstituierung der Familien vor sich gehen solle, und er selbst den Anfang machen werde, erreichte die Spannung ihren Höhegrad. Es herrschte eine Totenstille, wie man eine solche in einem Indianerlager gar nicht für möglich hält. Am meisten aufgeregt war Kruro, meine Pflegemutter — sie zitterte am ganzen Körper und hing mit flehenden Augen an dem Gesicht des Häuptlings. Der aber wieder hatte seine Augen auf die jungen Mädchen gerichtet, sie der Reihe nach musternd und als er sich für die hübscheste, namens „Mendosa“ entschieden, rief er sie zu sich, legte den Arm um sie, und erklärte sie zu seiner ersten Frau.

Als zweite Frau rief er Kruro. Bei der dritten zögerte er etwas. Es fiel ihm offenbar schwer zwischen den beiden älteren zu wählen. Aber endlich mußte er sich doch entscheiden und die Frau, auf welche seine Wahl fiel, sprang mit einem Freudenschrei auf ihn zu.

Der Jammer der Verschrämten war natürlich groß, aber sie war entschieden eine kluge Frau, denn anstatt zu wehklagen, oder gar zu schimpfen, fand sie einen Ausweg, um der Männerlosigkeit zu entgehen. Sie sprang vor und flehte den Häuptling mit gerungenen Händen an: „O großer Häuptling, du wolltest mich nicht mehr zur Dienerin haben und das ist dein gutes Recht; aber, o Häuptling, laß mich nicht allein ohne Mann dastehen, bestimme mich einem deiner Krieger zur Dienerin.“

Das imponierte dem Häuptling und auch das Gros der Krieger murmelte Beifall.

„Weil du so geduldig meinen Entscheid hingenommen“, sprach er zu der Frau, „und ich niemals undankbar an dir handeln möchte, bestimme ich dir den jungen Krieger Matambá zum Manne.“

Die Frau konnte zufrieden sein, hatte sie doch einen recht guten Tausch gemacht, indem sie aus der nicht sehr beneidenswerten Stellung einer dritten Frau des alternden Häuptlings in die Arme eines jungen feurigen Kriegers kam. Und dieser Krieger brauchte auch nicht zu klagen; denn daß ein junger Mann ein junges Mädchen zur Frau bekommt, ist bei den Boto-kuden überhaupt immer ausgeschlossen. Die alten, einflußreichen Krieger beanspruchten die neu aufblühenden Knospen für sich. Die jungen Krieger bekommen die ganz alten Weiber, welche die anderen nicht mehr mögen.

Nach dem Häuptling kamen die anderen Krieger, immer zuerst die ältesten und einflußreichsten daran, ihren „Familienbestand“ zu erneuern; aber das Verfahren war ganz verschieden, da manche überhaupt keine Veränderung wünschten. Die jungen Mädchen waren natürlich zuerst „vergriffen“, denn die älteren Krieger tauschten sie entweder gegen ihre alten Frauen aus, oder sie nahmen sie unter Beibehaltung des früheren Familienbestands als zweite Frau an; denn drei Frauen leistete sich nur der Häuptling. Nachdem so alle alten Krieger ihre Familien neukonstituiert hatten, wurde der Rest der Frauen an die frisch gepflöckten Krieger vergeben; da diese aber nur je eine Frau haben sollten, so blieben noch immer drei alte Weiber übrig.

Nachdem die Neukonstituierung der Familien abgeschlossen, gab man sich noch bis zum Abend und die halbe Nacht hindurch dem Festtaumel hin. Am nächsten Morgen aber begann die Auflösung des großen Lagers, indem die verschiedenen Gruppen wieder gesondert in alle Himmelsrichtungen hinauszogen.

Nun begann wieder das eintönige Leben wie vorher. Monatlang zogen wir in tiefster Wildnis dahin, ohne daß das Alltagsleben durch irgendwelche Begebenheiten unterbrochen worden wäre. Eines Tages kreuzten wir eine Landstraße, einen Lasteselweg, welcher das Hochland mit dem Küstengebiet verband.

Wir waren ziemlich nahe an weiße Siedlungen gekommen, und ich hatte öfter Gelegenheit gehabt, wenn ich an höheren Bergen Bäume erklimmen, um Bienennester auszunehmen, in der Ferne Lichtungen und dazwischen hingesät die Kolonistenhäuser zu sehen. Da hatte mich eine Sehnsucht nach meiner früheren Lebensweise und nach meinen verlorenen Lieben erfaßt und ließ mir das Indianerleben, in welches ich mich bisher über die Maßen gut hineingefunden hatte, wieder recht verabschiedungswürdig erscheinen.

Dieser Abscheu, welcher mich gegen mein jetziges Leben ergriffen hatte, mehrte sich noch, als ich bemerkte, daß meine Gefährten wieder einen Überfall auf weiße Ansiedler planten. Aber ich konnte nichts dabei machen, denn um hinauszufließen in die Siedlung, um die Ansiedler zu warnen, fühlte ich mich noch nicht stark und kundig genug. Die Wilden hätten sicher bald meine Flucht bemerkt, mich verfolgt und eingeholt. Und selbst wenn es mir gelungen wäre hinauszukommen, — wie wäre wohl der Empfang bei meinen weißen Landsleuten gewesen? Sah ich doch in meinem Nacktkostüm und mit den verschnittenen Haaren gerade so aus, als ob ich ein rechter Buger sei. Und schließlich tat es mir auch leid, meine Pflegemutter, die mir so viel Liebe erwiesen, zu verlassen.

Eines Abends brachte ein spät heimkehrender Krieger die Nachricht mit, daß die „Caecés“ in der Nähe seien. Ich hatte keine Ahnung, was das Wort bedeutete, denn die Wilden unter sich nannten sich sonst nur „Brüder“ und „Schwestern“; alle anderen Menschen waren „Cocolés“. Von den Caecés, was soviel heißt wie „Freunde“, hatte ich noch nie etwas gehört. Dabei fiel es mir noch ganz besonders auf, daß man vor diesen Freunden eine recht große Furcht zu haben schien; das merkte ich aus den Unterhaltungen der Krieger, aus den ängstlichen Gesichtern der Weiber.

Schließlich gelang es mir, durch die Erklärungen meiner Pflegemutter und aus den Unterhaltungen der Krieger einen Einblick in das Volksleben der Botokuden zu gewinnen. Doch klingt dabei manches so unklar und sagenhaft, daß man es kaum glauben möchte.

Demnach wäre der Stamm der Botokuden ein großes Volk, welches vor Urzeiten auch feste Niederlassungen gehabt hat. Als aber die weißen Eindringlinge näher und näher gerückt und die Jagdgründe spärlicher geworden seien, habe man sich entschließen müssen, auseinanderzugehen. Nur der König sei mit einer Gruppe am alten Wohnplatz geblieben, die anderen habe er in verschiedene große Abteilungen geteilt und sie, nachdem er jeder

Gruppe einen Häuptling aus der Königsliste bestellt, nach allen Richtungen in die Urwälder hinausgeschickt, damit sie sich dort besser ernähren und gleichzeitig das Vordringen der Weißen aufhalten könnten.

Die erste Zeit habe man noch alljährlich und später in größeren Zeitabständen „Verbrüderungsfeste“ am Königshof abgehalten, bei welcher Gelegenheit nicht nur die Pflöckung der Jungen und die Neugestaltung der Familien sondern auch Veränderungen in den Häuptlingsstellen stattgefunden haben sollen, wodurch man lange Jahre eine einheitliche Sprache und Gleichheit in Sitten und Gebräuchen behalten habe.

Aber mit der Zeit seien durch das immer nähere Heranrücken der Weißen die Zusammenkünfte erschwert worden; auch seien einige Gruppen abtrünnig geworden, da sie die Häuptlingswürde nicht mehr vom König abhängig wissen wollten. Auch zwischen den einzelnen Abteilungen oder Zweigen sei es zu Streitigkeiten gekommen, wodurch mit der Zeit eine dauernde Entfremdung zwischen den verschiedenen Stammzweigen eingetreten sei, so daß sich jetzt jeder Zweig für selbständig und die Stellung seines Häuptlings für die höchste betrachtet.

Der Zweig, dessen Annäherung eben gemeldet worden war, stand, wenn im Laufe der letzten Jahre nicht eine Änderung eingetreten war, unter dem Häuptling „Großer Fuß“ und war sehr zahlreich. Der „Große Fuß“ sollte ein wüster, gewaltätiger Mensch sein, der aus diesem Grunde vor vielen Jahren mit unserem Häuptling, der den Namen „Klares Wasser“ führte, einen bösen Auftritt gehabt hatte, welcher beinahe bis zu einem förmlichen Krieg zwischen den beiden Stämmen geführt hätte.

Nun wußte man nicht recht, hatte der „große Fuß“ vergessen, wie es bei „Klares Wasser“ der Fall war? — Oder wartete der erstere vielleicht darauf, mit starker Kriegerschar dem ihm mit nur einer schwachen Tribus entgegentretenden „Freund“ einen Denkkettel zu geben? — Denn daß der „Große Fuß“ viel Leute um sich hatte, konnte man aus den Rauchsäulen der Lagerfeuer in der Ferne feststellen, während unsere Tribus den anderen Zugehörigen unseres Zweiges viele Tage — ja vielleicht Wochenreisen voraus war und infolgedessen gänzlich isoliert dastand.

Unser Häuptling hatte nun wirklich Häuptlingsorgen.

Aber schließlich gab sich alles von selbst, denn während der Häuptling sich noch den Kopf zerbrach, was er tun solle, erklang plötzlich aus nächster Nähe eine tiefe klangvolle Stimme: „Bruder „Klares Wasser“, heißest du mich nicht willkommen?“

Der Angerufene sprang entsetzt auf. Aber nur einen Moment dauerte seine Bestürzung, dann heuchelte er die größte Freude, und waffenlos in der Richtung, aus welcher die Stimme gekommen, in den Wald springend, rief er: „Willkommen mein geliebter Bruder! O welche Freude bereitet mir der „Große Fuß“, daß er mich in meinem armseligen Lager besucht!“

Auch die Krieger waren aufgesprungen und umringten nun mit lauten Ausdrücken der Freude die beiden Häuptlinge, als dieselben aus dem Wald heraus auf den freien Lagerplatz traten.

Und das war gut. Wehe, wenn man nur das geringste Mißtrauen oder gar Feindseligkeit gezeigt hätte, dann wäre es um die Männer unserer Tribus geschehen gewesen. Denn der „Große Fuß“ hatte zu seinem Besuch nicht weniger als vierzig schwerbewaffnete Krieger mitgebracht. Nun war die Gefahr natürlich vorbei und die „Freunde“ ließen sich mit unseren Kriegern lachend und scherzend an unseren Lagerfeuern nieder. Übrigens konnte ich dabei beobachten, daß die Sprache der „Freunde“ schon in vielem von der unsrigen verschieden war. Meine Pflegemutter aber belehrte mich, daß das noch gar nichts sei; es gäbe andere Stammzweige, mit welchen man sich kaum noch verständigen könne, so habe sich die Sprache im Laufe der Jahre verändert.

Nunmehr ging das Besuchen zwischen unserer Tribus und den verschiedenen Gruppen des „Grossen Fußes“ los, außerdem wurden Boten ausgesandt, um alle Tribus unseres Zweiges nach hier zu rufen.

Als unsere Tribus im Laufe der Wochen herangekommen waren, ging es an große Unternehmungen. Beinahe täglich wurden bald an der einen bald an der anderen Stelle Ausfälle auf die Ansiedlungen unternommen, und man lebte nun in Saus und Braus.

Die guten Erfolge der Wilden machten sie immer unternehmungslustiger. Sie blieben, ganz gegen ihre sonstige Gewohnheit, wochen- und monatelang am selben Platze und beschloßen zuletzt sogar, das nächste „Verbrüderungsfest“ hier selbst gemeinschaftlich abzuhalten.

Aber die Rächer der ermordeten Weißen schliefen auch nicht. Und als das große vereinigte Lager, nach dem ersten Freudentag in tiefem Schlummer lag, kam plötzlich eine weiße Jägerschar heran und sprang, die Gewehre abschießend, in das Lager hinein. Die Wilden, durch die Flintensalve zu Tode erschreckt, sprangen auf und flohen in den Wald hinaus; das heißt, die Männer und die Weiber, welche nur ein Kind, oder gar keins hatten. Diejenigen Frauen jedoch, welche mehrere kleinere Kinder besaßen und dieselben nicht so schnell fortbringen konnten, warfen sich zur Erde und baten um Gnade. Die weißen Sieger aber gaben kein Pardon. Sie hieben Weiber und Kinder nieder; denn, sagten sie, dieses Mord- und Raubgesindel sei nicht wert, daß man irgend welches Mitleid mit ihnen habe. Man müsse es ausrotten und zwar von Grund auf.

Auch meine Pflegemutter wollte fliehen, doch wollte sie mich durchaus mithaben. Ich jedoch hielt den Zeitpunkt für gekommen, die indianische Gefangenschaft abzuschütteln. Ich hielt mich an einem Randoständer fest und während Kuro mich fortwährend beschwor, mit ihr zu gehen und an mir zerrte, suchte ich die wenigen Brocken portugiesisch hervor, welche ich noch behalten hatte, und schrie den weißen Männern entgegen, daß ich ihr Landsmann und nur von den Wilden geraubt sei und daß sie mich nicht töten möchten und dergleichen mehr.

Aber an Kuro, meine treue Pflegemutter, welche mir ihre ganze Liebe gegeben, mich gehegt und gepflegt hatte, dachte ich in der Verwirrung nicht, ich Undankbarer. Den Weißen kann man es deshalb gar nicht verdenken, wenn sie glaubten, mich von ihr befreien zu müssen. Aber als sie von einer Kugel ins Herz getroffen und mit einem letzten liebevollen

und doch auch vorwurfsvollen Blick auf mich zusammensank, da begriff ich, was ich angerichtet und laut aufweinend warf ich mich auf den Körper der Entseelten.

Aber es half nun alles nichts mehr. Die Weißen nahmen die Waffen, Bogen, Pfeile und Lanzen, welche die wilden Krieger in ihrem Schrecken sämtlich an den Ständern hatten stehen lassen, machten ein Teil traggericht, um es als Beweis ihres Erfolges mitzunehmen, während alles andere verbrannt wurde. Die Leichen blieben einfach liegen. Ich bat und bettelte zwar, wenigstens Kruro zu begraben, aber die weißen Jäger lachten und sagten, dazu hätten ja nachher die braunen Hallunken selber Zeit genug.

Und so zog ich denn mit den weißen Jägern waldauswärts, wobei uns die Wilden, der gefürchteten Flinten wegen freilich in der gehörigen Entfernung, noch lange verfolgten. Sie konnten uns ihrer Waffenlosigkeit halber nichts anhaben, und die weißen Jäger amüsierte es nur, wenn sie das Gejammer und das Geschimpfe in der Ferne hörten. Mir aber ging es durch und durch, wenn ich das „Klare Wasser“ rufen hörte: „Gefundenes Kind du Sohn der Cocolés, du Feind und Verräter, der du sogar deine Mutter mordetest, kehre zurück und büße mit deinem Blute, was du uns angetan!“



zeigt. Terra desconhecida (Unerforschtes Gebiet). Der vorzügliche Boden dieses Gebietes aber und sein unvergleichliches Klima bieten die Gewähr, daß die Zeit nicht fern ist, wo auch hier, nachdem der Anfang so vielversprechend gemacht ist, Ordnung und Fortschritt ihren Einzug halten und Menschenfleiß und Intelligenz die noch jungfräuliche Wildnis in gesegnete Fluren verwandeln werden. Sagt doch der H. Herr Pater Padberg, S. J.: „Wenn es ein Paradies gibt auf Erden, so ist dieses das Hochland im Staate S. Catharina.“ Und dieser vorzügliche Kenner unseres Landes sagte damit nicht zu viel. Aus diesem Paradies kann aber auch eine Kornkammer werden, denn der Weizen liefert hier reichliche Ernten, und so kann dieses Gebiet berufen sein, nicht nur die Fleischtöpfe der Großstädte, sondern auch ihre Brotkammern reichlich zu füllen.

Wir Brasilianer deutscher Abkunft aber dürfen sagen, daß wir neben den Italienern den größten Anteil haben an diesem Werke, und daß wir es waren, die zuerst die Axt anlegten, um diese Wälder und Wildnisse der Kultur zu erschließen.

Diese lachenden Fluren, diese hübschen Dörfer und Stadtplätze mit ihrem lebhaften gewerblichen Treiben, ihren Schulen, Kirchen und Kapellen, von denen schon da und dort die Glocken klingen und mit ihrem ehernen Munde den Anbruch einer neuen Zeit verkünden, sind zum größten Teile unser Werk, sind die Erfolge unseres Fleißes, der Preis unserer Mühe, den uns niemand streitig machen kann. Und das neue Geschlecht, das hier heranwächst, wird weiter wirken, weiterschreiten in der Richtung, die ihm das Beispiel der Väter gegeben zum Wohle und zur Ehre unserer großen, schönen und so zukunftsreichen Heimat Brasilien.

*Adolf Ringwald*

### Die Kolonie Porto Feliz

Wer den Rio Uruguay bei Marcellino Ramos kennt, der ahnt schon etwas von den gigantischen Ausmaßen, die dieser majestätische Strom in seinem weiteren Verlauf annimmt. Bis vor wenigen Jahren gab es kaum jemanden, der über den Uruguay zwischen Nonohay und der argentinischen Grenze Aufschluß geben, geschweige denn ein einigermaßen klares Bild von der Fruchtbarkeit der angrenzenden Ländereien entwerfen konnte. Schon von altersher war der Uruguay die Sehnsucht der riograndenser Bauern. Leider hat der Staat Santa Catharina lange Zeit nicht den Wert seiner Ländereien im äußersten Westen an der argentinischen Grenze erkannt. Einen Dornröschenschlaf schloß dieses reiche, keinen Schimmer von Kultur zeigende Gebiet und wartete auf seine Erweckung.

Im Dezember des Jahres 1919 brachen von Nonohay aus einige Deutsche und Österreicher, unter ihnen die Herren Friedrich Kreiser, Hermann Flad, Adolf Stangler, Anton Honaiser und Hermann Faulhaber auf, um mit zwei provisorisch zusammengenanagelten Canoas uruguayabwärts zu fahren und sich die zwischen dem Rio Chapecó und dem Rio Peperý-Guassú im Staate Santa Catharina gelegenen Ländereien anzusehen. Unter großen

Schwierigkeiten wurde die Reise auf dem sämtlichen Teilnehmern unbekanntem Flusse durchgeführt und der Entschluß reifte, einen größeren Komplex in dieser Gegend zur Kolonisation, sowie für industrielle Ausbeutung zu erwerben.

Die Kolonisationsgesellschaft Empreza Chapecó-Pepery Ltda. wurde gegründet und der Leiter des Kolonisations-Unternehmens Dr. Hermann Meyer in Neu-Württemberg, Hermann Faulhaber, auch zum Direktor des neuen Unternehmens berufen. Lange zogen sich die Verhandlungen bezüglich des Ländererwerbs hin. Erst am 29. April 1924 wurde der Vertrag über die 13000 Kolonien zwischen Rio das Antas und Pepery-Guassú, der die endgültige Regelung der Angelegenheit besiegelte, in Rio de Janeiro unterzeichnet.

Schon 1922 begann die Vermessung der ersten Kolonien und der ersten Stadtplätze. Der Zugang zum Kolonisationsgebiet war damals nur über Wasser in mehrstündiger Fahrt vom Rio da Varzea aus möglich.

Kaum war mit den Arbeiten begonnen worden, da fielen auch schon die ersten Schatten auf das junge Unternehmen. Im Dezember 1922 begann die erste Revolutionszeit und sollte beinahe das ganze Jahr 1923 hindurch andauern, sodaß zeitweise jegliche Verbindung zwischen der Kolonie in Porto Feliz und der Direktion in Neu-Württemberg monatelang unterbunden war.

Unter diesen Umständen wanderten die ersten Kolonisten, Rio-Grandenser und Reidsdeutsche, erst im Februar 1924 ein. Die Zuwanderung setzte jedoch so stark ein, daß die jetzt mit Hochdruck und mit mehreren Landmessern fortgeführten Messungsarbeiten nicht so rasch weiter gehen konnten, wie das Land an die Kolonisten verkauft werden mußte.

Aber erneut gingen im November 1924 Revolutionsgerüchte um und hemmten die begonnene Kolonisation. Tatsächlich erschienen revolutionäre Truppen im Januar 1925 unter Führung des Coronel Prestes. In kurzem Abstand folgten die legalen Truppen unter Coronel Claudino Nunes Pereira. Die Vorräte an Lebensmitteln waren rasch aufgebraucht und das Gespenst des Typhus, begünstigt durch mangelhafte Ernährung, Unreinlichkeit der durchziehenden Truppen und viele liegen gebliebene Kadaver, die die Luft und das Wasser verseucht hatten, drohte in beängstigendem Maße um sich zu greifen.

Wenn auch Revolution und Krankheit die Entwicklung der Kolonie vorübergehend fast ganz zum Stillstand brachten, so hatten sie doch wenigstens den Erfolg, daß die riograndenser Staatsregierung die Notwendigkeit des Baues einer direkten Zufahrtsstraße nach Porto Feliz einsah und der Empreza Chapecó-Pepery Ltda. die mehrmals erbetene Erlaubnis zum Bau dieser Straße endlich erteilte. Sofort wurden die Arbeiten in Angriff genommen, der Bau nach Möglichkeit beschleunigt, sodaß am 28. Januar 1926 unter ungeheurer Begeisterung der Bevölkerung die ersten Autos in Porto Feliz festlich empfangen werden konnten. Damit war der für den Personen und Frachtverkehr umständliche und unzulängliche Wasserweg endgültig ausgeschaltet und Porto Feliz an das Straßennetz von Rio Grande do Sul angeschlossen.



Am selben Tage, dem 28. Januar 1926 kamen auch die seit Monaten zwischen Direktor Faulhaber und dem Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul geführten Verhandlungen bezüglich des Verkaufs eines größeren Landkomplexes mit dem Stadtplatz Porto Novo zum Abschluß. Der Anfang zu einer heute blühenden und rasch aufstrebenden Kolonie war geschaffen.

Trotz der durch die beginnende katholische Kolonisation eingetretenen scheinbaren Förderung der Kolonie Porto Feliz und trotz größter Opfer der Teilhaber der Empreza Chapecó — Peperý, Ltda., war das Unternehmen an der Grenze seiner Leistungsfähigkeit angelangt. Direktor Faulhaber selbst, durch die vielen Schicksalsschläge, die das Unternehmen in den wenigen Jahren getroffen hatten, geschwächt, in seiner Nervenkraft durch geistige Ueberanstrengung erschüttert, hielt den Kampf um die Ideale des begonnenen Werks für verloren und die ihm anvertrauten Kapitalien seiner Teilhaber für gefährdet. Die letzte Kraft war in dem zermürbenden Kampf um die Weiterführung des Unternehmens aufgezehrt, sodaß er einem hinterrücks überraschend gegen ihn geführten Vorstoß nicht mehr standhalten konnte und am 8. Juli 1926 freiwillig aus dem Leben schied.

An seiner Stelle übernahmen die Herren Adolf Stangler und Friedrich Kreiser die Leitung der Gesellschaft; aber kaum hatten diese die Kolonisation mit sicherer Hand einige Monate weitergeführt, als zum dritten Male im November 1926 revolutionäre Banden unter Leonel Rocha den Fortgang der Besiedelung aufs schwerste schädigten. Aber trotz aller Hindernisse erlahmte die Kolonisation nicht, rasch wuchs das Vertrauen wieder, und die so lange erhoffte tatkräftige Unterstützung von Seiten des Staates sollte auch nicht mehr auf sich warten lassen.

Seit November 1928 hat Porto Feliz mit dem Namen „Mondahy“ eine Station des Bundestelegraphen und der Bundespost. Eine Telegraphenlinie nach Passo, Bormann ist bereits im Betriebe, und die Linie nach Baracão, an der Grenze des Staates Santa Catharina mit Paraná und Argentinien, sowie die Linie Porto Feliz (Mondahy) — Porto Novo (Itapyranga) sind im Bau. Außerdem baut die Bundesregierung z. Z. eine breite Autostraße von ca. 170 km Länge vom Stadtplatz Porto Feliz nach Baracão. In kurzem soll ferner das Munizip. Chapecó geteilt und der Stadtplatz Porto Feliz der Sitz des neuen Munizips „Mondahy“ werden.

Hand in Hand mit der Regierungsschule am Stadtplatz bemühen sich die Schulen des Deutschen Schulvereins und die Fortbildungsschule um die Ausbildung der heranwachsenden Jugend. Der im Jahre 1924 gegründete Männergesangsverein zählt heute schon beinahe 100 Mitglieder. Außerdem hat Porto Feliz eine starke evangelische Kirchengemeinde und seit kurzem auch eine Gemeinde der Missourysynode.

Ende April d. J. hatten die Porto Felizer die Freude, den Staatspräsidenten Herrn Dr. Adolpho Konder in ihrer Mitte beherbergen zu dürfen. Dem Weitblick und der Tatkraft desselben und seines verehrten Bruders, des Verkehrsministers Herrn Dr. Victor Konder, ist es in erster Linie zu danken, daß die Bundesregierung und die Staatsregierung ihr Augenmerk ganz besonders auf den Ausbau der Verkehrswege im westlichsten Teil des

Staates gerichtet haben, sodaß Porto Feliz und Porto Novo neben den bestehenden wirtschaftlichen Beziehungen mit Rio Grande do Sul und Argentinien in Bälde auch in wirtschaftlicher Verbindung mit dem Staate Santa Catharina arbeiten können zum Wohle der Entwicklung des ganzen Staates.

In diesem Jahre können die Kolonisten schon eine Tabakernte von ca. 60000 kg. exportieren. Die Ausfuhr von Früchten, wie Ananäs, Bananen, Orangen und Bergamotten hat bereits im kleinen begonnen und wird von Jahr zu Jahr weiter ausgedehnt. Ein wichtiges Ausfuhrprodukt wird in naher Zukunft auch der Kaffee werden, nachdem die ersten Versuche mit dem Anbau desselben ausgezeichnete Ergebnisse zeitigten.

Da die Kolonisation nun im besten Gange und der Zuzug aus den alten Koloniezonen stetig geworden ist, sind auch die Grundlagen für industrielle Betriebe gegeben. Die Zahl der Schneide- und Mahlmühlen, deren es bis heute in Porto Feliz und Porto Novo zusammen 6 gibt, wird sich rasch vergrößern.

So hat sich heute nach nunmehr zehnjährigem wechselvollem und schicksalsschwerem Ringen die Kolonie Porto Feliz durchgesetzt und kann einer gesicherten Zukunft entgegenblicken.

Auch sie ist ein Werk deutscher Tatkraft und deutschen Wagemutes.

*Erich Schild*

820

### Dat Gold up de Stroote

In den 60er Jahren schrieb in Theresopolis ein strammer, kräftiger Westphale an einen von seinen Verwandten; er möge nur sofort nach Brasilien kommen; denn da liege das Gold auf den Straßen. Darauf kam dieser. Beide wohnten nun in Rio Novo. Eines Tages gingen sie zusammen zur Mühle in Theresopolis. Ein jeder hatte ein Säckchen Mais auf dem Nacken. So ging es durch die holprige Pikade, im Gänsemarsch. Nun hatte der Sack vom Prahler, der vorausging, ein Loch und bei jedem Schritt fiel ein gelbes Maiskorn heraus. Da erinnerte sich der Nachfolgende an den Brief, den der andere ihm nach Deutschland geschrieben hatte, und er rief:

„No kick ä an, in Brasilien ligg dat Gold up de Stroote!“ Der andere wandte den Kopf nach der Seite und sagte barsch: „Dat madt's woll männen!“

825

**ANEXO B**

**RECORTES DE TEXTOS ORIGINAIS**



Die Insel S. Catharina — Holzschnitt aus dem  
Buch von Hans Staden

## Santa Catharina im Jahre 1549

Die nebenstehende Reliefkarte stammt aus dem Werke Hans Stadens, „Wahrhaftige Beschreibung eyner Landtschafft der wilden, nacketen, grim- migen Menschenfressertheuten in der neuen Welt America gelegen“ (1557). Hans Staden, ein gebürtiger Hesse, machte eine Reise (1547) in portu- giesischen und eine (1549) in spanischen Diensten, auf welcher letzterer er nach Santa Catharina kam. Er erzählt, wie das Schiff durch Sturm verschlagen wurde und nach der Insel Sta. Catharina gelangte, ohne daß es die Seefahrer wußten. Sie trafen Eingeborene und einen Spanier, namens Juan Ferdinando aus Bilbáo. Von den 3 Schiffen der Flotte ging eines auf hoher See verloren, das andere traf nach 3 wöchigem Aufenthalte Stadens auf S. Catharina ein, sank aber im Hafen. Das Schiff, auf dem sich Staden befand, war zu klein, um den Transport beider Mannschaften wagen zu können. Die Besatzungen waren nun 2 Jahre an die Insel gefes- selt. Hungersnot und die Feindseligkeiten der Wilden, welche nur solange freundlich waren, als sie beschenkt wurden, zwangen dazu, daß ein Teil die Reise nach dem La Plata zu Land unternahm, wobei viele zu Grunde gingen. Der Rest, darunter Staden, fuhr nach São Vincente, um dort ein neues größeres Schiff, zu bemannen, doch litten sie vor dem Ziele Schiffbruch. Hans Staden kann als erster Deutscher angesprochen werden, der überlieferungsmäßig den nachmaligen Staat Sta. Catharina betreten hat.

## Santa Catarina no ano de 1549

O mapa ao lado faz parte da obra de Hans Staden “*A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens situados no Novo Mundo da América*”<sup>1</sup> (1557). Hans Staden, natural de Hessen, fez viagens a serviço de Portugal (1547) e Espanha (1549), sendo que nessa última chegou a Santa Catarina. Ele narra como o navio foi desviado pela tempestade, chegando à ilha de Santa Catarina sem que os marinheiros percebessem. Eles encontraram nativos e um espanhol chamado Juan Ferdinando de Bilbáo<sup>2</sup>. Dos três navios da frota, um foi perdido em alto mar, outro chegou quando Staden já se encontrava em Santa Catarina há três semanas, mas afundou no porto. O navio de Staden era muito pequeno para arriscar o transporte de duas tripulações. Assim, os tripulantes ficaram presos na ilha por dois anos. Maltratados pela fome, hostilizados pelos selvagens, amigáveis enquanto presenteados, foram razões que fizeram com que uma parte da tripulação assumisse uma viagem por terra em direção ao Rio da Prata, na qual muitos acabaram perecendo. Os demais, dentre eles Staden, seguiram para São Vicente para a partir dali ocuparem um navio maior, porém sofreram naufrágio antes de alcançar o objetivo. Pela ótica de legado histórico, Hans Staden pode ser considerado o primeiro alemão a pisar em terras do Estado posteriormente nomeado Santa Catarina.

---

<sup>1</sup> Tradução acima conforme consta no original.

“A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens” - tradução de Pedro Suessekind ref. ao livro de Hans Staden, Rio de Janeiro: Dantes, 2004. Quinta edição.

<sup>2</sup> Cidade situada na Espanha.

primitiven-Sambaquileuten gelangt. Tatsache ist, daß sowohl von der Küste S. Paulos wie von der S. Catharinas uralte Handels- oder Verbindungswege nach dem Gebiete des Grão Chaco führen, die auch von den ersten weißen Ansiedlern bezw. Reisenden benutzt wurden. Man erinnere sich nur an die fast unglaublich abenteuerliche Reise des Straubingers Ulrich Schmiedel, der 1552 von Assumpção über Land bis nach S. Vicente gelangte und an die gefährvolle Landreise der Begleiter Hans Stadens von der Insel S. Catharina aus nach Assumpção.

### B. Die heutigen Reste der Indianerbevölkerung

Zur Zeit der Entdeckung Brasiliens war unsere Küste besetzt von den Carijós, zu den Tupis gehörig, welche die Tapuias oder Gés in das unwirtlichere Innere verdrängt hatten. Während wir über diese keinerlei Nachrichten haben, sind Natur und Lebensweise jener leidlich bekannt.

Die Carijós waren mehr oder minder sesshaft, wohnten in Dörfern, von denen einige der Insel S. Catharina, des benachbarten Festlandes und des Tubarão in Dokumenten erwähnt werden, und ernährten sich durch Jagd, Fischfang und teilweise vom Ertrag eines rudimentären Ackerbaues. Da sie friedfertigen Charakters waren — Menschenfresserei war ihnen unbekannt — und verhältnismäßig dicht zusammenwohnten, waren sie eine leichte Beute der paulistaner Sklavenjäger, so daß sie gänzlich ausgerottet wurden, im Gegensatz zu den Tapuias, von denen sich kümmerliche Reste bis auf den heutigen Tag erhalten haben.

Gegen 1800 hausten die Tapuias im ganzen Westen sowie auch im Osten des Hochlandes, wo sie die weißen Ansiedler dermaßen bedrängten, daß D. João schon im ersten Jahr seines Aufenthaltes in Brasilien eine Expedition gegen sie anordnen mußte. Auch der größte Teil des inneren Küstenlandes litt nicht wenig unter den häufigen Belästigungen durch die umherstreifenden Buger, wie in S. Catharina die Indianer unterschiedslos genannt werden.

Über die Rothäute im Westen S. Catharinas und im Nordwesten Rio Grandes gibt wertvollen Aufschluß eine handschriftliche Karte, die 1843 Francisco de P. e Silva Gomes an den Visconde von S. Leopoldo schickte, um ihm die Vorteile eines neuen Weges von dem riograndenser Missionsgebiet nach Curityba klar zu machen. So primitiv sie auch gehalten ist, so hat sie doch nicht geringen Wert, weil sie außer der Verteilung von Wald und Kamp auch die Lage der damaligen Indianertoldos angibt. Von den 8 Toldos lag einer an der linken Seite der Mündung des Chopim, ein anderer, unter dem Häuptling Caiefaiá, am rechten Ufer des Uruguay, unterhalb des Antastflusses. Die übrigen 6 lagen in Rio Grande.

Obwohl die Zahl der Buger im Verlauf des 19. Jahrhunderts sich ständig verminderte, ließen ihre Angriffe auf die Weißen nicht nach, womit keineswegs gesagt werden soll, daß sie objektiv oder gar subjektiv immer Unrecht gehabt hätten. Hauptsächlich hatten darunter zu leiden die Viehzüchter im äußersten Osten des Hochlandes, wo die Rothäute bald den Herden auf den entlegenen Kamps nachstellten — von jedem erlegten Stück Vieh schnitten sie die Spitze eines Hornes ab, um sie an einer Schnur aufzureihen, — bald die Serra Geral herabstiegen, um im

Weiber gefürchtet und gewehrt hatte, empfand auf einmal an der jungen Frau ein Gefühl des Geborgenseins, das mich veranlaßte, meine Armden um ihren Hals zu klammern und mein Köpfchen fest bei ihr anzuschmiegen.

Das schien der ganzen Gesellschaft zu imponieren, und es erhob sich ein lautes Beifallsgemurmel. Meine Pein aber hatte damit ein Ende, denn ich galt jetzt als Häuptlingssohn, und meine neue Mutter litt es nicht, daß ich noch irgendwie mißhandelt wurde. Sie gewann mich mit der Zeit wirklich so lieb, als ob ich ihr eigenes Kind gewesen wäre, und ich verehrte sie aufs innigste.

Natürlich hat sie mir dann später auch erzählt, was damals, ehe sie sich meiner annahm, zwischen ihr und dem Häuptling verhandelt wurde. Der letztere hatte demnach auf einmal Gefallen an mir gefunden, und da ihm seine eigenen Söhne nicht geeignet schienen, einst an seine Stelle zu treten, beschloss, mich an Kindesstatt anzunehmen. Da er mit Kruro, seiner Lieblingsfrau, keine Kinder besaß, so hatte er sie gebeten, die Mutterstelle bei mir zu übernehmen, und sie hatte sich aus Liebe zu ihm dazu bereit gefunden. Diesen Entschluß muß man der Frau um so höher anrechnen, wenn man bedenkt, daß der Wilde den Weißen nicht als Mitmenschen betrachtet, sondern ihn wie irgend ein ekelhaftes Geschöpf verachtet.

Als der Akt meiner „Adoption“ vorüber und der Abend hereingebrochen war, gab man sich dem üblichen Lagerleben hin. Die geraubten Sachen wurden verteilt, und es ging an das Braten des mitgebrachten Fleisches.

Hoch loderten die Lagerfeuer, und dazwischen und rund herum führten die Wilden von lautem Gejohle begleitete Tänze auf. Als ich am nächsten Morgen erwachte, war es bereits spät am Tage, aber trotzdem schlief alles noch, und als ich mit Grausen die Begebnisse des vergangenen Tages überdachte, kam mir auf einmal der Plan, zu entfliehen. Es wäre gut gegangen, denn alles schlief und niemand achtete auf mich. Aber wohin? Ich hatte keine Ahnung, wohin ich hätte laufen sollen, um aus dem Urwald herauszukommen. Selben Tags noch wurde das Lager aufgehoben, und es ging etwa eine Tagesreise waldeinwärts, wo neue Randhos aufgestellt wurden. Und so ging es dann Tag für Tag, immer weiter in das Dunkel des unermesslichen Urwaldes hinein.

Die Tagesmärsche sind im allgemeinen sehr kurz. Dies hat verschiedene Gründe. Erstens lieben es die Wilden absolut nicht, sich zu überanstrengen. Verhältnismäßig früh am Tage wird halt gemacht, damit noch genügend Zeit bleibt, die Randhos aufzustellen und — was die Hauptsache ist — die nötigen Nahrungsmittel zu beschaffen. Wenn man bedenkt, daß diese Wilden ausschließlich Waldnomaden ohne irgendwelche Viehzucht oder Landkultur sind und folglich in des Wortes vollster Bedeutung „von der Hand in den Mund“ leben, dann wird man leicht begreifen, daß die Beschaffung der Nahrung oft seine Schwierigkeiten haben muß und die unfreiwilligen Fasttage bei den Indianern sehr häufig sind.

Einen Hauptbestandteil der Nahrung liefern dem Indianer die wilden Bienen, deren es ja im Urwald viele Arten gibt. Die Wilden haben ein großes Geschick, die Nester auch in den höchsten Bäumen aufzufinden und

auszunehmen. Sie genießen nicht nur den Honig, sondern halten sich auch an der Brut und dem Bienenbrot schadlos.

Erst in zweiter Reihe kommt die Jagd, und die Erträge derselben hängen dann auch noch von dem Umstand ab, ob man Hunde besitzt oder nicht. Der Hund ist nämlich das einzige Haustier, welches die Indianer halten. Aber da sie die Tiere schlecht pflegen und auch durch die Raubtiere viel einbüßen, so sterben sie ihnen oft ganz aus, und sie müssen dann, bis sie gelegentlich eines Ausbruchs wieder in den Besitz solcher kommen, selber Jagdhund spielen. Das ist aber gar nicht so leicht, und mit ihren primitiven Waffen gelingt es ihnen nicht allzuoft, größere Beute zu machen. Den Fischfang kennen sie sonderbarer Weise gar nicht und kommen dadurch um ein reichlich vorhandenes und leicht erreichbares Nahrungsmittel. Warum sie den Fisch nicht essen, konnte ich nie erfahren. Sie finden es eben gerade so ekelhaft, Fisch zu genießen, wie die Weißen es finden würden, wenn sie Holz- und andere Maden, Zecken (Carapatos) und sogar ganz gewöhnliche Kopfläuse verspeisen sollten, während diese Dinge für die Wilden Leckerbissen sind.

Was mich anbelangt, so kann ich nicht gerade sagen, daß es mir recht leicht geworden ist, mich an die Indianerkost zu gewöhnen, denn abgesehen von den erwähnten Leckerbissen, genießen sie mit Vorliebe stinkendes Fleisch, und bei besonderen Festlichkeiten brauen sie ein „Spuckbier“, welches zu trinken zuerst absolut kein Genuss ist, wenn man die Zubereitung beobachtet hat. Aber der Mensch gewöhnt sich an alles, hauptsächlich wenn er noch Kind ist und so hatte ich in kürzester Frist und zur Freude meiner Adoptivellern, alle Gewohnheiten des Stammes angenommen, und die Indianersprache war mir nach dem Verlauf von drei Monaten geläufig.

So waren wir monatelang weitergezogen, und zwar nicht immer geradeaus, denn wir kreuzten öfter Pfade, welche wir schon vorher gegangen, auch hielten wir uns manchmal längere Zeit in einem Lager auf. Da kamen wir eines Tages an einen größeren Fluß, welcher von allen mit Jubel begrüßt wurde. Ein geräumiges Lager wurde hier angelegt, und an einem etwas unterhalb einmündendem Seitenfluß ging es an die Herrichtung von Antentranqueiras; denn nach den vielen Spuren, welche sich an dem Flußufer fanden, konnte man auf einen guten Jagdertrag rechnen.

Diese Antentranqueiras wurden an den Hauptpässen der Tapire in kurzen Abständen voneinander angelegt und bestanden aus von den beiden Uferseiten in den Fluß hineingehauenen Bäumen, so daß die Tiere, wenn sie in den Fluß gejagt waren, trotz ihrer Taudkunst weder nach oben noch nach unten entweichen konnten und von den Indianern, welche sich an den Ufern und auf den Tranqueiras aufstellten, so lange hin und hergejagt wurden, bis es gelang sie vermittlels der Axt, der Lanze oder auch durch einen Pfeilschuß zu erlegen.

War auf diese Art so ein Tier erlegt, dann gab es ein großes Fest, welches in der Regel solange anhielt, wie das Fleisch der Ante ausreichte. Das war allerdings nicht allzulange; denn die dreißig Personen, aus welchen unsere Tribus bestand, vertilgten ganz unmäßige Mengen Fleisch, wenn sie es hatten, so daß es gewöhnlich, nach dem Fest verschiedene Kranke, —



In Santa Catharina war es der Governador Oberstleutnant João Alberto de Miranda Ribeiro, welcher zuerst die Anlage von zwei Kolonien plante. Dieser hatte aber damit hauptsächlich militärische Zwecke im Auge, denn er wollte eine Basis auf dem Festlande schaffen, wohin sich die Regierung mit ihren wenigen Truppen zurückziehen konnte, wenn sie sich in der auf der Insel liegenden Hauptstadt Desterro bei einem eventuellen feindlichen Angriff nicht mehr würde halten können.

Lages, welches zwar zu jener Zeit in politischer Hinsicht auch schon zu Santa Catharina gehörte, war von Desterro aus auf direktem Wege kaum erreichbar. Es hatte seinen Zugang von S. Paulo über Curityba. Deshalb hatte Oberstleutnant João Alberto durch den Leutnant Antonio José da Costa schon 1781 eine Pikade zur Anlage einer Straße aufsuchen lassen, welche von S. José über Imaruhy nach Lages führen sollte.

Und an dieser Straße plante er die Anlage der zwei Siedlungen für welche er 1793 bestimmte Vorschläge einreichte.

João Alberto konnte aber die Verwirklichung seines Planes nicht erreichen, und erst nahezu 30 Jahre nach seinem 1800 erfolgten Tode kam die Gründung der ersten Kolonie in Santa Catharina zustande.

220

## S. Pedro de Alcantara

### Die erste deutsche Kolonie in Santa Catharina.

Wie schon vorher gesagt, setzte nach der Übersiedlung des Lissaboner Hofes nach Rio de Janeiro eine neue Epoche für Brasilien ein, indem nun auch Fremden, vornehmlich Deutschen, Gelegenheit gegeben war, hier fördernde Pläne zu verwirklichen. Es würde zu weit führen, an dieser Stelle näher auf die deutsche Mitarbeit in jener Zeit einzugehen, welche Herr Dr. Aldinger in seinem 1923 erschienenen Werkchen so treffend und erschöpfend geschildert hat. Es sei hier nur erwähnt, daß schon 1818 die erste deutsche Landwirtskolonie „Leopoldina“ in Bahia erstand, welcher bald andere folgten. Im März 1820 kam dann ein Gesetz zur Anziehung von Einwanderern heraus, und es wurde schließlich eine Oberbehörde für Einwanderung und Besiedlung unter der Benennung „Inspectoria de Colonisação Estrangeira“ gegründet.

Am 28. Oktober 1828 sandte der Kolonisationsinspektor, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Medeiros, zwei Schiffe mit Kolonisten für die erste Kolonie in Santa Catharina nach Desterro ab. Die „Luiza“ kam am 7. November mit 276, die „Marquiz de Vianna“ am 12. desselben Monats mit 359 Köpfen am Bestimmungsort an.

Auf den erwähnten Schiffen befanden sich nebenbei auch noch andere Einwanderer, welche nach der Provinz Rio Grande do Sul weiterfuhren.

## Einige ehrende Zeugnisse über die erste deutsche Kolonisation im Staate Sta. Catharina.

Der Präsident der kaiserlichen Provinz Sta. Catharina, *Miguel de Souza Mello Alvim*, welcher zur Zeit der Besiedlung von São Pedro d'Alcantara ins Amt trat, berichtete nach einem Besuch dieser jungen Kolonie nach Jacinthe Antonio de Mattos, Colonisação do Estado de Sta. Catharina, Seite 54 ff. an die kaiserliche Regierung vom 15. Februar 1830 unter anderem folgendermaßen:

„Das Land ist unfreundlich und gebirgig, aber fruchtbar und mit ausgezeichneten Holzarten bewachsen. Ich und meine Begleiter waren entzückt über die gewaltige Leistung und zugleich verwundert, die stauenswerten Pflanzungen zu sehen, welche dieses arbeitsfreudige und unermüdete Volk innerhalb von 6 Monaten auf unwirlichem Urwaldgelände hervorgezaubert hat...“. Der Präsident beklagt sich darüber, daß die Zahlungen an die Kolonisten eingestellt werden müßten und diese zum Hungern verurteilt würden und fährt fort: „Trotzdem verloren nur wenige den Mut. Sie gehen ganz in der Arbeit auf. Wetterunbilden, Indianerüberfälle, nichts kann sie anfechten. Männer, Frauen und Kinder, alles arbeitet mit größter Ausdauer und strengster Arbeitsteilung. Die Kräftigsten von ihnen schlagen den Wald und brennen ihn nieder, andere und die Kinder sind beim Hüttenbau tätig und verrichten die Hausarbeit. In nur sechs Monaten ist ein Gebiet von 3 Meilen Länge und 200. Brassen Breite aus barbarischer Wildnis in Kulturland verwandelt worden, das Mais-, Getreide- und Gemüseplantagen trägt, wozu die Sämereien aus Europa mitgebracht worden waren. Kleine wohnliche Häuschen sind entstanden und das alles mit einer wirklich verblüffenden Fertigkeit.“

Ein anderer Kronzeuge deutschen Kolonistenfleißes ist der Pfarrherr von São José, *Joaquim Gomes de Oliveira Paiva*, welcher 1845 die neuen Ansiedlungen besuchte und seine Eindrücke in der „Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico“ Band X, Seite 504 ff. wiedergab. Als Priester interessiert sich der Autor vor allem für das religiöse Leben der Kolonisten und sagt in lobender Anerkennung des Eifers in der Erfüllung religiöser Pflichten u. a.: „Es ist traurig, daß diese Leute von so weit kommen müssen, um uns unsere Kälte gegen die Religion vorzuwerfen. Sie geben ein glänzendes Beispiel in der Erfüllung der Gebote, die das einzige Band bilden, das die menschliche Gesellschaft zusammenhält.“ „Alle, auch die schon im Lande geborenen, können in ihrer Sprache lesen, schreiben und rechnen. Viele verstehen brasilianisch und schicken ihre Kinder in die Regierungsschulen.“ Über die Lebensführung der ersten Kolonisten, äußert sich der Pfarrherr sehr interessant: Die Kolonisten wären gastfrei und verlangten für die Gewährung eines Nachtquartiers wohl vom Deutschen Geld, weil das in der alten Heimat so üblich war, nicht aber vom Brasilianer, weil dieser das auch so hält. Am Sonntag wird nach dem Gottesdienst fleißig gekegelt und einem Glas Wein zugesprochen. Bis zum Besuch des Pfarrherrn wäre nie Mord, Verletzung oder Diebstahl vorgekommen. Um Politik kümmerten sie sich überhaupt nicht, was Pfarrer Oliveira Paiva als sehr vernünftig

## Die Fauna von Santa Catharina

*Kurze Übersicht von José Deeke*

Es sollen hier nur die großen Tiere und sonst für Jagd und Fischerei Erwähnenswertes angeführt werden, wobei ich mir die Chorographie des Herrn General Rosa, sowie die betreffende Abhandlung von Kapitän Lucas Alexandre Boiteux dienen lasse.

An Affen haben wir hauptsächlich vier Arten, nämlich die Brüllaffen und drei Macacos-Arten. Nach General Rosa soll es in Santa Catharina allerdings im ganzen fünf bis sechs verschiedene Arten geben, jedoch sind im allgemeinen nur folgende vier Arten bekannt. Der Brüllaffe, von den Einheimischen Mono oder Bujio (*Myctes*) genannt, hat seinen Namen von dem Gebrüll, welches das Männchen durch eine besondere Vorrichtung an der Gurgel hervorbringt. Die jungen Tiere sind alle schwarz, später werden die Männchen rot, während die Weibchen schwarz bleiben. Die Brüllaffen sind häufig, werden aber von den einheimischen Jägern sehr verfolgt, da dieselben das Fleisch des Tieres genießen. Leider stellt auch der deutsche Jäger den armen Brüllaffen oft nach, um mit dem Fleisch die Jagdhunde zu füttern.

Die andern Affenarten, *Cebus elegans*, *Cebus cirrhifer* und *Cebus frontatus*, kommen zum Teil ebenfalls häufig vor. Auch sie werden von manchen Jägern gejagt und gegessen, doch ist ihr Fleisch nicht so beliebt, wie das der Brüllaffen.

Reich ist der Staat an Fledermäusen, welche im Felsengeklüft der Serra und an anderen ihnen zusagenden Stellen zu Hunderttausenden leben. Es soll davon elf Arten in Santa Catharina geben. In der Hauptsache unterscheidet man nur zwischen den Vampiren und den kleinen, harmlosen Fledermäusen. Der große Vampir, welcher sich den Pferden und Eseln des Nachts in die Mähnen hängt und ihnen am Halse Blut absaugt, außerdem aber auch an andere Tiere geht und sogar den Menschen nicht verschonen soll, ist recht schädlich. Eine kleinere Blutsaugerart gilt als hauptsächlichlicher Ueberträger der Tollwut, welche zeitweise schon das Vieh im ganzen Staate befiel. Die kleine, schwarze Fledermaus, welche überall in den Wohnhäusern unter den Dächern nistet, ist recht harmloser Natur. Sie lebt hauptsächlich von Insekten, verschmäht aber auch manche Obstsorten nicht.

An Katzentieren gibt es die Onça (*Felis Onça*), welche unter den deutschen Kolonisten allgemein als bunter Tiger bekannt ist. Dieses Tier ist ein gefährlicher Viehräuber und wagt sich ausnahmsweise auch an den Menschen. In der Koloniezone ist der bunte Tiger schon sehr selten, aber am Abhang der Serra kommt er noch häufig vor. Der Leão (*Felis concolor*), welcher oft auch roter Tiger genannt wird, hat schon ein bedeutend harmloseres Wesen, kann aber, wenn die Nahrung im Walde knapp wird, dem Kleinvieh auch gefährlich werden. Der schwarze Tiger, welcher in unserer Fauna bisher nicht aufgeführt war, sodaß man vielfach glaubte, es handle sich dabei nur um eine Fabel, mag wohl eine Abart des Leão sein. Das

erlegt. Das Fell liefert die besten Sattelunterdecken, das Fett wird als Heilmittel gegen Blutarmut und dergleichen erfolgreich angewandt. Viele essen übrigens auch das Fleisch, welches mehr oder weniger tranig schmeckt. Sehr geschätzt als jagbares Wild wird die Paca (*Caelogenis paca*). Das Tier wird ausnahmsweise bis 85 Zentimeter lang und liefert ein äußerst wohlschmeckendes Fleisch. Wenn es die Hunde treiben, geht es ins Wasser, wo es gewöhnlich leicht erlegt werden kann. Sodann gibt es die Cutia, zu deutsch Goldhase (*Dasyprocta aguti*), deren Fleisch auch begehrt ist. Die Tiere sind aber schwer zu jagen, da sie zu schnell laufen und springen können und nicht ins Wasser gehen, so daß sie die Hunde ermüden; man fängt sie in Fallen und in Schlingen. Im Süden soll noch eine kleine Hasenart, der *Lepus Brasiliensis*, vorkommen. Ich habe aber noch kein solches Tier gesehen. Dann gibt es noch die Meerschweinchen, von den Deutschen Baranken-cutias genannt, während die Einheimischen Preá dazu sagen. Das Stachelschwein (*Cercolabes prehensiles*) gehört ebenfalls zu den Nagetieren. Es kommt häufig vor, und mancher Jagdhund hat es schwer zu büßen, wenn er sich verleiten läßt, das Tier zu beißen. Außer diesen angeführten Nagetieren gibt es noch unzählige Ratten und Mäusearten.

Das Tier, welches der Jäger am meisten begehrt, ist die Ante (*Tapirus americanus*), von welchem es zwei Arten gibt. Die größere, hellere hält sich gewöhnlich in den Flußtälern auf, während die kleinere, dunklere die Gebirge und das Hochland vorzieht. Das Tier ist so groß wie ein Esel, dabei aber kräftiger gebaut und liefert ein zwar grobes, sonst aber wohlschmeckendes Fleisch. Das Fell ist viel dicker als das des Ochsen und wird gut bezahlt. Eine Antenjagd ist nur mit Hunden erfolgreich; dieselben jagen das Tier solange, bis es sich in einem Wassertümpel stellt oder in den Fluß geht, wenn ein solcher in der Nähe ist, wo es dann der Jäger leicht erlegt.

Wilde Schweine gibt es verschiedene Arten. Am häufigsten kommt das kleine Tatete vor, welches auch am leichtesten zu jagen ist. Von den größeren Arten, welche man gemeinhin als Porco do mato bezeichnet, sind die Queixobranco, welche man ihrer weißen Backen halber so nennt, die bekanntesten. Aber es gibt auch ganz schwarze, und als früher große Gruppen wilder Schweine hin und herzogen—man bezeichnete das als Schweinewanderung—hat man beobachtet, daß mitunter rote, in einem Falle sogar eine grauweiße Gruppe, darunter waren. Diese wilden Schweine halten sich gewöhnlich nur weit ab in den Urwäldern, wo sie gruppenweise hausen. In ihrer Nähe halten sich gewöhnlich Onças und Leãos auf, welche sich ab und zu einen Braten aus ihrer Mitte holen. Wenn aber die Wanderzeit kommt, dann drängt eine Gruppe die andere, und sie kommen dann nicht selten ins Freie herauß, wo sie in den Pflanzungen großen Schaden anrichten.

Hirsche und Rehe gibt es ebenfalls mehrere Arten im Staate. Der Cervo (*Cervus paludosus*) ist der größte darunter, aber er kommt nur noch selten an den Urwaldsümpfen des Hochlandes vor. Auch im südlichen Litoral soll es die Tiere noch geben; das Fleisch derselben wird übrigens nicht gegessen, da es zu tranig ist, und man erlegt es nur des

wie das Haushuhn in Gruppen, sondern die Tiere durchstreifen, außer in der Paarzeit, einzeln den Urwald. Dann folgt der Jaó oder Jahú, (*Crypturus noctivagus*) welcher nur halb so groß wie der Macucco ist und der Nambú oder Inambú (*Crypturus obsoletus*) von derselben Größe. Der Macupuinho, das Waldhühnchen, gehört zwar nicht zu dieser Gattung, wir erwähnen das Tierchen aber bei dieser Gelegenheit doch, da es oft den Jäger irreführt, der vermeint, einen größeren Hühnervogel vor sich zu haben, wenn das Vögeldchen hinter Blätterwerk versteckt am Boden hörbar kratzt und scharrt. Auf den Campos gibt es den Perdigão (*Rimchotes brasiliensis*), das große Rebhuhn. Dieser Vogel hat beinahe die Größe eines Macuco und lebt einzeln, kommt aber häufig vor. Die kleinere Art, Perdiz oder Cadorna genannt, lebt ebenfalls auf den Campos. Der Urú (*Adontopharus detatus*) kommt überall in den Wäldern und Capoeiras vor. Er lebt in Gruppen von 8 bis 12 Stück und macht sich durch seinen traulichen Uruc-uruc-uruc-Ruf bemerkbar, welchen der ganze Gruppendor oft des Abends anstimmt.

Sehr nachgestellt wird von den Jägern den Jacús. Der begehrteste dieser Vögel ist die Jacútinga (*Penelope pipile*) mit der weißen Haube und den teilweise weißen Flügeln, welcher oft im Winter, zur Jagdzeit in großen Zügen von den Höhenzügen in die geschützten Täler kommt. Der Jacú Assú (*Penelope cristala*), welcher hauptsächlich an Flussufern und in der Ebene haust, ist ein Standvogel, der nicht wandert. Da die Besiedlung der Täler rüstig fortschreitet, ist auch der Vogel schon nahezu ausgerottet. Die Jacupemba (*Penelope jacucuca* oder *superciliaris*) kommt überall vor, auf Bergen und zum Teil auch in Sümpfen; sie ist schon bedeutend kleiner wie der Jacú Assú und lebt wie jener in Gruppen. Der kleinste dieser Gattung ist der Aracuã (*Penelope albiventris*), welcher etwa Taubengröße hat und mit Vorliebe in Sumpfgenden vorkommt. Er ist sehr scheu und versteht es vorzüglich, sich hinter Moos und in den Blättern der Bäume zu verbergen.

Reiher und Störche gibt es sehr vielartige. Auf den Kamps ist der Quero-Quero der bekannteste. An der Küste schätzt man den weißen Reiher seiner prächtigen Federn halber. Dann gibt es Schnepfenarten, die sogenannten Seeschwaben und unzählige *Schwimmvögel*. Eine wilde Ente (*Pato*), welche im Innern auf Flüssen und Lagoen paarweise lebt, hat genau die Größe und das Aussehen unserer Hauspatte, der sogenannten Chinaente und sie paart sich auch mit denselben. Kleinere Entenarten (*Marreco*) gibt es verschiedene. Von den ungenießbaren Schwimmvögeln ist der Biguá (*Carbo viguá*) der häufigste. Außerdem gibt es verschiedene Arten Wasserrühner (*Saracuras*).

An Reptilien haben wir verschiedene Schildkrötenarten sowohl im Meere als auch in den Flüssen. Krokodile oder Jacarés, wie sie hier genannt werden, gibt es stellenweise noch sehr häufig. In neuerer Zeit sieht man sie selten größer als 2 Meter lang, aber zur Zeit der ersten Einwanderer und noch bis 1860 sollen Exemplare von 4 Meter Länge vorgekommen sein. Da diese Tiere sehr alt werden und ständig langsam weiterwachsen sollen, ist es sehr erklärlich, daß sie schließlich eine solche Größe erlangen können.

Froschkroten, welche auf dem Lande nahezu in allen Häusern anzutreffen sind, wo sie als Vertilger des Ungeziefers gern gesehen werden.

An Fischen ist Santa Catharina besonders reich und hauptsächlich in den Küstenstädten bilden sie einen bemerkenswerten Bestandteil der menschlichen Nahrung. Am häufigsten kommen folgende Seefische vor: Tainha, Pescada, Pescadinha, Corvina, Endova, Linguado u. s. w.. Die Zahl der Seefischarten ist sehr groß, und es gibt darunter welche, die noch kaum bekannt sind.

In den Flüssen des Litoral sind es auch die Seefische, welche am meisten gefangen werden. Da sind z. B. die Bagres, die Cabecudas und die Roubalos, welche zur Laichzeit weit die Flüsse hinaufziehen, um dort ihre Eier abzulegen. Von den Süßwasserfischen im Litoral ist der Trahira, eine Hechtart, am größten und am häufigsten. Es gibt davon zwei Arten: den Trahirassú, welcher am größten wird—bis 15 Kilogramm schwer — und auch im Salzwasser vorkommt und den Flußtrahira, eine etwas kleinere, schöner geformte Art. Der Mandim pintado ist auch häufig, ebenso der Jundiá, beides schuppenlose Fische, zu welchen noch verschiedene kleinere Fischarten zählen, so z. B. der *Bagrinho*. Schuppenfische sind der Cará (*Chromis acará*), welcher handgroß wird, der Aipi, hier öft fälschlich Forelle genannt und schließlich die Zahnfische und Weißfische, sowie die sogenannten *Rotaugen* oder *Saguarú*. Außerdem gibt es noch verschiedene Arten Hornfische (*Cascudos*), welche auch sehr gut schmecken. Unterhalb der Wasserfälle gibt es auch Aale. Dieselben werden etwa dreiviertel Meter lang und sind sehr wohlschmeckend. Viele Leute essen sie jedoch nicht, da sie dieselben der Form halber für Schlangen halten. Krabben (*Camarões*) gibt es verschiedene Arten; ebenso Krebse und Hummern. Sie werden gern gegessen. Auf dem Hochlande, in den Flüssen, welche dem La Plata zufließen, gibt es außer den eben geschilderten noch andere Fischarten als im Litoral. Da sind z. B. der Dourado, die Piracanjuba, die Piava, der Corimatã und viele andere mehr.

Wie schon im Anfang gesagt, sollen die Kleintiere wie Muscheln, Schnecken, Insekten u. s. w. hier nicht besprochen werden. Es soll aber darauf hingewiesen werden, daß sich darunter sehr viel Erwähnenswertes findet, so z. B. die prächtigen Schmetterlinge und Käfer, von welchen man schöne Sammlung bei Privatleuten zu finden ist. Leider gibt es unter den kleinen Lebewesen auch viele Schädlinge, so z. B. die Schlepperameise, die Carapatos und die *Mosquitos*. Nützliche Tierchen sind dafür die einheimischen *Bienen*, deren es verschiedene Arten gibt. Den wohlschmeckendsten Honig liefern die Guaráipú (*Mellipona melliosa*). Sodann gibt es die *Mandaçeia* (*Mellipona officinalis*) u. verschiedene andere Arten, von welchen die *Mirim*, *Mandurim*, *Iraty* und *Tubuna* die bekanntesten sind. Bezüglich der Jagd ist zu erwähnen, daß dieselbe für jedermann frei ist, jedoch gibt es in den meisten Municipien eine Schonzeit, vom 1. Oktober bis zum 15. März, während welcher nicht gejagt werden darf. Leider wird aber diese Vorschrift oft übertreten.



ja man kann sagen die meisten, blühen sehr schön, und man pflanzt sie deshalb in den Gärten an.

### Farne

Farne gibt es in Santa Catharina ungemein viele Arten. Allein schon von Baumfarnen haben wir nach P. Candidus Spannagel 15 verschiedene Arten; die bekanntesten davon sind der Saxim do Campo (*Dicksonia sellowiana*), der hohe glattstämmige Saxim (*Cyathea Sanchim*) und der sogenannte Schornsteinfeger (*Cyathea Gardneri*). Von den andern Arten unterscheiden sich manche nur sehr wenig von den oben angegebenen, so daß sie gemeinhin auch dazu gerechnet werden.

Am häufigsten kommt natürlich das gewöhnliche Farnkraut, die *Sambabaia* (*Felix herbacea*) vor, dann gibt es Kletterfarne, welche sich schmarotzerartig an den Bäumen ansaugen und sich an denselben emporwinden. Sehr zahlreich sind die Arten der kleinen Farne. Am bekanntesten sind davon die *Avencas*, welche die Deutschen *Frauenhaar* nennen und die als Zierpflanzen in Blumentöpfen gehalten werden. Außerdem haben diese Pflanzen auch medizinischen Wert.

### Andere Pflanzenarten

Außer den angeführten Bäumen und Pflanzen gibt es noch viele Rohr- und Grasarten. Taquarussú ist ein dickes großes Rohr, welches an manchen Stellen den Urwald undurchdringlich macht. Dann findet man noch das Taquara manso, Taquara lixo und viele andere kleine Rohrarten.

An Gräsern sind hauptsächlich die verschiedenen Weidegräser (*Grammas*) zu nennen, welche folgende deutsche Bezeichnungen haben: Breite Kampgramme, schmale Kampgramme, blaue, weiche Gramme, blaue, harte Gramme, feine Sandgramme usw.

Hodwachsende Gräser sind: Capim d'Angola (*Panicum mumidiamum*), Capim Gordura, Capim Jaraguá, Papanduva usw.

Schließlich gibt es im Walde noch *Nictageen*: Moose, Wasserpflanzen, Kakteen und unzählige Orchideenarten. Auch Pilze (*Cocomelos*) gibt es viele Arten, darunter auch eßbare.

### Früchte des Urwalds

Deren Zahl ist zwar groß, aber besonders herrlich schmecken die unkultivierten Früchte der Wildnis gewöhnlich nicht. Aber sicher ließe sich bei anhaltender Kultivierung mit der Zeit noch mande wohlschmeckende Obstart herauszüchten.

Außer den schon angeführten Palmenfrüchten bringen auch manche Anonaceen eßbare Früchte hervor, z. B. die Quaresmas, welche manche auch Embira nennen. Die große Anonacee, welche auch Pau cortisa und Kaiserfrucht genannt wird, trägt eine große schöne Frucht, welche genau aussieht wie eine Fruta de condé. Aber der Geschmack ist widerlich süß. Übrigens heißt dieser Baum auch Floßbaum, da das Holz sehr leicht ist und sich sehr zum Floßbau eignet.

Gegen *Erkältung* wirkt ein Tee aus der im Garten wachsenden Schafgarbe.

Zum *Desinfizieren* der *Wunden* nimmt man die wilde Arnica. Das ist ein weichstieliger, großblättriger Strauch mit roten Beeren, welcher in frischen Waldroças massenhaft hochkommt. Den betreffenden Saft drückt man aus den zusammengeballten Blättern.

Gegen *Zahnweh* bestreicht man den schmerzenden Zahn mit Rindenmilch der Tajuba, wovon er abstirbt. Ein weniger radikales Mittel liefert der Zahnwehstrauch. Wenn man auf einen Zweig desselben beißt, so entströmt ihm ein befäuhender Saft, welcher das Zahnweh mindestens lindert.

Gegen *Malaria* hilft ein Tee aus der Rinde der Morcegueira, welche sehr viel Chinin enthält. Man nimmt ein etwa zehn Quadratzentimeter großes Stück Rinde und kocht es in einem halben Liter Wasser ab. Von diesem Tee nimmt man 3-4 Tropfen für eine Gabe. Auch die Rinde der Peroba liefert einen fieberheilenden Tee, welcher zudem gut zu nehmen ist, da er weder den Magen reizt noch Ohrensausen verursacht, wie z. B. das Chinin.

Gegen starken *Husten*, *Asthma* und *Gelenkrheumatismus* hilft ein Tee aus den Blättern der Maracujá (*Passiflora quadrangularis*).

Gegen *Leberkrankheiten*, *Muskelrheumatismus* und Entzündungen des Mundes und des Halses hilft eine Abkochung aus der kleinen Wiesenmimose (Rühr mich nicht an).

*Blutreinigend* und *antirheumatisch* wirkt auch das leuchtend gelbe, wohlriechende Öl der Canella Sassafras (*Nectandra cymbarum*), welches auch als Ersatz für Terpentinöl genommen werden kann.

Der Pau-para-tudo-Baum wird außerdem zum Konservieren von Fleisch und dergl. benutzt. Die Jäger, denen im Walde das Salz fehlt, nehmen die Blätter, die Rinde und auch das Holz des Pau para tudo um das Wildfleisch zu konservieren. Die Asche des verfeuerten Holzes enthält einen großen Prozentsatz Pottasche.



Es sind dort heute als leitende Ärzte tätig: Professor von der Ahne (Hospital Santa Catharina, Blumenau), Prof. Dr. Capelle (Hospital S. Izabel, Blumenau), Dr. Norbert Bachmann (Helenenstift, Joinville). Außerdem betätigen sich als Ärzte unter anderem folgende Deutsche bzw. Deutschbrasilianer: Dr. Gofferjé, Dr. Gottsmann, Dr. Moellmann (Florianopolis), Dr. Otto Feuerschütte (Tubarão), Dr. Luiz Renaux (Brusque), Dr. Kuebel, Dr. Pape, Dr. Berger, Dr. Fedter, Dr. Wendhausen (Munizip Blumenau), Dr. Lange, Dr. Schlemm, Dr. Weiss (Joinville), Dr. Neumann (Porto União), Dr. Arndt (Cruzeiro do Sul), ohne daß diese Liste vollständig wäre. Dabei sei bemerkt, daß die brasilianischen Ärzte im allgemeinen sehr tüchtig sind.

Unter den Zahnärzten ist auch ein großer Teil Deutscher. Desgleichen unter den Apothekern. Nicht unvergessen sei schließlich die aufopfernde Tätigkeit deutscher evang. und kath. Schwestern in der Krankenpflege und in Entbindungsheimen. Im Innern, wo Ärzte noch fehlen, leisten vielfach deutsche Hebammen — auch in rein brasilianischen Gegenden wie z. B. Crescuma — wertvolle Dienste.



## Landwirtschaft und Viehzucht in Santa Catharina

### A. Landwirtschaft

Im Anfang bildete der Maniok die Hauptkultur im Lande. Sie wurde schon von den Carijós, den ersten Einwohnern, betrieben und lieferte in der Farinha sozusagen das tägliche Brot, womit man bei dem Fisch- und Wildreichtum recht gut bestehen konnte. Später kam dann die Cana, das Zuckerrohr, hinzu und man hatte nun auch Zucker und Branntwein. Maniok und Zuckerrohr sind auch heute noch die Kulturpflanzen, welche der einheimische Bauer neben schwarzen Bohnen hauptsächlich kultiviert. Jeder bessere Ackerbauer besitzt ein Engenho, in welcher er auf primitivste Art die Maniokwurzeln reibt, preßt und die Farinha dörft, und worin er das Zuckerrohr ausquetscht und aus dem Saft Zucker und Schnaps herstellt. Es gibt heutzutage aber auch schon einige modernere, größere Anlagen, für die man Rohr und Wurzeln von den umwohnenden Bauern zusammenholt und dann feinere Erzeugnisse herstellt. So z. B. haben die Stärkefabriken dem Anbau von Maniok und Alpin einen neuen Impuls gegeben.

Der Maisbau ist zuerst hauptsächlich von den Bewohnern des Hochlandes betrieben worden. Später pflanzten auch die deutschen und italienischen Kolonisten viel Mais, doch braucht man ihn hauptsächlich nur zu Brot und Polenta und als Futter für das Vieh. Zum Export kommt er sehr wenig.

Auch Erdnüsse (Amendoim) wurden schon von Anfang an in der sandigen Küstengegend angebaut.

Die alten Caboclos waren ein harmloses und genügsames Völkchen. Von eingeführten Waren brauchten sie hauptsächlich nur Handwerkzeuge, sowie Kochgeschirre, Kessel und Apparate für die Zuckerschinapsgewinnung. Alle Nahrungsmittel hatten sie selber. Als Öl für die Lampen diente der von den Fischen gewonnene Tran und ihre Riscado, das ist der Stoff für die Kleidung, webten sie sich selber. Zu diesem Zweck wurde *Baumwolle* (Gossypium Arboreum) angepflanzt, welche in der Küsténzone immerhin soviel Wolle brachte, wie man für den Selbstgebrauch nötig hatte. Als Milchvieh diente zuerst ausschließlich die Ziege, außerdem hielt man Schweine und Geflügel. Als Zugtiere führte man dann Rindvieh ein. Doch nutzte man die Milch desselben in der ersten Zeit nur in ganz geringem Maße aus. Pferde gab es in der ersten Zeit nur sehr wenig.

Eine Landzubereitung für die Pflanzung kannte man in der alten Zeit nicht. Man pflanzte auf einem Stücke Land so lange es nur irgend Ernte gab. War es ausgesaugt, dann ließ man es liegen und legte dafür einen neuen Waldschlag an, mit welchem dann genau so wie mit der ersten Roça verfahren wurde. Auf diese Art entstanden große Strecken öden Gebiets, denn auf dem gänzlich ausgesaugten Lande wollte nicht einmal mehr Capoeira \* wachsen. Später kamen deshalb einsichtsvolle Bauern auf das System der Capoeirawirtschaft. Eine frische Waldroça wird nur ein oder zweimal bepflanzt, dann läßt man sie je nach der Güte des Landes 3 bis 6 Jahre ruhen und rociert dann die unterdessen emporgewachsene Capoeira aufs neue nieder. Die Capoeira mit der Foice niederzulegen, ist verhältnismäßig leicht und da die dünnen Capoeirastämme mit viel Genist und Geranke gut brennen, so braucht die Roça kaum geräumt zu werden; man kann ohne weiteres hineinpflanzen.

Mit dem Anfang der deutschen und überhaupt der fremden Kolonisation in Santa Catharina wurden alsbald Versuche mit anderen Kulturpflanzen gemacht. Zuerst ist da der Kaffee zu nennen, welcher im nördlichen Küstengebiet sehr gut gedeiht. Außer Kürbissen, Melonen, Gemüse, Zwiebeln und Knoblauch wurden Erbsen, Linsen und an manchen Stellen auch Lein angepflanzt.

An Knollenfrüchten gab es schon von Anfang an außer Maniok und Aipim, den Tayá, Mangariten, Bataten, Arrowrot und Inhame pflanzte man als Schweinefutter und Cará bauten die deutschen Kolonisten mit Vorliebe an, um die geriebene Knolle dem Maisbrot zuzusetzen; außer dieser Brotcará gibt es übrigens auch Kochcará, z. B. die Cará Mimosa, welche an Stelle von Kartoffeln auf den Eßtisch kommt. Kartoffeln, von den Einheimischen Batata inglesa oder auch Batata Paraguaya genannt, gedeihen im Litoral auch. Auf dem Hochlande, z. B. in São Bento, kommen ansehnliche Mengen zur Ausfuhr. Die Tabakkultur haben hauptsächlich die Italiener eingeführt. Dieselbe entwickelt sich immer mehr und die Ausfuhr von Rohtabak und Zigarren ist infolgedessen schon recht beträchtlich. Die deutschen Kolonisten geben sich bisher weniger mit der Anpflanzung von Tabak ab, während sich die Einheimischen des Hochlandes wiederum sehr auf diese Kultur

\* Buschwald

gen; sie drehen die Blätter strickähnlich zusammen und stellen so den schwarzen Rollentabak her, aus welchem dann, wenn er feingeschnitten und entsprechend präpariert ist, die duftenden Zigaretten fabriziert werden.

In den letzten Jahrzehnten hat sich auch die *Reiskultur* gut entwickelt. Leider liegt das für die Reiskultur am besten geeignete Land am Unterlauf der Flüsse, d. h. in der Nähe des Meeres, wo meist nur Einheimische wohnen, welche den Ackerbau nicht so intensiv betreiben wie die deutschen und italienischen Kolonisten.

Natürlich wird auch Hafer, Roggen, Gerste, Weizen, Buchweizen u. s. w. gesät, und auf dem Hochlande hat man damit auch befriedigende Resultate. Im Litoral haben aber langjährige Versuche gezeigt, daß hier die klimatischen Verhältnisse für die genannten Getreidearten nicht zusagend sind.

Mit Alfafa ist es gerade so. Auf dem Hochlande gedeiht diese Luzernierart ganz vorzüglich, aber im Litoral bekommt man nur ausnahmsweise eine gute Ernte. Abacaxis (Ananas) werden dagegen wieder nur im Litoral geerntet.

Zwischendurch hat man es auch mit anderen Kulturen versucht, welche sich aber alle aus mancherlei Gründen nicht bewährt haben. Rizinus z. B., welches man früher anpflanzte, um die Früchte für die Ölgewinnung zu exportieren, sieht man jetzt nur noch wildwachsend, da der Ertrag hinter den Erwartungen zurückblieb. Auch Steinnussbäume und Bombaxmandeln werden heute kaum noch gepflanzt. Mit der Faserpflanze Ramie wurden Ende der achtziger und Anfang der neunziger Jahre Versuche gemacht, ebenso mit Linho Perimi im ersten Jahrzehnt dieses Jahrhunderts, jedoch ohne Erfolg.

Im Laufe der Jahre sind dann noch allerhand andere Futterpflanzen eingeführt worden, so z. B. Capim gordura, Capim elephante, Cana elephante, Konfrey u. s. w.

Abgesehen von der Capoeirawirtschaft vollzieht sich die Landwirtschaft der deutschen und anderen fremden Kolonisten auf primitivste Art, was in der Hauptsache durch das bergige Terrain bedingt ist. Der Hergang in einer solchen Wirtschaft ist im Litoral ungefähr folgender: Im Juni — Juli wird die Roça kapint, d. h. das Unkraut wird mit breiten Hacken weggeschürft. Im August wird dann die Roça bepflanzt. Man hackt Löcher und macht sie, nachdem die Saat eingelegt ist, wieder zu. Manche verwenden auch für den Mais Pflanzmaschinen, aber das ist auch nicht sehr empfehlenswert, da dadurch die Samen leicht zu dicht beisammenbleiben. Je nach dem Wuchs des Unkrautes, ist dann die Pflanzung ein oder zweimal durchzukapinen, bis sie zur Reife kommt. Der im August gepflanzte Mais kann im März geerntet werden, die Zwischenpflanzungen jedoch, Aipim, wie Tayá, Mangariten u. s. w. kommen erst von Mai — Juni ab zur Ernte. Schwarze Bohnen werden hauptsächlich im Januar gepflanzt, Zuckerrohr im Juli. Tabak kann ab Juni gesät werden.

Auf ebenen und gemächlich ansteigenden Landstrecken, haben die Kolonisten Pflugland angelegt. Der Vorteil des gepflügten Landes ist aber vorderhand noch nicht sehr groß, da in der Regel der nötige Dünger fehlt. Eingeführte Düngemittel stellen sich heute noch zu teuer, es ist aber

Erzeugnisse erfreuen sich heute in ganz Brasilien des besten Rufs. In Indayal wird vorzügliche Trockenmilde, in São Bento und Blumenau erstklassiges Maismehl (Maizena) hergestellt. In Blumenau, Brusque, Joinville und einigen anderen Municipien bestehen bedeutende Betriebe für Tapioka, Sago und Stärkemehlzubereitung, während Joinville eine große moderne Weizenmühle aufweist.

In Joinville und Mafra besorgen verschiedene Matemühlen die Zubereitung des brasilianischen Tees. Auch die Holzindustrie hat ihren Hauptsitz im Norden des Staates, in den Municipien Ouro Verde mit dem größten Unternehmen dieser Art, der amerikanischen Lumber-Co., Porto União, Mafra und Joinville. Doch auch in den Municipien Blumenau, Itajahy, Tijucas, im Süden des Staates und im Gebiet der Bahnlinie Porto União — Marcellino Ramos bestehen zahlreiche Sägemühlen, welche Bretter, Balken, Bretter für Kisten und Parkettböden, Brettchen für Zigarrenkistchen und Fenster- und Türstöcke im großen anfertigen und exportieren. Der Holzverarbeitung zu Möbeln, Küchengeräten, Spielwaren, Matten u. s. w. widmen sich insbesondere deutsche Betriebe. Die bedeutende Korbmöbelfabrikation des Staates ist ausschließlich deutsch.

Die Textilindustrie ist im Staat durch wenige aber bedeutende Fabriken vertreten, alle in den Municipien Blumenau, Brusque, Joinville, Florianópolis und São Bento gelegen und fast nur mit deutschem Kapital, deutschen Maschinen und unter deutscher Leitung arbeitend. Die Fabrikation erstreckt sich auf Stoffe, Vorhänge, Hemden, Strümpfe, Herrenbeinkleider, Spitzen, Seiden- und Hutband, Moskitonetze, Tischdecken, Handtücher u. s. w.. Die Rohstoffe werden teils aus dem Norden Brasiliens (Baumwolle), teils aus Europa importiert.

In der Eisenbranche finden wir Nagelfabriken in Florianópolis und Joinville, Erzgießereien, mechanische Werkstätten und Schiffswerften, Fabriken für Maschendraht und Zinkeimer, für landwirtschaftliche Geräte und Maschinen und vieles andere.

Itajahy besitzt eine bedeutende Papierfabrik, Joinville eine Streichholzfabrik. Ferner werden in größeren oder kleineren Betrieben im Staat selbst hergestellt: Bausteine, Dachziegel, Kanalisationsrohre, Wachs- und Stearinkerzen, Seife, Glycerin, Walzenmasse für Druckereien, Tonwaren, Leim, Gelatine, Sandpapier, Lederwaren aller Art, Kämmen, Celluloid- und Gelatineartikel, Bürsten und Pinsel, Mundharmonikas, Pianos, Violinen und Gitarren, Gummibälle, Lederfett, pharmazeutische Präparate, Frucht- und Gemüsekonserven, Trockenbananen, Schokolade und Bonbons, Liköre, Bier, Limonade, Mineralwasser, Zigarren und Zigarillos und viele andere Produkte. Wohl 80 % dieser Betriebe sind deutsche Gründungen oder doch unter deutscher fachmännischer Leitung. Zu erwähnen bleiben noch die graphischen Gewerbe: Buchdruckereien, Lithographien, Linieranstalten und Geschäftsbücherfabriken.

Die einzige krankhafte Industrie ist der Kohlenbergbau im Süden des Staates. Die bestehenden Kohlenminen in Lauro Müller, Cresciuma und Urussanga arbeiten infolge der hohen Transportkosten, teils mangelnder

Das große industrielle Unternehmen besteht aus mehreren, mit modernsten Maschinen ausgerüsteten Werken und liefert seine Fabrikate, die durch ihre Solidität und Eleganz bekannt sind, in alle Hauptstädte Brasiliens. Große Cinemas und Cafés in Rio de Janeiro, São Paulo und andern großen Städten haben ihre Stühle und Poltronas von der Fabrikfirma Jorge Zipperer & Cia., Rio Negrinho erhalten. Die Produkte dieser Fabrik wurden auf allen Ausstellungen, wo sie erschienen sind, mit Auszeichnungen bedacht. So z. B. mit der goldenen Medaille auf der Weltausstellung zur Zentenarfeier in Rio de Janeiro im Jahre 1922.

Das Unternehmen beschäftigt mehr als 200 Arbeiter, von denen mehr als hundert in den Werkstätten der Fabrik selbst arbeiten. 50 eigene bequeme Familienhäuser werden den Arbeitern zur Wohnung gegen allmähliche Abzahlung überlassen.

Der Gründer des Unternehmens, Herr Jorge Zipperer, der es noch heute als Seniorher leitete, wurde i. J. 1879 auf der Kolonie São Bento als Sohn des als Chronist und Gründer der Kolonie bekannten Herrn Josef Zipperer sen. geboren. Nach beendeter Schulzeit trat er in das Geschäft der Firma Cand. Munhões in Papanduva (Campo Alegre) als Lehrling ein. Nach beendeter Lehrzeit wurde er Schullehrer, dann Zivilschreiber am Friedensgericht von São Bento, und später übernahm er das Amt des Escrivão der Collectoria Federal.

Als die Bahn 1913 ihren Betrieb eröffnete, und für das Holzgeschäft bessere Aussichten frei wurden, legte Herr Jorge Zipperer sein Amt nieder und gründete an der Bahnstation Rio Negrinho mit andern Teilhabern das zuerst bescheidene Sägewerk unter der Firma Jung & Cia., (später A. Ehrl & Cia.). Damals war Rio Negrinho weiter nichts, wie eine Ansammlung von wenigen Häusern und Schuppen. Der Tatkraft und dem Fleiße des Herrn Jorge Zipperer gelang es nach schwerer Arbeit und häufigen Rückschlägen, in Gemeinschaft mit seinem Bruder Herrn Martin Zipperer, das Unternehmen auf den heutigen blühenden Stand zu bringen. Mit der Fabrik wuchs Rio Negrinho zu der heutigen stattlichen Ortschaft von mehr als tausend Einwohnern heran. Hotels, Cinema, Theater und Sport, sowie eine gute Bibliothek dienen den Gästen und Bewohnern zur Annehmlichkeit des Lebens.

Herr Jorge Zipperer, dessen hübsche Villa in Rio Negrinho von vielen Gästen besucht wird, war mehrere Jahre Präsident der Munizipalkammer von São Bento. Ehrenamtlich wurde er zum Vizekonsul der Tschechoslowakei ernannt. Das Munizip S. Bento verdankt Herrn Jorge Zipperer einen großen Teil des bemerkenswerten Aufschwunges.

*Wenzel Kahlhofer, Mate- und Holzexport.* — Die Firma besitzt eigene Sägewerke mit Kistenfabriken in *Bugre Lageado* und *Doce Fino* und ist an einigen andern Sägewerken beteiligt. Über 70 Angestellte und Arbeiter werden von der Firma direkt beschäftigt, abgesehen von vielen Fuhrleuten, Holzfällern etc.. Der Umsatz an Holz betrug im letzten Jahr über zweitausend Contos de reis, der an Mate über eintausend und fünfhundert Contos de reis. Die Firma verfügt über eigene Waggons. Sie hat viele Vertretungen, wie die Texas Company, American Saw Mill

*Hotel Swarowsky.* Das stattliche Gebäude mit dem malerischen Turm begrüßt den Reisenden gleich bei der Einfahrt in das Städtchen. Zu den Vorzügen des Hotels Swarowsky gehört die breite, zweiseitige, offene Veranda, die mit Korbmöbeln ausgestattet ist und den Gästen auch bei schlechtem Wetter einen angenehmen Aufenthalt im Freien gestattet, ebenso der helle, freundliche Speisesaal. Das Hotel verfügt über Gesellschafts-, Musik- und Lesezimmer, über hübsche, luftige Zimmer, vorzügliche Küche, Einrichtung für warme und kalte Bäder und sonstige Bequemlichkeiten. Hübsche Anlagen, Spazierwege auf der Anhöhe hinter dem Hotel, schattige Lauben und Bänke empfehlen es auch zu längerem Erholungsaufenthalte.

Außer den erwähnten Firmen finden wir am Stadtplatz und in den Orten Oxford, Lençol und Matto Preto noch eine Reihe anderer, so Stüber und Klinger und viele deutsche Handwerksbetriebe.

Auch Campo Alegre mit seinem geringen Prozentsatz Deutschstämmiger weist mehrere deutsche Firmen auf: G. Schroth, R. Roepke, J. Schindler & Cia., das Sägewerk von Otto Herbst und die Brauerei von Adolf Friedrich. Herr Max Eibl betätigt sich erfolgreich als Apotheker. Die Handwerker sind überwiegend Deutsche.

#### Mafra, Itayopolis, Ouro-Verde und Porto União

In Mafra finden wir als Großfirmen des Matehandels Jordan, Gerken & C. und Carl Sdnabel, dann die Möbelfabriken von Uhlmann & Co. und Wassmannsdorf, das Sägewerk von Schmidt & Co., die mechanische Werkstätte von A. Bredow, während im Handwerk wieder das deutsche Element verherrscht.

In Itayopolis sind deutsche Geschäfte von Wünsche, Sommer, Weiss, Jung, Wagner u. anderen, in Ouro Verde von Ritzmann, Goller, Mayer, Vollrath und Sdramm.

In Porto União beherrschen Deutschstämmige Handel und Gewerbe, ausgenommen die Stoffwarenbranche, welche fast ganz in Händen von Türken und Arabern ist, und das Mategeschäft. Wir nennen einige Namen: Helmuth Müller, Walter-Mittag, Bruno Rieke, Albert Hony, Theodor Krötz, Max Metzler, Aloys Friedrich, Kuerten & Winter.

*Theodor Kroetz* begann vor 25 Jahren mit einem Kapital von Rs. 800\$000, indem er eine Schneiderwerkstätte eröffnete (in Teewald, Herval, Munizip S. Leopoldo, Rio Grande do Sul), der er später eine sogenannte Venda angliederte. 1919, im Jahre der Übersiedlung nach Porto União, war das Geschäftskapital auf 150 Contos angewachsen, das Th. Kroetz zur Etablierung der jetzigen Firma T. Kroetz verwendete, die sich als Eisenwarengeschäft spezialisierte, und dem sich nachher noch die Fordagentur mit Vertretungen anschloß. Das Geschäft verfügt heute über ein Kapital von ungefähr 700 Contos.



wegen bestehen teilweise Zwischenverbindungen. Die Straße Itajahy—Joinville ist im Ausbau und nach ihrer Vollendung die kürzeste Straßenverbindung zwischen Florianopolis und Curitiba hergestellt.

Die Fortschritte im Ausbau des Straßennetzes begünstigten in den letzten Jahren den *Autoomnibusverkehr* derart, daß er heute als mächtige Konkurrenz für alle anderen Transportunternehmungen, insbesondere für die Eisenbahnen in Betracht kommt. Blumenau allein verfügt z. Z. über mehr als 30 Personen- und Frachtomnibuslinien, welche rasche und billige Verbindungen im Umkreise von 100-150 km der Stadt herstellen. Ebenso verfügen die Staatshauptstadt, Itajahy und Joinville über dichte und weitreichende Autoverbindungen.

Das *Telegraphenwesen* liegt in Verwaltung des Bundes. Der Nationaltelegraph verfügt über ein ausgedehntes Netz und unterhält im Staate Sta. Catharina 60 Telegraphenämter. Die in Florianopolis befindliche Kabelstation gehört der "The Western Telegraph Company Limited", während die in Florianopolis und Blumenau etablierten Radioelegraphenstationen Eigentum des Bundes sind.

Während noch vor 2 Jahren nur an den Hauptplätzen des Staates private *Telephongesellschaften* bestanden, existiert heute ein weitverzweigtes Oberlandtelephonnetz der Cia. Telefonica mit Sitz in Florianopolis und Verbindung nach Tijucas, Brusque, Itajahy, Blumenau, Joinville, São Francisco Laguna etc. Der Bund unterhält weiter 150 Postämter im Staate und von den Ämtern in Florianopolis, Blumenau, Joinville und Laguna ist der direkte Postpaketverkehr (*colli postaux*) mit den an den Weltpostverein angeschlossenen Auslandsstaaten möglich. Santa Catharina nimmt außerdem am Luftpostverkehr teil, der vom Condor-Syndikat und der Latecoére S. A. besorgt wird. Flugstationen sind Florianopolis, Itajahy, São Francisco und Laguna. Das Condor-Syndikat dient auch der Personenbeförderung.

Wichtige Verkehrsmittel außer den schon erwähnten sind der Ochsenwagen in seiner primitiven Form wie ihn Tacitus schildert mit Achse und Vollrädern aus Holz, der Wagen (*carreta*), und Pferde und Maulesel (*cargueiros*). Mauleseltrupps bringen heute noch einen großen Teil der Produkte des Hochlands nach dem Küstengebiet, sowie Mate aus den Wäldern zu den Venden und Mühlen. Sie waren das erste Transportmittel in der Pikade, wo Straßen überhaupt fehlten und sie sind es da auch heute noch.

Der Ochsenwagen hat schon eine Straße oder festes Kampfgelände zur Voraussetzung. Wir treffen ihn im Innern, insbesondere in lusobrazilianischen Gegenden noch häufig an. Er schämt sich seines Daseins im 20. Jahrhundert keineswegs, sondern macht sich auf weite Entfernung durch sein „melodisches“ Quietschen bei der Fahrt bemerkbar. Die bei Regen sofort grundlosen Wege gestatten eben stellenweise noch keinen Verkehr mit fortschrittlicheren Verkehrsmitteln.

Auf der Dona Francisca-Straße und auch auf den Hauptstraßen von Florianopolis nach dem Hochlande herrscht der vierrädrige Planwagen mit Vorspann von 2-7 Pferden oder Mauleseln vor. Der Transport von

(Escola Normal), das dieser gleichgestellte Schwesternkolleg, ferner eine Gewerbeschule und eine Kaufmannsschule.

Städtliche öffentliche Bauten wie der Regierungspalast, das Parlamentsgebäude, die Normalschule, die Polizeikaserne, imposante Kirchen, große Geschäftshäuser, schön angelegte öffentliche Plätze und schmucke Privathäuser geben Florianopolis trotz vielen alten Winkelwerks und enger Gassen ein städtisches Gepräge.

Die Insel ist noch schwach besiedelt. Teilweise herrscht hier Wechsel-  
fieber. Die langgedehnten malerischen *Praias*, die einen herrlichen Bade-  
strand bieten, die Binnenseen und Dünen bei Lagoa sowie der Kreuzberg,  
welcher die Stadt überragt, bilden lohnende Ausflugsplätze.

*São José*: Das schon 1750 gegründete schmucke Landsstädtchen *São José* war einst als Endstation der *Tropas* vom Hochlande von großer Bedeutung.

In raschem Aufblühen befindet sich seit Vollendung der großen Brücke der Ort *Estreito*, welcher Florianopolis gegenüber liegt. Während Handel und Gewerbe im Munizip sonst unbedeutend sind, seitdem sich *Palhoça* entwickelte, versorgen die Kolonien *São Pedro* und *Angelina* nach wie vor zum großen Teil die Hauptstadt mit ihren Erzeugnissen.

*Palhoça*. Dies Munizip umfaßt die deutschen Siedlungen von *Theropolis*, *Capivary* und *S. Izabel* und weist eine bedeutende landwirtschaftliche Produktion auf. Der Stadtplatz hat sich in den letzten Jahren gut entwickelt. Industrielle Ausführprodukte sind neben landwirtschaftlichen Erzeugnissen Fett, Ziegelsteine, Holz, Bier und Fruchtweine.

*Biguassú* ist wie *Palhoça* ein vorwiegend landwirtschaftliches Munizip. Hier finden sich auch größere Kulturen von Ananas und Orangen. Der Stadtplatz zählt etwa 2000 Einwohner.

*Porto Bello's* Bedeutung besteht lediglich in seiner Geschichte und seinem guten Hafen, der aber unbenutzt ist.

*Tijucas* — Die Stadt *Tijucas* liegt an der Mündung des Flusses gleichen Namens. Sie weist reges geschäftliches Leben auf und zählt 5000 Seelen. Große Segelschiffe besorgen den Frachtverkehr vom Flußhafen nach *Laguna* und bis *Cabo Frio*. Der Export von Holz und landwirtschaftlichen Produkten ist nennenswert.

Das Munizip *Camboriú* ist Hauptproduzent von Kaffee. Landwirtschaft und Handel sind im übrigen unbedeutend.

Das Munizip *Nova Trento* ist sehr gebirgig. Die Bevölkerung ist vorwiegend italienischer Abstammung, genügsam und fleißig. Mehrfach wurden Versuche mit Seidenraupenzucht gemacht, teilweise mit gutem Erfolg. Die landwirtschaftliche Kultur ist dieselbe wie im übrigen Küstengebiet.

Über die vorwiegend deutschen Munizipien *Brusque*, *Blumenau*, *Joinville* und *São Bento* wurde bereits in früheren Kapiteln eingehender berichtet.

Das Munizip *Itajahy* ist eines der bedeutendsten des Staates, weniger in wirtschaftlicher als in politischer Beziehung als Heimat von *Lauro*



rian weiter. Die Zahl der „Eselsschulen“ vermehrte sich wohl und erstreckte sich auch auf das Land, aber sonst blieb alles beim Alten.

Erst seit kurzer Zeit haben sich die Schulverhältnisse in den meisten Bundesstaaten erheblich gebessert. In unserem Staate ist die Reform kaum zwanzig Jahre alt. Sie wurde durch den hochverdienten Gouverneur Coronel Vidal Ramos, unter Leitung des bewährten Schulmeisters aus S. Paulo, Inspektor Orestes Guimarães, im Jahre 1910 in Angriff genommen.

Dieser kurze Überblick über unser staatliches Unterrichtswesen beweist klar und deutlich, daß nie die Absicht bestand, die ersten Kolonisten schlechter zu behandeln als die alten eingebürgerten Elemente. Die Schule war dazumal, wo sie existierte, nur eine Anstalt, um parasitäre Elemente unterzubringen, und solche Schulen konnte der Neueingewanderte ganz gut entbehren.

Der Einwanderer mußte sich also mit dieser trostlosen Lage abfinden, die ihn vor die Wahl stellte, entweder geistig zu verkommen und das Los mancher portugiesischen Abkömmlinge zu teilen oder aus sich selbst Mittel und Wege zu schaffen, um die Erziehung seiner Kinder zu sichern. Der Deutsche entschied sich für das letztere und leistete in dieser Hinsicht eine vorbildliche Arbeit. Ja, man kann sagen: von den verschiedenen Einwandererrassen war die deutsche die einzige, die diese Aufgabe selbständig zu lösen verstand. Als der Deutsche sah, daß die Regierung für Schulen nichts übrig hatte, griff er sofort zur Selbsthilfe, zuerst zum Hausunterricht und später zum Zusammenschluß einiger Familien zwecks gemeinsamer Lehrstunden für ihre Kinder. Aus diesen bescheidenen Anfängen gingen die heutigen blühenden Schulgemeinden hervor.

Natürlich ließen die ersten deutschen Schulen, wegen Mangel an geeigneten Lehrkräften, viel zu wünschen übrig. Am Anfang suchten die Kolonisten unter sich selbst den Lehrer aus; gewöhnlich alte oder kränkliche Leute, die nicht mehr arbeiten konnten, oder auch solche, die die Capinhade ständig mit dem Lehrerstock vertauschen mußten. Einige Zeit darauf, in dem guten Glauben den Unterricht zu verbessern, übergaben sie die Schulen den hergelaufenen „Fadheuten“, zum Teil sehr unzuverlässigen Wandervögeln, die manches Unheil anrichteten und nicht immer ein gutes Beispiel für die Kinder waren. Erst viel später, als die Pfarrgemeinden sich bildeten, konnte der Geistliche Kirche und Schule zugleich, wenn auch spärlich und unregelmäßig versehen und so eine Übergangsperiode für die jetzige Schulgemeindenorganisation schaffen.

Wenn man bedenkt, mit welchen Opfern jener Anfangsunterricht verbunden war, muß man trotz dieser Mängel vor solchen Pionieren den Hut abnehmen. Schule und Religion bedeuteten für den Deutschen unentbehrliche Bedürfnisse. Von drüben her war er gewöhnt, jene geistige Nahrung zu genießen, und er und seine Kinder sollten sie auch im neuen Lande nicht entbehren müssen. Kein Wunder, daß der deutsche Immigrant in Kürze so hervorragende Erfolge erzielte, wie sie keine andere Rasse in Südbrasilien aufzuweisen vermag. Diese Kulturarbeit verdankt er hauptsächlich der Erziehung. Da die Lehrer zum größten Teil über keinerlei Kennt-

diese Gehälter nicht gerade verlockend wirken, im Gegenteil: jeden Tag lichtet sich die Reihe der tüchtigen Lehrer hauptsächlich männlichen Geschlechts, die entweder zur Bundesschule übertreten oder sich einem anderen ergiebigeren Berufe zuwenden. Der Staat wird also früher oder später gezwungen sein, die Gehälter der Lehrer zu erhöhen. Das Zweckmäßigste wäre, vorerst die provisorischen Lehrer denen der Bundesschulen gleichzustellen. Da das Verhältnis in der Anzahl wie 1:2 1/2 ist, würde diese Erhöhung mit 50% circa 360 Contos betragen. Zugleich müßte die Zahl der Landschulen um ein Drittel vermehrt werden, damit den Bedürfnissen der wachsenden Bevölkerung einigermaßen Rechnung getragen würde. Diese Maßnahme erheischte wiederum einen Mehraufwand von über 500 Contos. Wir stehen also vor einem überaus schwierigen Problem, das nicht zu lösen ist, ohne die Ausgaben für den Unterricht um 40% zu steigern, was natürlich ein Hochschrauben der Steuern bedingt. Daß dies ohne weiteres möglich sei, kann nur der behaupten, der die finanzielle Lage des Staates verkennt, und der die gegenwärtige ökonomische Krise Brasiliens nicht spürt.

Der zweite Punkt — *Mangel an geeignetem Personal* — ist zum Teil eine Folgeerscheinung der spärlichen Bezahlung. Die tüchtigen Elemente wenden sich vom Lehrerberufe ab. Diese Behauptung klingt wie ein Widerspruch, wenn man weiß, daß die Normalschule jedes Jahr eine neue Auflage von Diplomen herausgibt. Aber die in Florianopolis diplomierten Lehrer sind meist ledige Damen, die fern vom Elternhause ein selbständiges Leben nicht führen können, und auch dem Komfort der Stadt nicht gerne entsagen wollen. Diese Lehrerinnen kommen also nur für die Hauptstadt oder naheliegende Ortschaften in Frage, und diese sind schon so mit Normalisten überfüllt, daß sobald keine Stellen frei werden, zumal eine der vergangenen Regierungen eine große Anzahl *Professoras* nach der Hauptstadt zog und ihnen Scheinstellungen verschaffte. So entstanden die berühmten Anhängsel (*addidas*) oder Schmarotzer des Staatsunterrichts, ein Krebschaden für das öffentliche Schatzamt und ein empörendes und ungehöriges Beispiel im Erziehungsfache. Dieser Umstand beleuchtet eine der größten Schattenseiten des staatlichen Unterrichts, nämlich die Einnischung der Politik.

Das Fehlen von Nachwuchs aus der staatlichen Lehrerbildungsanstalt, veranlaßte im vorigen Jahre die gesetzgebende Gewalt den gleichartigen Instituten die Rechte der offiziellen Normalschule einzuräumen, sobald jene dasselbe Programm erfüllen und technisch sowohl wie materiell auf derselben Höhe stehen. Schon vor einigen Jahren hatte das Kolleg der deutschen Schwestern in Florianopolis diese Gleichstellung erlangt, es war also nicht mehr als recht und billig jenes Ausnahmegesetz in eine allgemeine Verfügung zu verwandeln, welche, nebenbei gesagt, schon zwei weiteren Schwesternschulen — einer in Lages und einer anderen in Porto-União — zu gutekam. Außerdem liefern die an fast jede erstklassige Schule angegliederten Komplementarschulen, die durch Beihilfe der Municipien unterhalten werden, jedes Jahr eine ansehnliche Zahl von Kandidaten für die Landschulen. Trotzdem muß der Staat noch immer zu außerfachlichen Hilfskräften greifen, um die entfernteren Landschulen, hauptsächlich auf dem

ren, da er als guter Moselaner immer ein fröhliches Herz besaß. In dieser Zeit würde ihm eine junge und anmutige Brasilianerin vorgestellt — die 14-jährige Tochter des Lokalchefs der konservativen Partei Coronel José Henrique Flores. Konder wurde in der Folge Pianolehrer der jungen Adelaide Flores. Die schon bestehende gegenseitige Sympathie verstärkte sich, und in kurzer Zeit waren Marcos Konder und Senhorita Adelaide da Silveira Flores verlobt.

Er gründet sein Heim und macht sich selbständig. Bisher noch Gast im fremden Lande, sollte er jetzt an diese Erde gefesselt werden und durch die Gründung eines eigenen Heims eine neue Heimat für sich und seine Nachkommen erwerben. Entschlossen, sich auch geschäftlich selbständig zu machen, kündigte er bei Malburg, um kurz vor seiner Heirat, die am 24. Juli 1877 stattfand, in der Straße Lauro Müller ein kleines Detailgeschäft aufzumachen.

Wer dies liest, meint wohl, der junge Bräutigam hätte entweder sich bei Malburg etwas erspart, oder die Braut sollte ihm eine Mitgift bringen. In Wirklichkeit sah die Sache ganz anders aus. Seine vierjährige Tätigkeit bei Malburg — ein Jahr als Lehrer und drei im Handel — endigte, statt mit Ersparnissen, mit einer kleinen Schuld bei seinem Freunde, dem schweizerdeutschen Kaufmann Samuel Heusi. Und von Mitgift konnte keine Rede sein. Erstens ist dies in Brasilien nicht Brauch, zweitens würde der alte Flores von dem jungen „allemao“ etwas erfahren haben, hätte er es gewagt seinem zukünftigen Schwiegersohn Geld oder sonstige Beihilfe anzubieten. Übrigens besaß Coronel Flores wenige flüssige Barmittel, sondern nur viel Land. Nein, Konder hatte kein Geld und brauchte es auch nicht. Dagegen verfügte er über gute Beziehungen und Kredit, die oft mehr wert sind im Leben als Geld. Die materiellen Nachteile seiner langjährigen Arbeit bei Malburg hatte er durch einen moralischen Ruf als tüchtiger Mann wettgemacht, der ihm als Anfangsstütze für sein selbständiges Leben dienen sollte. Im Handel wie in den Gesellschaftskreisen der kleinen Stadt war er beliebt und hoch angesehen; auch außerhalb hatte er sich Freunde erworben, und unter diesen befand sich Fernando Hackradt, der Gründer des Hauses Hoepcke in Desterro. Hackradt wußte ihn zu schätzen und gab ihm Kredit; mit diesem fremden Kapital fing er sein Geschäft an.

Der junge Vendist tat sein Möglichstes um sich emporzuarbeiten, jedoch war er zum Kleinkrämer nicht geschaffen. Nachdem er sich drei Jahre hindurchgeschlagen hatte, kam die Hochwasserkatastrophe von 1880, die in der Folge eine schwere wirtschaftliche Krisis heraufbeschwor. Von diesem Stocken wurde sein kleines Geschäft auch betroffen und dies veranlaßte ihn, die Türe freiwillig zu schließen, um nicht in größere Schulden zu geraten. Er liquidierte seine Firma, zahlte seine Gläubiger voll aus und fuhr dann allein nach Rio, sein Heil im Großhandel der Hauptstadt zu versuchen. Nach einigen Monaten unfruchtbareren Suchens kehrte Konder aber nach Itajahy zurück und beschloß ein neues Geschäft aufzumachen, jedoch auf einer anderen Basis: als Speditions- und Kommissionsfirma.

Und dieses Mal fand er den richtigen Weg. Nebenbei trieb Marcos Konder eigene Geschäfte in Kolonialprodukten und legte sich hauptsächlich

**ANEXO C**

**SELEÇÃO DE FOTOGRAFIAS**



Dr. WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUZA  
Präsident der Vereinigten Staaten von Brasilien.

Presidente dos Estados Unidos do Brasil



Dr. ADOLPHO KONDER  
Staatspräsident von Santa Catharina.

Governador do Estado de Santa Catarina





REICHSPRÄSIDENT VON HINDENBURG

Die Deutschen und Deutschstämmigen Brasiliens sehen am heutigen Tage mit berechtigtem Stolz auf eine hundertjährige, von reichen Erfolgen gesegnete Pionierarbeit zurück. Möge ihnen weiteres erfolgreiches Wirken beschieden sein zum Nutzen Brasiliens und ihrer alten Heimat zur Ehre.

*von Hindenburg*

PRESIDENTE DO REINO VON HINDENBURG

Todos os alemães e seus descendentes residentes no Brasil podem contemplar o dia de hoje com merecido orgulho, enfocando um trabalho pioneiro de cem anos, coroado de grande sucesso. Desejo-lhes a continuidade desse sucesso, beneficiando o Brasil e honrando sua pátria mãe

[assinado: Von Hindenburg]





Dr. VIGTOR KONDER  
Verkehrsminister Brasiliens.

Ministro do Transporte no Brasil

Quando terra de colonos, como é Santa Catharina, recordar  
o esforço e os comprometimentos do colono, e pelo que as suas  
virtudes e exemplos se mantêm vivos, continuando assim  
a colaborar no nosso desenvolvimento, constituem actos  
de gratidão e, mais que isso, de patriotismo. Rio, 31 maio 1929.  
Dr. Victor Konder.

In einem Kolonisationsland wie Santa Catharina Mut und Leistung des  
Kolonisten in Erinnerung zu bringen, auf dass seine hervorragenden Eigenschaf-  
ten und sein Beispiel fortleben und fortwirken bei unserer Weiterentwicklung,  
ist eine Pflicht der Dankbarkeit und mehr als dies: wahrer Vaterlandsiebe.